

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
ESCOLA DE ENFERMAGEM E FARMÁCIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Natália Palmoni Medeiros Dantas

“Puberdade: o que acontece comigo?” - Validação de um recurso pedagógico para a promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Maceió
2016

Natália Palmoni Medeiros Dantas

“Puberdade: o que acontece comigo?” - Validação de um recurso pedagógico para a promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), área de concentração: enfermagem no cuidado em saúde e na promoção da vida, linha de pesquisa: enfermagem, vida, saúde, cuidado dos grupos humanos, para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ruth França Cizino da Trindade

Maceió
2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

D192p Dantas, Natália Palmoni Medeiros.
 “Puberdade: o que acontece comigo?” – validação de um recurso pedagógico para a promoção da saúde sexual e reprodutiva /Natália Palmoni Medeiros Dantas. – 2016.
 128 f. : il.

Orientadora: Ruth França Cizino da Trindade.
Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Alagoas. Escola de Enfermagem e Farmácia. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 103-112.
Apêndices: f. 113-125.
Anexos: f. 126-128.

1. Puberdade. 2. Educação em saúde. 3. Sexualidade – Adolescência. 4. Educação sexual. I. Título.

CDU: 612.6.057-053.6

Folha de Aprovação

AUTOR: Natália Palmoni Medeiros Dantas

"Puberdade: o que acontece comigo?" - Validação de um recurso pedagógico para a promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas, área de concentração: enfermagem no cuidado em saúde e na promoção da vida, Linha de pesquisa: enfermagem, vida, saúde, cuidado dos grupos humanos, para obtenção do título de mestre em enfermagem.

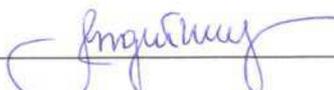


Prof.^a Dra. Ruth França Cizino da Trindade - UFAL (Orientadora)

Banca examinadora:



Prof.^a Dra. Anamelea de Campos Pinto - CEDU/UFAL (Examinador externo)



Prof.^a Dra. Ingrid Martins Leite Lucio - ESENFAR/UFAL (Examinador interno)

Dedico as crianças e pré-adolescentes que estão iniciando a puberdade. Que este estudo seja um recurso útil para a promoção de uma saúde sexual e reprodutiva mais saudável e livre de preconceitos, mitos e tabus, pois falar de sexualidade é falar de saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de ter conseguido ingressar neste mestrado, bem como por todas as coisas que aprendi e vivi durante esta caminhada.

Aos meus queridos pais, Paulo e Mônica, pelo apoio, incentivo e dedicação.

Ao meu irmão, Lucas, por todas as idas e vindas, pelos favores na UFAL, pelas compras de folhas, cartuchos, encadernações, por ter estado junto comigo nesta caminhada.

Aos meus tios, primas e avó, pela compreensão nos momentos de ausência e pelo apoio em todos os momentos.

Ao meu noivo, Eduardo, que foi meu ombro amigo nos momentos de desespero, meu maior incentivador para continuar nesta caminhada. Obrigada pela sua compreensão e dedicação, pelos abraços reconfortantes e por pegar na minha mão e seguir junto comigo.

À minha turma de mestrado, não poderia ter tido turma melhor, agradeço imensamente pela oportunidade de conhecer cada uma. Obrigada pelo incentivo diário, pelo carinho e amor que construímos.

À minha querida orientadora, Prof. Dr^a Ruth França Cizino da Trindade, digo e repito: foi a melhor orientadora que eu podia ter! Não aprendi, apenas, ser mestre com ela, mas ser uma pessoa mais forte e otimista.

Ao grupo de pesquisa, em especial Marília, Andreia, Jovânia, Juliana, Rita, Carol, pelo amadurecimento e saberes compartilhados.

Às juízas, que aceitaram participar desta pesquisa e assim fizeram da maneira mais sábia e dedicada possível, trazendo valiosas contribuições para o aperfeiçoamento desta dissertação.

Às professoras Ingrid e Anamelea, por todas as sugestões, por compartilharem comigo suas experiências e sabedoria, que foram indispensáveis para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

Enfim, a todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram para a concretização de mais essa etapa em minha vida,

Muito obrigada!

De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos antes de
terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!

(Fernando Sabino)

RESUMO

Abordar o tema sexualidade desde a infância à adolescência é relevante, no entanto, apesar da normatização da inserção da educação sexual nas escolas, o que se observa são projetos educacionais numa perspectiva biologicista. Lacunas deixadas nesta perspectiva demonstram a necessidade de utilização de tecnologias educativas com o propósito da educação sexual ser orientada para a conquista da autonomia e decisão informada dos adolescentes. As tecnologias educativas são meios auxiliares na formação de uma consciência crítica para uma vida saudável. Desta forma, sentiu-se a necessidade de elaborar e utilizar um material didático que despertasse o interesse, a criticidade e a autonomia de pré-adolescentes, bem como possibilitasse um aprendizado significativo, lúdico e divertido. A História em Quadrinhos (HQ), apesar de antiga, ainda encanta diversas faixas etárias. Objetivou-se analisar a História em Quadrinhos denominada “Puberdade: o que acontece comigo” da Série Sexualidade e Educação como recurso pedagógico direcionado para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de pré-adolescentes; identificar características e/ou conceitos na História em Quadrinhos que possam ser aperfeiçoados ou modificados; validar a História em Quadrinhos quanto à validade de conteúdo e aparência englobando a clareza, pertinência e representatividade. Sua construção baseou-se na teoria da interação social de Lev Semionovitch Vygotsky. Trata-se de um estudo metodológico que se debruçou sobre o conteúdo de uma História em Quadrinhos, com base na avaliação de dez juízes, distribuídos entre professores da educação básica, pesquisadores e profissionais da rede básica de saúde no período de maio a outubro de 2015. Os dados foram extraídos por meio da aplicação de questionários individuais na forma de escala Likert com itens distribuídos em dois blocos de análise, clareza com 10 (dez) itens e representatividade com 11 itens. Os dados foram descritos e, para análise, utilizou-se o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) para medir a proporção de participantes que estão em concordância sobre os painéis ou itens das Histórias em Quadrinhos. Na validação de aparência e conteúdo os juízes fizeram várias sugestões, entretanto, houve tendência dos juízes optarem pelas respostas em concordância. A maioria das respostas no bloco da clareza ficou em claro (46) e muito claro (40), alcançando o nível de concordância esperado de 86% e no bloco da representatividade ficou em representativo (58) e extremamente representativo (34), atingindo um nível de concordância de 83%, demonstrando que o recurso pedagógico foi considerado válido. Este trabalho reveste-se de grande importância, visto que representa uma oportunidade de orientar professores e pais na forma de lidar com esta fase de vida, promovendo autonomia dos adolescentes e constituindo-se em um recurso para a saúde pública, de abordagem pluralista, que valoriza o caráter universal da puberdade e o singular da adolescência, podendo ser usado nas escolas e extramuros, trazendo um avanço efetivo no campo da educação em saúde.

Palavras-chave: Educação sexual. Educação em saúde. Puberdade. Sexualidade. Adolescência.

ABSTRACT

Addressing the theme sexuality since childhood to adolescence is relevant, however, despite the standardization of inclusion of sex education in schools, what is observed are educational projects in biologicist perspective. Gaps left in this perspective demonstrate the need to use educational technologies with the purpose of sex education directed to the achievement of autonomy and informed decision of adolescents. Educational technologies are resources for the formation of a critical conscience for a healthy life. Thus, the need to develop and use educational material to arouse interest, criticality and autonomy of preteens as well as make it possible a significant, playful and fun learning was felt. The comic (HQ), although old, still enchants different age groups. This study aimed to analyze the comic book called "Puberty: what happens to me" of the serie Sexuality and Education as a pedagogical resource directed to the promotion of sexual and reproductive health of preteens; identify characteristics and / or concepts in comics that can be improved or modified; validate the comic as to the validity of content and appearance, encompassing clarity, relevance and representativeness. Its construction was based on the theory of social interaction of Lev Vygotsky Seminovitch. This is a methodological study which focused on the content of a comic based on the evaluation of ten judges, distributed among basic education teachers, researchers and the primary care network professionals in the period from May to October 2015. Data were extracted through the application of individual questionnaires in the form of Likert scale, with items distributed in two analysis blocks, clarity with 10 items and representativeness with 11 items. The data was described and, for analysis, we used the Content Validity Index (CVI) to measure the proportion of participants who are in agreement on the panels or items of Comics. In appearance and content validation, judges made several suggestions, however there was a tendency of the judges to choose the answers accordingly. Most of the answers in the block of clarity was in the clear (46) and very clear (40), reaching the expected level of agreement of 86% and of the block of representativeness was in representative (58) and extremely representative (34), reaching an agreement level of 83%, demonstrating that the pedagogical resource was considered valid. This work is of great importance, as it represents an opportunity to guide teachers and parents on how to deal with this phase of life, promoting the autonomy of adolescents and constituting as a resource for public health with pluralistic approach, which values the universal character of puberty and the unique character of adolescence, with its use been possible in schools and extramural, bringing an effective breakthrough in the field of health education.

Keywords: Sex education. Education in health. Puberty. Sexuality. Adolescence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa da História em Quadrinhos pág. 01.....	81
Figura 2 - Diálogo da professora com os estudantes pág. 06.....	89
Figura 3 - Diálogo da professora com estudantes pág. 13.....	90
Figura 4 - Legenda e uso de letras em diferentes tamanhos pág. 23.....	91
Figura 5 - Mudanças que acontecem com o corpo feminino pág. 11.....	92
Figura 6 - Como jogar fora um absorvente externo pág. 19.....	93
Figura 7 - Sequência dos quadrinhos pág. 19.....	94
Figura 8 - Linhas que demarcam os quadrinhos pág. 17.....	95

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** - Caracterização dos juízes do estudo..... 59
- Quadro 2** - Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Linguagem visual (Icônica) da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?” 65
- Quadro 3** - Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Linguagem Verbal da História em Quadrinhos “Puberdade: O que acontece comigo?” 70
- Quadro 4** - Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Apresentação da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?” 73
- Quadro 5** - Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre Aspectos Integrais do ser no contexto da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?” 75

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** - Coeficiente Alfa de Cronbach, segundo a clareza e representatividade..... 60
- Tabela 2** - Distribuição dos escores e índices de concordância por itens obtidos dos juízes sobre a recurso pedagógico “Puberdade: o que acontece comigo?”, segundo a clareza e representatividade..... 61
- Tabela 3** - Distribuição dos escores e percentual de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Puberdade: o que acontece comigo?”, segundo a clareza..... 62
- Tabela 4** - Distribuição dos escores e percentual de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Puberdade: o que acontece comigo?”, segundo a representatividade..... 63

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ESENFAR - Escola de Enfermagem e Farmácia

GEESS - Grupo de Estudo: Enfermagem, Saúde e Sociedade

HQ - Histórias em Quadrinhos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IVC - Índice de Validade de Conteúdo

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação e Cultura

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

OPAS - Organização Pan-americana de Saúde

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNDS - Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher

SINASC - Sistema de Informação de Nascidos Vivos

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Aproximação com a temática	15
1.2 A construção do objeto de estudo	22
2 OBJETIVOS	25
2.1 Objetivo geral	25
2.2 Objetivos específicos.....	25
3 REVISÃO DE LITERATURA	26
3.1 Adolescência, puberdade e sexualidade.....	26
3.2 Recurso pedagógico como proposta de promoção da saúde sexual	31
3.3 Histórias em Quadrinhos e seu potencial na educação	37
3.4 Validação de um recurso pedagógico	40
4 REFERENCIAL TEÓRICO	42
5 METODOLOGIA	48
5.1 Tipo de estudo	48
5.2 Local do estudo	48
5.3 Participantes do estudo.....	49
5.3.1 Critérios de inclusão	49
5.3.2 Critérios de exclusão	50
5.4 Aspectos Éticos	50
5.5 Procedimentos de coleta de dados	51
5.6 Tratamento dos dados	56
5.7 Análise dos dados	56
6 RESULTADOS	59
6.1 Caracterização dos juízes.....	59
6.2 Validação de aparência e conteúdo do recurso pedagógico	60
6.2.1 Dados quantitativos	61
6.2.2 Dados qualitativos	65
7 DISCUSSÃO	77
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICES	116
ANEXOS	129

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aproximação com a temática

O interesse pelo tema desta pesquisa surgiu a partir de experiências com projetos vinculados ao grupo de pesquisa intitulado Grupo de Estudo: Enfermagem, Saúde e Sociedade (GEESS), vinculado ao CNPQ e liderado pela orientadora desta pesquisa. A linha de investigação do grupo de pesquisa é referente à saúde sexual e reprodutiva, à saúde da mulher e do homem em seu ciclo de vida, ao contexto de violência em que vive a sociedade e sua repercussão.

Além disso, a orientadora desta pesquisa tem uma experiência singular em que realiza estudos abordando questões referente a saúde sexual e reprodutiva desde 2000, como demonstra um trabalho publicado na Revista de Enfermagem UFPE no ano de 2015, em que foi observada a necessidade de reformulação dos programas de atenção ao adolescente utilizando alternativas metodológicas que tivessem mais impacto na saúde dos mesmos (FRANÇA et al, 2015).

Desde 2009, o grupo de pesquisa vem realizando ações de extensão de educação em sexualidade com estudantes e professores da educação básica e durante este tempo observou-se a dificuldade com que esta temática é abordada e os desafios que os educadores vêm enfrentando por não terem acesso aos avanços exigidos no processo ensino-aprendizagem (HOLANDA, TRINDADE, 2009; TRINDADE, CAVALCANTI, 2010; TRINDADE et al, 2011; ARCELINO, SOUZA, TRINDADE, 2011; TRINDADE et. al, 2012; FRIEMAN et al, 2013).

Isto fez despertar o interesse em ingressar neste grupo e desenvolver a pesquisa sobre saúde sexual e reprodutiva com os adolescentes, tendo em vista que esta temática é relevante por abordar questões de foro íntimo e que provoca tabus para muitos, mas que precisam ser estudados e aprofundados na perspectiva da melhoria da educação sexual e reprodutiva da população em geral promovendo saúde e bem-estar.

A escolha pelo tema desta pesquisa surgiu dos encontros com o grupo, em que a coordenadora do grupo de estudo estava desenvolvendo um projeto ampliado denominado “Série Sexualidade e Educação” e trouxe suas ideias e contribuições a fim de desenvolver a pesquisa. Esta proposta apresentada prévia a elaboração de

um recurso pedagógico, objetivando contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de adolescentes em sexualidade e validar sua aplicação.

O recurso pedagógico escolhido para ser construído e validado foi a História em Quadrinhos (HQ), tal escolha deve-se ao fato das HQ terem uma linguagem verbal e visual que chama a atenção do público jovem, além de apresentar uma narrativa relativamente curta e que geralmente costuma ser envolvente, divertida, dinâmica e que, muitas vezes, colabora para uma reflexão ao retratarem conflitos de foro pessoal ou vividos pelos mais diversos grupos sociais da atualidade (NUNES; GONÇALVEZ, 2010).

Este macro projeto compreende quatro volumes de Histórias em Quadrinhos: 1. Puberdade: o que acontece comigo?; 2. Fecundação: Meu corpo pode gerar uma vida?; 3. Iniciação Sexual: Já estou pronto para iniciar minha vida sexual? e 4. Métodos Contraceptivos: Sou jovem e ainda não quero gerar uma vida, financiado pelo CNPQ.

Elegeu-se como objeto de estudo desta pesquisa a validação do recurso pedagógico “Puberdade: o que acontece comigo?” para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de pré-adolescentes.

Este faz referência à importância de compreender que a educação é um processo de construção de conhecimento o qual ocorre em condição de complementariedade, por um lado, os estudantes e professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído. Esta concepção leva em conta que a aprendizagem é fruto de uma construção pessoal de cada indivíduo (TRINDADE, 2013).

Os estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS) revelam que a iniciação sexual precoce está associada com o não uso ou uso inadequado de preservativos e suas consequências, tais quais, a gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis (BRASIL, 2009).

De acordo com a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS), o percentual de mulheres que tiveram relação sexual até os 15 anos de idade triplicou e houve crescimento do uso do preservativo na primeira relação sexual entre jovens. Esse aumento significativo foi acompanhado de um incremento no uso do preservativo na primeira relação sexual nessa faixa etária, o que pode espelhar uma transformação do comportamento desse grupo (BRASIL, 2009).

No entanto, apesar do crescimento do uso do preservativo pela população brasileira de ambos os sexos e em todas as faixas etárias ter se acentuado, a consistência desse uso é ainda bastante reduzida. Os dados da PNDS 2006 revelaram que apenas 18,9% das mulheres sexualmente ativas nos últimos 12 meses fizeram uso consistente do preservativo, com menores percentuais entre casadas/unidas, pertencentes à classe econômica E e de baixa escolaridade (1 a 3 anos de estudo), 11,2%, 10,1% e 4,8%, respectivamente (BRASIL, 2009).

Os dados levantados na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) revelaram que a frequência de escolares adolescentes do sexo masculino que tiveram relação sexual foi de 43,7%. Entre os escolares do sexo feminino a proporção foi de 18,7%. Nas escolas públicas, foram constatados mais escolares que já iniciaram a sua vida sexual (33,1%) quando comparados aos escolares das escolas privadas (20,8%) (BRASIL, 2009).

Em 2013, foi divulgado um relatório pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) que retrata a situação da gravidez na adolescência em todo o mundo. Foi observado que no Brasil 26,8% da população sexualmente ativa iniciou sua vida sexual antes dos 15 anos. Outro dado, de 2010, destacava que 12% das adolescentes de 15 a 19 anos possuíam pelo menos um filho (ONU, 2013).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU):

Em todas as regiões do mundo, meninas pobres, com baixa escolaridade e residentes no meio rural são mais susceptíveis a engravidar do que as meninas mais ricas, urbanas e com mais escolaridade. Também têm maior probabilidade de engravidar as meninas pertencentes a minorias étnicas ou grupos marginalizados, que não têm escolhas e oportunidades na vida, ou que têm pouco ou nenhum acesso à saúde sexual e reprodutiva, incluindo informação e serviços de contracepção (ONU, 2013 p.04).

Analisando o Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC) observa-se que no Estado de Alagoas houve um crescimento no número de nascidos vivos de mães com idade entre 10 e 14 anos de 4,12% no período de 2000 a 2010 (DATASUS, 2015).

Pesquisa realizada em Maceió com 800 participantes mostra que a maioria dos entrevistados (61%), entre homens e mulheres, iniciou a vida sexual na faixa de idade entre 15 e 19 anos de idade, não havendo diferença significativa dentre homens e mulheres nesta faixa etária. Já na faixa de idade de 11 a 14 anos, a qual representa a pré-adolescência, os homens aparecem numa proporção maior do que

as mulheres (34,38% e 19,53%, respectivamente). Isso reforça a importância do acesso às informações sobre sexualidade ainda na pré-adolescência, ou seja, na puberdade (TRINDADE; FELICIANO, 2012).

Esses dados reforçam a necessidade da abordagem da saúde sexual por um outro prisma, tendo em vista que na grande maioria das vezes quando se fala em educação sexual, refere-se aos riscos de adquirir uma Doença Sexualmente Transmissível ou gravidez indesejada, deixando de lado a questão cultural, social e de gênero (TRINDADE, 2013).

A Organização das Nações Unidas (ONU) sugere a necessidade de uma mudança que ultrapasse as intervenções de foco limitado aos riscos para abordagens amplas que possam dar capacidade aos jovens de tomar decisões saudáveis sobre suas vidas, incluindo questões de saúde sexual e reprodutiva. É necessário tanto o acesso aos serviços de saúde e de educação, quanto levar em consideração o meio em que se vive, as pressões econômicas e sociais a que estão submetidos (ONU, 2013).

Em um estudo realizado em Goiânia, com o objetivo de compreender a participação dos enfermeiros na atual política de atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, foi demonstrado que atenção integral direcionada aos adolescentes constitui-se num desafio. Os profissionais apontam as condições precárias de trabalho, a falta de materiais educativos, estrutura física inadequada e os inúmeros programas que tinham que desenvolver dentro da Unidade de Saúde como fatores que impossibilitam o desempenho pleno voltado aos adolescentes na perspectiva da promoção da saúde (OLIVEIRA; CARVALHO; SILVA, 2008).

Além desta problemática apontada pelos enfermeiros do estudo citado acima, observa-se que os adolescentes não são comumente encontrados nos serviços de saúde, pois os profissionais ainda não conseguem estabelecer práticas fora do biológico e de forma eficiente para aumentar o acesso desse grupo populacional às unidades de saúde.

Estudo realizado com jovens de 15 a 19 anos no Rio Grande do Norte com o objetivo de apreender as representações sociais de adolescentes sobre sexualidade, a partir de suas experiências pessoais, evidenciou um contexto fortemente marcado pela dificuldade de diálogo sobre sexualidade, dificultando o acesso dos adolescentes aos serviços de saúde por medo e/ou vergonha,

contribuindo para uma condição de vulnerabilidade dos mesmos (MACEDO, et al, 2013).

Ainda neste estudo, foi observado que as meninas adolescentes reconhecem mais que os meninos a necessidade de procurar o serviço de saúde mas não o fazem devidos aos valores e tabus da sociedade circunscritos na esfera do senso comum (MACEDO, et al, 2013).

A criação do Programa Saúde do Adolescente (PROSAD) trouxe como primórdio a necessidade da integralidade das ações de saúde para esta população. E sendo a sexualidade uma manifestação psicoafetiva individual e social que transcende sua base biológica, faz-se necessário uma abordagem sem repressão ou ditaduras, compreendendo os medos e anseios do adolescente para, então, possibilitar seu desenvolvimento integral (BRASIL, 1996).

A sexualidade, como tudo na vida, é resultado de uma aprendizagem, para tanto, é responsabilidade da sociedade e dos profissionais zelarem para que a maioria dos jovens entrem na puberdade livre de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e de graves problemas sexuais (BRASIL, 1996).

Esta discussão deve permear também o universo escolar e familiar. É na escola que encontram-se os adolescentes. A escola, na função social, que é eminentemente educacional e, dentro de sua especificidade, que de acordo com o Conselho Federal de Educação, órgão vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), deve contribuir com a educação geral do indivíduo, desenvolvendo aspectos da vida cidadã como saúde, sexualidade, entre outras abordagens, podendo, neste sentido ser apoiada pela universidade com vistas ao desenvolvimento de novas tecnologias educacionais que atuem em questões fundamentais da vida e da saúde dos adolescentes (BRASIL, 1998).

Evidências recentes demonstram que as abordagens de empoderamento quanto a educação sexual levam a melhor saúde sexual, sendo necessário que a educação seja voltada para promoção da igualdade de gêneros e habilidades de um pensamento crítico-reflexivo. No contexto de educação formal, observa-se que muitos professores recebem a atribuição de ensinar sobre educação sexual e, muitas vezes, por falta de conhecimentos e atitudes reduz a educação sexual as questões meramente de riscos (ROGOW et al. 2013).

Diversos estudos apontam que o problema não está centrado somente na falta de informação científica sobre a forma de transmissão dos conteúdos relacionados a sexualidade, mas também na forma como essa informação é transmitida. O ato de receber uma informação inteiramente científica não a transforma em um comportamento sexual saudável. Isto não quer dizer que informação científica não é importante, mas, sozinha, ela não é capaz de alcançar o senso de autoconsciência nem de levar o adolescente a uma compreensão emocional de sua sexualidade (BRANDÃO, HEILBORN, 2006; NETO et al, 2012; GUIMARÃES, VIEIRA, PALMEIRA, 2003).

Para tanto, faz-se necessário que os educadores sejam capacitados a ir, em suas intervenções, além do modelo biológico com discussões e reflexões sobre a sexualidade enquanto uma dimensão socialmente construída, contemplando as perspectivas físicas, psicológicas, emocionais, culturais e sociais, evitando, contudo, o reducionismo biológico, no intuito de estar mais próximo do adolescente e alcançar com mais pertinência a promoção de sua saúde integral (BORGES, NICHATA, SCHOR, 2006).

Tendo em vista lacunas relacionadas à educação, no que concerne ao aprendizado relacionado às questões sexuais e reprodutivas, acredita-se que a área da saúde muito pode contribuir para a educação em sexualidade com o enfoque na promoção da saúde, procurando identificar e enfrentar os macrodeterminantes do processo saúde-doença e buscar transformá-los favoravelmente na direção da saúde.

Atualmente, existem diferentes enfoques teóricos e práticos de como fazer “promoção de saúde”, para autores como Cerqueira (1996), a promoção da saúde representa um campo de ação amplo que exige o envolvimento da população para que esta incorpore estilos de vida saudáveis e melhore o seu autocuidado. Por sua vez, promover a saúde de jovens, incorporando informações sobre sexualidade, exige um desafio para a criação de estratégias mais eficazes de participação.

Em um estudo realizado por monitores do PET-saúde, da Universidade de Brasília, com adolescentes de escolas públicas de ensino fundamental e médio dos municípios de Ceres e Santa Isabel, em Goiás, foi demonstrada a importância do desenvolvimento de uma ação crítica, reflexiva e participativa para a promoção da

saúde dos adolescentes, abordando o tema sexualidade dentro da realidade local (NETO et al, 2012).

Neste mesmo estudo os autores perceberam que existem raras oportunidades para discutir o tema e esclarecer as dúvidas dos adolescentes. Os pais, normalmente, não estão preparados ou não são abertos ao diálogo. A escola pouco aborda o tema e, quando o faz, utiliza métodos pouco atrativos. Além disso, os adolescentes, comumente, não procuram o atendimento de saúde para buscar informações (NETO et al, 2012).

Portanto, reforça-se a utilização de novas estratégias que atraem a atenção dos adolescentes para a discussão informada sobre sexualidade. As atividades devem promover a reflexão sobre questões psicossociais e não só biológicas, respeitando e valorizando os conhecimentos e estimulando a partilha de experiências (BRASIL, 2007).

Para Brandão e Heilborn (2006), a discussão sobre sexualidade e reprodução na juventude não pode ocorrer isolada do contexto sociocultural que modela as relações sociais nas quais os jovens estão inseridos. O mais importante é criar um espaço de diálogo para a vivência do assunto com naturalidade e criatividade, capacitando os adolescentes a buscarem informações por si mesmos, auxiliando a construção de sua autonomia a partir da sexualidade.

Desta forma, acredita-se que o uso de novas tecnologias educacionais, somado a uma mudança de atitude e estratégia de educação, pode oferecer maior autonomia aos estudantes no seu processo de aprendizagem sobre sexualidade dinamizando a forma como os conteúdos e as competências serão absorvidos e atingidos pelos mesmos (BEHAR E TORREZZAN, 2009; MEDEIROS et al, 2014; ALBERTI et al, 2014).

A proposta deste trabalho de validar o recurso pedagógico “Puberdade: o que acontece comigo?” representa uma oportunidade de oferecer um material educativo que possa orientar professores e pais na forma de lidar com esta fase de vida, bem como de promover ao adolescente um mecanismo de aprendizado mais próximo de sua realidade e que desperte neste o desejo pelo aprender, constituindo-se um recurso para saúde pública de abordagem pluralista, que valoriza o caráter universal da puberdade e o singular da adolescência, podendo ser usada nas escolas e extramuros, trazendo um avanço efetivo no campo da educação em saúde.

Tem-se, portanto, como questionamento de pesquisa: A História em Quadrinhos denominada “Puberdade: o que acontece comigo” da Série Sexualidade e Educação como recurso pedagógico direcionado para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de pré-adolescentes é considerada válida para ser utilizada por este público alvo?

1.2 A construção do objeto de estudo

O processo de construção deste recurso didático foi planejado e desenvolvido por uma equipe formada por acadêmicos e mestrandos de enfermagem em parceria com um profissional arquiteto e coordenado pela professora responsável pelo projeto. A construção deste recurso didático faz parte do projeto matriz denominado “Série Sexualidade e Educação” e teve o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do Programa Novos Talentos (Edital 033/2010/CAPES/DEB).

De acordo com Amante e Morgado (2001), o processo de construção dá-se em quatro etapas: concepção do projeto, planificação, implementação e avaliação. (AMANTE & MORGADO, 2001). Na primeira etapa da construção, que é a concepção do projeto, foi realizada uma análise da necessidade da criação de um material didático voltado para o público de pré-adolescentes que contemplasse a temática puberdade. Assim, pesquisou-se sobre o que havia sido feito no sentido de tecnologias educacionais voltado para o melhor processo de ensino-aprendizagem nesta temática.

A partir desta pesquisa, sentiu-se a necessidade de elaborar um material didático que despertasse o interesse, a criticidade e a autonomia do pré-adolescente, bem como possibilitasse um aprendizado significativo, lúdico e divertido. Então, optou-se por usar a técnica das Histórias em Quadrinhos (HQ), tendo em vista que a interligação do texto com a imagem amplia a compreensão de conceitos (RAMA; VERGUEIRO, 2014), bem como, foram delimitados os objetivos pedagógicos, o público-alvo, o cenário, a estrutura e o conteúdo a ser abordado.

Na segunda etapa, a planificação, foi realizado um levantamento de livros didáticos e textos científicos na área da educação sexual para pré-adolescentes e, durante os encontros do grupo de pesquisa GESS (Grupo de Estudos: Enfermagem, saúde e sociedade) da Universidade Federal de Alagoas, deu-se o início do

desenvolvimento do material didático selecionando e organizando os conteúdos e a proposta pedagógica que seriam utilizados.

Após esse momento, o grupo foi dividido em duas equipes, pedagógica e técnica. A equipe pedagógica, responsável pela elaboração do material teórico e design pedagógico, formada por graduandos e mestrandos de enfermagem e pela coordenadora do projeto, e a equipe técnica, responsável pela construção dos desenhos, formada por um arquiteto e cartunista.

Assim, partimos para a terceira etapa do processo de construção, que é a implementação, em que a HQ foi concebida e projetada a partir de um Design Pedagógico que, segundo Behar e Torrezan (2009), integra vários elementos correlacionados, tais como design e educação, e tem como objetivo colaborar na construção de materiais educacionais que possibilitem ao usuário uma aprendizagem autônoma, crítica, divertida, surpreendente e significativa.

O design pedagógico refere-se à integração do planejamento pedagógico e desenho de interface, e, para a contemplação do equilíbrio entre os fatores técnicos, gráficos e pedagógicos, faz-se necessário que o design pedagógico seja realizado por uma equipe interdisciplinar, caso contrário, um desses fatores poderá acabar prevalecendo sobre o outro (BEHAR E TORREZZAN, 2009).

Para a construção do design pedagógico foram levantadas algumas questões para melhor alcance dos objetivos propostos, tais como: o que os estudantes achariam interessante nessa temática; o que a equipe considerava importante que os mesmos fizessem para aprender este conteúdo. Em seguida foi elaborada uma sinopse, em que definiu-se o cenário e o conteúdo da História em Quadrinhos “Puberdade. O que acontece comigo?”.

Para que o design pedagógico possibilite ao pré-adolescente a construção do conhecimento, é necessário que ele propicie um ambiente motivador em que o pré-adolescente encontre espaço para atuar com uma postura crítica, criativa, investigativa e autônoma. As interfaces devem estar contextualizadas na sua cultura tanto em relação aos aspectos gráficos e ergonômicos, quanto a respeito da lógica aplicada à organização do conteúdo e da estrutura interativa (FERNANDES et al 2009).

Após essa etapa, construiu-se a parte da interatividade, uma apresentação voltada para o público-alvo. No desenvolvimento, cada página foi dividida em painéis

em que foram sendo descritos os personagens, cenários, diálogos e conteúdo de cada painel. Posteriormente, este material foi entregue para a equipe técnica que elaborou os desenhos da História em Quadrinhos correlacionando as imagens com os textos.

Após a conclusão desta etapa, a História em Quadrinhos retornou para a equipe pedagógica para avaliação do material, levando em conta se o recurso didático escolhido atingiu os objetivos pedagógicos pré-estabelecidos. Posterior a análise, foi dada a aprovação da História em Quadrinhos construída.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Analisar a História em Quadrinhos denominada “Puberdade: o que acontece comigo?” da Série Sexualidade e Educação como recurso pedagógico direcionado para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de pré-adolescentes.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar características e/ou conceitos na História em Quadrinhos denominada “Puberdade: o que acontece comigo?” da Série Sexualidade e Educação que possam ser aperfeiçoados ou modificados.
- Validar a História em Quadrinhos denominada “Puberdade: o que acontece comigo?” da Série Sexualidade e Educação quanto a validade de conteúdo e aparência englobando a clareza, pertinência e representatividade.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Adolescência, puberdade e sexualidade

A adolescência é uma etapa importante na vida humana marcada pelo início da puberdade. É a fase em que os adolescentes cruzam a linha entre a infância e a idade adulta e as alterações fisiológicas associadas com a puberdade manifestam-se de formas complexas e únicas para cada adolescente (GOLCHIN, et al, 2012).

Esta etapa da vida representa um dos períodos mais conturbados do desenvolvimento humano, principalmente pela invasão das produções hormonais, sendo uma fase regada de questionamentos, curiosidades e percepções, relativos à sexualidade (MARTINS et al, 2012) (CARVALHO; SILVA; SOUZA; SALGADO, 2012).

A Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) definem a adolescência como um processo fundamentalmente biológico de vivências orgânicas, no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade (WHO, 1986).

De acordo com o Ministério da Saúde, a adolescência é o período da vida caracterizado por intenso crescimento e desenvolvimento, que se manifestam por transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais (BRASIL, 1996).

Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos, sendo que a adolescência abrange a pré-adolescência, que compreende a faixa etária de 10 a 14 anos, e a adolescência propriamente dita, dos 15 anos aos 19 anos, envolvendo, assim, a puberdade, que é um fenômeno universal e tem um ritmo que varia de indivíduo para indivíduo, mas previsível de acordo com os parâmetros próprios da espécie (WHO, 1986).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera-se criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e adolescente aquele entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990).

Segundo Eisenstein (2005), apesar da idade cronológica ser o aspecto mais usado, enfatiza-se que, devido às características de variabilidade e diversidade dos parâmetros biológicos e psicossociais que ocorrem nesta época, não é o melhor critério descritivo em estudos clínicos, antropológicos e comunitários ou populacionais. A Puberdade é o fenômeno biológico que se refere às mudanças

morfofisiológicas resultantes da reativação dos mecanismos neuro-hormonais do eixo hipotalâmico-hipofisário-adrenal-gonadal.

Na puberdade, ocorrem as maturidades física e reprodutiva que se seguem à maturidade do sistema endócrino. Primeiramente, amadurecem as características sexuais primárias (ovários, útero, vagina, testículos, próstata e glândulas seminais) e, em um segundo momento, as características secundárias (mamas, testículos e pênis, pelos pubianos e axilares e mudança da voz). Nessa etapa, ocorrem também outros eventos como o desenvolvimento de músculos, ossos e tecido gorduroso e aumento do tamanho do corpo em peso e altura, das vísceras e das glândulas sebáceas e sudoríparas (FREITAS et al, 2011).

Na puberdade masculina, o primeiro sinal é o aumento do volume testicular, seguido do aumento dos pelos pubianos e do tamanho do pênis. A ejaculação representa a maturidade reprodutiva e, ao contrário, do que ocorre no sexo feminino, o estirão de crescimento estatural é mais tardio e duradouro, permanecendo após a maturação dos órgãos sexuais primários e secundários (FREITAS et al, 2011).

Na puberdade feminina, o primeiro sinal é o aparecimento do broto mamário, uni ou bilateral, período em que se inicia o estirão puberal, que é seguido pelo desenvolvimento de pelos pubianos, e, posteriormente, pela primeira menstruação, denominada menarca (DUNCAN; SCHMIDT; GIUGLIANI, 2006). O marco endócrino final da puberdade é a ovulação (FREITAS et al, 2011). Vale ressaltar, entretanto, que após a menarca, os primeiros ciclos menstruais costumam ser irregulares, determinando ciclos anovulatórios. Após três anos da menarca, 50% das meninas permanecem com ciclos anovulatórios, e após cinco anos esse número cai para 20% (DUNCAN; SCHMIDT; GIUGLIANI, 2006).

Os hormônios estrogênio e progesterona são os responsáveis, nas meninas, pelo surgimento das características sexuais secundárias, estando relacionados à vida sexual e reprodutiva. Já nos meninos, o hormônio responsável pelo surgimento das características sexuais secundárias, produção de espermatozoides e aumento do impulso sexual, da agressividade, do crescimento em altura, da força física, entre outros, é a testosterona. (TIBA, 1986)

A maioria das meninas inicia a puberdade entre 8 e 13 anos de idade, já os meninos iniciam entre 9 e 14 anos (FREITAS et al, 2011; FERRIANI, SANTOS, 2001). Entretanto, é importante destacar que ocorre uma grande variabilidade no

tempo de início, duração e progressão do desenvolvimento puberal, com diferenças entre os sexos e entre os diversos grupos étnicos e sociais de uma população, inclusive de acordo com estado nutricional e fatores familiares, ambientais e contextuais (EISENSTEIN, 2005).

Na adolescência, ocorrem muitas transformações biológicas que resultam na perda do corpo infantil, que, na linguagem psicanalítica, representa uma fase de luto, sofrimento. As mudanças sociais também estabelecem novos papéis em relação à autonomia e às responsabilidades, que nem sempre correspondem, na prática, às mudanças físicas, em um desacerto entre o corpo e a mente (VALLE; MATTOS, 2010).

Nesse momento de vida, muitas dúvidas aparecem relacionadas às mudanças corporais e psicológicas. Diante disso, é importante que os jovens busquem conhecer o funcionamento do seu corpo e compreender os seus sentimentos para que possam fazer escolhas para as suas vidas que melhor favoreçam a expressão da sua sexualidade.

Embora os adolescentes sejam biologicamente aptos para diversas práticas, são considerados, muitas vezes, como incapazes ou irresponsáveis, do ponto de vista do amadurecimento biopsicológico. Deste modo, surgem diversos discursos que abordam os “perigos” da sexualidade adolescente, compreendida como uma prática negativa e precoce, podendo ocorrer a transmissão de doenças sexuais e a gravidez não planejada (CARVALHO; SILVA; SOUZA; SALGADO, 2012).

A sexualidade é algo que se constrói e aprende, a qual se refere a um dos âmbitos que compõe a subjetividade e que se conecta não apenas ao prazer, mas a outros elementos como a afetividade, a autonomia, a liberdade. Partindo desta visão, a sexualidade passa a ser considerada como uma instância da vida humana que é construída culturalmente, respondendo aos anseios sociais (CARVALHO et al, 2012; BRÊTAS et al, 2011).

A dimensão da sexualidade como elemento constituidor da condição humana apresenta-se, no campo das reflexões sociais, como uma premissa relativamente aceita. No entanto, sua presença é apenas bem-vinda no momento da vida em que a genitália se apresenta biologicamente desenvolvida para exercer a prática sexual (CARVALHO et al, 2012).

Essa questão de infância e sexualidade foi objeto de análise de Foucault, o qual descreve que, após a era vitoriana, o sexo é afastado da vida das crianças e passa a ser considerado natural e exclusivamente da vida adulta, tornando a infância assexuada. Entretanto, para garantir a pureza do universo infantil, uma verdadeira ditadura foi disseminada no sentido de eliminar a sexualidade dos discursos e práticas das crianças (FOUCAULT, 1988).

Neste sentido, percebe-se que esta educação era dada no intuito de legitimar uma infância destituída de qualquer diálogo com a sexualidade. Nessa lógica, a criança e o pré-adolescente são inocentes apenas porque estão afastados do sexo, experiência possível e permitida apenas para a vida adulta (BRÊTAS et al, 2011).

Tal fato é percebido nas penitências religiosas, nos tratados de boas maneiras e na literatura infantil, que ensina as crianças e os pré-adolescentes a sentirem culpa por seus desejos, ideias e práticas sexuais, traduzindo-se em frágeis relações dos indivíduos com o próprio corpo e com o mundo (CARVALHO et al, 2012).

A sexualidade na pré-adolescência e adolescência, mais do que uma questão moral, adquiriu uma dimensão de problema social, sendo inclusive vista como um problema de saúde pública (BARROS; COLAÇO, 2013).

Houve grandes avanços nos últimos 20 anos relacionados a esta temática como a criação do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente no início da década de 1980, em seguida, houve a normatização e implementação do Programa da Saúde da Mulher, o Programa de Atenção à Saúde do Adolescente, o Programa de Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis e do HIV/AIDS e a inserção da educação sexual nos parâmetros curriculares nacionais na segunda metade da década de 1990 (RIOS et al, 2002).

No Brasil, a inserção da educação sexual na escola ocorreu em meados dos anos 1920 e 1930 e a discussão sobre educação sexual surgiu na escola em meio à epidemia de sífilis, sendo que, naquele período, os problemas de “desvios sexuais” passaram a não mais ser percebidos como crime, e sim como doença. Desta forma, a escola passou a ter ações preventivas de uma medicina de caráter higienista, devendo cuidar da sexualidade de crianças e adolescentes com vistas à produção de comportamentos tidos como “normais” (BARROS; COLAÇO, 2013).

Entretanto, a atuação da escola em torno da educação sexual pode ser considerada relativamente recente no território nacional, pois, até a década de 1990, não existiam diretrizes educacionais mais amplas sobre o assunto. Somente em 1996 foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), um marco da consolidação da educação sexual como um problema escolar. Porquanto, apresenta-se como tema transversal a ser trabalhado nas escolas brasileiras (BARROS; COLAÇO, 2013; MANO et al, 2009).

Apesar da normatização da inserção da educação sexual nas escolas, o que se observa são projetos educacionais e assistenciais voltados para crianças e adolescentes numa perspectiva negativa, vinculada a supostos “problemas” como a gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e violência, sendo a sexualidade abordada quase sempre na perspectiva de risco e vulnerabilidade (CARVALHO; SILVA; SOUZA; SALGADO, 2012).

Mesmo após tantos anos de discussões acerca da educação sexual e da escola se configurar como espaço apropriado para a abordagem do tema, ainda se observa que esta apresenta evidente dificuldade em lidar com a sexualidade juvenil (BARROS, COLAÇO, 2013).

Tal fato pode ser observado em um estudo realizado em Belo Horizonte, no qual os professores de uma escola particular se depararam com a eclosão da puberdade dos alunos e com a dificuldade de transmitir um saber sobre o sexo. Diante disto, os professores se depararam com as falhas e equívocos inerentes à transmissão pedagógica. Mais do que buscar informações, os adolescentes buscavam um espaço para a palavra (CUNHA, 2013).

De acordo com Precioso (2004), uma das vias mais promissoras para promover a adaptação de comportamentos saudáveis e a modificação de condutas prejudiciais à saúde, de forma sustentada, é a Educação para a Saúde. Esta deve começar na família, prolongar-se por todas as fases do sistema educativo (desde o básico até ao universitário), continuar no local de trabalho, na comunidade, em todos os espaços (PRECIOSO 2004).

Educação em Saúde é uma aprendizagem sobre saúde que envolve a capacidade permanente ou disposição para mudança de cada sujeito. A educação em saúde também é compreendida como atividade principal da promoção da saúde

para desenvolver autonomia, responsabilidade das pessoas e comunidades com sua saúde, além de ser uma prática social crítica e transformadora (GUBERT, 2009).

Freitas e Cabral (2008) enfatizam ainda que a educação em saúde é considerada uma função inerente à prática de enfermagem. Neste sentido, o(a) enfermeiro(a) amplia cada vez mais seu papel como educador(a), não só comunicando conteúdos em intervenções educativas, mas também avaliando os recursos educativos mediados pelos materiais educativos produzidos para consumo de seus educandos. Os materiais educativos assumem um papel importante no processo de educar em saúde, pois, além de facilitarem a mediação de conteúdos de aprendizagem, funcionam como recurso prontamente disponível para que o paciente e sua família possam consultá-lo quando diante de dúvidas no desenvolvimento do cuidado (FREITAS; CABRAL, 2008).

Neste contexto, o profissional enfermeiro poderia estar mais próximo da escola no intuito de contribuir para um melhor entendimento sobre a temática, permitindo que os pré-adolescentes e os adolescentes adquiram autonomia, confiança e informação adequada para viver sua sexualidade com responsabilidade e segurança.

A integração entre saúde e educação constitui-se elemento valioso no que diz respeito à abordagem das questões constitutivas da sexualidade na pré-adolescência e adolescência e sua interface com os efeitos subjetivos da procriação, do exercício sexual, da erotização e das condições anatômicas, morfológicas, maturacionais e de gênero (LOSS; SAPIRO, 2005).

3.2 Recurso pedagógico como proposta de promoção da saúde sexual

Ao repensar a atuação dos profissionais de saúde e da educação na educação sexual de pré-adolescentes e as lacunas deixadas no processo de cuidar e educar, percebe-se a necessidade de criação e utilização de recursos pedagógicos com o propósito da educação sexual ser orientada para a conquista da autonomia e decisão informada dos mesmos.

No Brasil, observa-se uma ampliação do acesso à escolarização, no entanto, este crescimento não está garantindo a democratização do acesso aos conhecimentos que se propõe. Não é observado um padrão de qualidade social da

educação, entendendo esta como uma garantia de pleno acesso, inclusão, padrão de qualidade e permanência dos sujeitos da aprendizagem na escola (CHARLOT, 2007).

É necessário compreender que os jovens que adentram a escola possuem modos de aprender construídos em diferentes espaços sociais. Partindo deste pressuposto, uma pesquisa realizada no município de Maceió identificou diversos desafios, desde questões estruturais básicas, como o não funcionamento dos laboratórios de informática, falta de professores e greves, como também foi observada a dificuldade de reconhecer o potencial das novas tecnologias educacionais para o acesso ampliado às informações (REIS, 2014).

O termo tecnologia possui como definição etimológica, "tecno" que vem de *techné*, que é o saber fazer, e "logia" que vem de *logos* razão, ou seja, significa a razão do saber fazer (RODRIGUES, 2001).

Entretanto, muitas vezes a concepção de tecnologia tem sido usada de forma enfática e, ao mesmo tempo, equivocada no dia a dia, pois tem sido concebida somente como um produto, uma máquina, uma materialidade. Tendo em vista que as pessoas generalizam a concepção de tecnologia e a resumem aos procedimentos técnicos e seu produto, admitindo qualquer artefato, ou seja, qualquer objeto que faça a mediação entre o pensamento das pessoas e a realização da ação propriamente dita (NIETSCHE et al, 2005).

Até aproximadamente a metade dos anos 1970, os estudos sobre as tecnologias inseriam-se, predominantemente, em uma lógica determinista que postulava que a tecnologia estabelece os efeitos positivos ou negativos que ela induz na sociedade, ou seja, a tecnologia era considerada um sistema autônomo que se desenvolve segundo uma lógica própria que influencia os sujeitos sociais e às suas relações (PEIXOTO, 2015).

Nesta concepção, a tecnologia determinaria e estruturaria os usos que dela são feitos, como se seus usuários não tivessem nenhuma capacidade de ação sobre ela, assim, a inovação tecnológica aparece como o fator principal da mudança social. Em síntese, a tecnologia era vista como um conjunto de estruturas, de usos e de práticas que se originam em sua própria concepção (AULER; DELIZOICOV, 2006).

Com o passar dos anos, a tecnologia passou a ser vista como um recurso ou meio flexível e adaptável ao uso imputado pelo homem. Inclui-se nessa linha de raciocínio a ideia de que o computador é apenas um meio a serviço do professor. Esses recursos, instrumentos flexíveis e maleáveis, podem ser utilizados para reproduzir as relações de dominação e de opressão numa sociedade de massas ou para transformar a educação em um novo paradigma (PEIXOTO, 2009).

Segundo essa abordagem, as tecnologias podem ser integradas aos processos educativos como recursos didático-pedagógicos moldados pelos sujeitos. Caso o objeto não atenda às necessidades e desejos do usuário, este resiste; se sentir necessidade, ele desvia inteiramente o aparelho de seu uso originalmente previsto. Assim, um objeto pode ter tantos usos quantos usuários dele se apropriarem (PEIXOTO, 2015).

Logo, o uso da tecnologia é um processo de transformação e as principais inovações tecnológicas podem resultar em mudanças de todo um paradigma, por exemplo, a internet, que além de proporcionar mudanças nas formas de comunicação entre as pessoas, também proporcionou uma mudança no paradigma pedagógico, pois possibilitou mudanças na maneira como as pessoas ensinam e aprendem, bem como possibilita a transformação das formas como materiais educacionais são desenvolvidos e oferecidos para aqueles que desejam aprender (AUDINO; NASCIMENTO, 2010).

É com base nessas mudanças que cada vez mais as instituições de ensino estão se apoiando em recursos provenientes de novas tecnologias para complementar o processo de ensino e aprendizagem.

As novas tecnologias da educação surgem, na verdade, da exigência de um domínio cada vez maior de conhecimentos e habilidades, que impõe novas concepções de educação, escola e ensino. Pois, a escola, enquanto instituição social é convocada a atender de modo satisfatório as exigências da modernidade, proporcionando conhecimentos e habilidades necessários ao educando para que ele exerça integralmente a sua cidadania (PINTO, 2004).

A tecnologia e seu uso são a marca da Terceira Revolução Industrial. A evolução tecnológica, que envolve o mundo, as organizações e as pessoas, atinge praticamente todas as atividades e favorece a veiculação livre e rápida de grande volume de informações por diversos meios, principalmente pela Internet. Essa

rapidez de evolução ocorreu em vista da necessidade de tecnologias padronizadas e eficientes na melhoria da qualidade dos processos e de modelos práticos e ágeis (ROSETTI, MORALES, 2007).

As tecnologias da informação ou as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) são o resultado da fusão de três vertentes: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas. Essas tecnologias têm sido, ao longo do tempo, cada vez mais empregadas como instrumento para os mais diversos fins, inclusive no meio educacional (PINTO, 2004)

Diante disso, um novo paradigma surge na educação. Com as novas tecnologias pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesse didático-pedagógico que possibilita o desenvolvimento de ambientes de aprendizagem centrados na atividade dos alunos, na importância da interação social e no desenvolvimento de um espírito de colaboração e de autonomia (MERCADO, 1998).

A inserção das TIC na educação oportuniza romper com as paredes da sala de aula e da escola, integrando-a à comunidade, à sociedade da informação e a outros espaços produtores de conhecimento. Deste modo, possibilita o despertar do estudante para o prazer pela leitura e escrita como representação de seu pensamento e interpretação do mundo (ALMEIDA, 2002).

Entretanto, faz-se necessário uma reflexão do papel da escola neste momento histórico onde a tecnologia não pode constituir-se em mero instrumento de uma educação arcaica. O professor, neste contexto de mudança, precisa saber orientar os educandos sobre onde colher informação, como tratá-la e como utilizá-la (PINTO, 2004).

Isto implica em uma atuação do professor no sentido de resgatar a fala do aluno, ouvi-lo, observar e ler a sua escrita, procurando apreender seu universo cognitivo, social e afetivo, sua linguagem, condições de vida, conceitos espontâneos e quadro conceitual, bem como em revelar-se ao aluno (ALMEIDA, 2002).

Esse educador será o encaminhador da autopromoção e o conselheiro da aprendizagem dos alunos, ora estimulando o trabalho individual, ora apoiando o trabalho de grupos reunidos por área de interesses. A incorporação das TIC com conteúdos básicos comuns é um elemento que pode contribuir para uma maior vinculação entre os contextos de ensino e as culturas que se desenvolvem fora do âmbito escolar (MERCADO, 1998).

Deste modo, pode perceber que o uso das TIC na escola favorece o acesso ao universo do aluno, cuja interpretação ajuda o professor a criar condições facilitadoras de aprendizagem, leitura e escrita (ALMEIDA, 2002).

Na enfermagem, podemos encontrar formas de tecnologia que promovam o processo de autonomização dos sujeitos envolvidos no processo do cuidar. As tecnologias vinculadas à educação identificam-se com métodos simplificados de cuidado com o objetivo de se tornar uma prática comum, facilitando o autocuidado (CAETANO; PAGLIUCA, 2006).

As tecnologias, na enfermagem, ganharam determinadas classificações: tecnologias do cuidado (leve, leve-duras, duras) – representadas por técnicas, procedimentos e conhecimentos utilizados pelo enfermeiro no cuidado; tecnologias de concepções – constituídas por desenhos/projetos para a assistência de enfermagem, bem como por uma forma de delimitar a atuação do enfermeiro em relação a outros profissionais; tecnologias interpretativas de situações de clientes – por meio das quais a Enfermagem consegue interpretar suas ações; tecnologias de administração – ou seja, formas de proceder à organização no trabalho de enfermagem; tecnologias de educação – isto é, meios de auxiliar na formação de uma consciência crítica para uma vida saudável; tecnologias de processos de comunicação – centradas sobre a relação terapêutica enfermeiro-cliente; e tecnologias de modos de conduta – referentes a protocolos assistenciais (NIETSCHE, 2000; ROCHA et al, 2008).

Um estudo realizado em Fortaleza com o objetivo de abordar o uso de tecnologias educativas como estratégia de educação em saúde junto a adolescentes no contexto escolar demonstrou a necessidade de criação de espaços e escuta na escola e nos serviços de saúde específicos para os adolescentes que permita o estabelecimento de um vínculo com os profissionais e educadores. Além disso, neste estudo foi observado que o uso de tecnologias educativas no intuito de superar o modelo tradicional e focar na coprodução de saber e autonomia do adolescente foi primordial para a aquisição de novos conhecimentos e, mesmo que não gerem uma mudança de comportamento imediata, podem favorecer um repensar de suas práticas e atitudes para o futuro (GUBERT, ET AL, 2009).

Assim, percebe-se a urgente necessidade de produzir e/ou readequar recursos tecnológicos para a educação que extrapolem as atividades de educação

em saúde baseadas em ações que reconheçam as verdadeiras necessidades, desejos e aspirações do público-alvo.

Os adolescentes na atualidade utilizam maciçamente as tecnologias, tais quais a internet, os vídeos, os games, os ipods, dentre outros, proporcionando a experiência com a imagem, a velocidade, a visualidade, a estética, a técnica, as formas, cores e escrita cifrada. Esta experiência permite o estímulo ao imaginário e à memória, tornando-se, a tecnologia, não apenas instrumental, mas sim constitutiva de estruturas de conhecimento, habilidades de fazer, argumentar, criar e de se comunicar (VALLE; MATTOS, 2010).

Entretanto, diz-se que as relações pedagógicas estão se tornando mais horizontais e colaborativas com o uso da internet. Esse argumento utilizado para sustentar a ideia de que a educação está sendo democratizada pelo uso da internet negligencia a extrema desigualdade da população brasileira no que diz respeito ao acesso à rede mundial de computadores (PEIXOTO, 2015).

Por trás da interatividade, flexibilidade e horizontalidade que a era das tecnologias trouxe, escondem-se aspectos negativos. Se por um lado a informação e o conhecimento são cada vez mais determinantes na sociedade de hoje, por outro, quem tem dificuldade de acesso a eles acaba por se distanciar muito de quem os utiliza no seu cotidiano. Portanto, faz-se necessário refletir acerca do modo como as tecnologias educacionais podem ser utilizadas para promover a inclusão educacional e, conseqüentemente, social (BAHIA, TRINDADE, 2010).

Um fato pertinente trazido por Furtado (1998) é o de que as novas tecnologias digitais e a internet não substituirão os livros nem as bibliotecas. A era digital trouxe uma rápida expansão do universo bibliográfico, no entanto, para ele:

[...] nem esse universo nem nenhuma entidade fornecedora de informação no seu âmbito pode, em caso algum, apresentar-se completamente organizado e acessível como uma biblioteca. E isto porque uma biblioteca é sobretudo um processo de atribuir sentido e acrescentar valor ao universo bibliográfico. No seu cerne, ela constitui uma coleção cuidadosamente selecionada de entre todas as entidades informacionais, integrada num local racionalmente organizado para um determinado setor da população de utilizadores. A Web seria uma biblioteca tal como concebida para “escritores”, um lugar onde tudo pode ser publicado; mas uma biblioteca deve ser concebida para leitores, deve ser um lugar para procurar conhecimento: para compreender a essência de uma biblioteca deve compreender-se o modo como a sua comunidade de leitores pretende aprender, recordar e criar conhecimento (FURTADO, 1998).

Além de Furtado, Costa (2007) traz que o advento da era digital não quer dizer que a cultura escolar, da letra pura, da literatura, das ciências e das artes não tenha mais valor. Pelo contrário, está surgindo outro universo cheio de novas experiências, com novos significados, novos comportamentos, que precisa ser considerado pela escola, possibilitando a (re) criação ou (re) utilização de recursos antigos com esta nova proposta educacional mais interativa, lúdica e criativa.

Levando em consideração as desigualdades e a importância do materialismo da informação em nossa sociedade, optou-se por utilizar como recurso pedagógico neste estudo a História em Quadrinhos (HQ) por ser um material didático palpável, que utiliza-se da linguagem verbal e visual, trazendo consigo algumas vantagens que a tecnologia digital também possui como a interatividade e dinamismo, mas também resgata a importância de (re) utilização da HQ como recurso pedagógico, no intuito de estimular o pré-adolescente a aprender de maneira mais autônoma, lúdica e criativa.

3.3 Histórias em Quadrinhos e seu potencial na educação

A História em Quadrinhos (HQ), apesar de antiga, ainda constitui um mundo de encanto para as diversas faixas etárias, em especial para crianças e adolescentes, que visualizam nesta linguagem uma forma muito interessante para expressar sentimentos e emoções (KAWAMOTO; CAMPOS, 2014).

Os desenhos, elementos fundamentais dos quadrinhos, estão presentes na história da humanidade desde o início da civilização, em que as inscrições rupestres feitas pelos homens das cavernas já utilizavam a representação gráfica para expressão e comunicação. Além disso, é no desenho a primeira forma que a criança encontra para representar o mundo (ARAÚJO, NARDIN, FÁTIMA, 2010; CABELLO, ROCQUE, SOUSA, 2010; RAMA et al, 2014).

Segundo Rama et al (2014), ainda que de maneira intuitiva, tanto o homem das cavernas como a criança de hoje parecem ter compreendido que, como diz a sabedoria popular, “uma imagem fala mais que mil palavras” (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Existem evidências que os primeiros quadrinhos que surgiram no Brasil foram às aventuras de Nho Quin e Zé Caipora de Angelo Agostini por volta do final do

século XIX. Agostini era um italiano radicado no Brasil que ficou bastante popular no início do século XX entre os que produziam Histórias em Quadrinhos no país (ARAÚJO, NARDIN, FÁTIMA, 2010).

A primeira revista brasileira de quadrinhos, *O Tico-Tico*, publicada a partir de 1905, apresentava, além das HQ, contos, concursos, brinquedos para montar e seções instrutivas, tendo sido um grande sucesso editorial em sua época (CABELLO, ROCQUE, SOUSA, 2010).

Em 1930, as editoras brasileiras começam a lançar jornais e revistas com publicações de quadrinhos nacionais e estrangeiros em seus conteúdos com destaques para “A Gazetinha” e, no início da década de 1940, “Gazeta Juvenil”, ambos os suplementos do jornal “A Gazeta de São Paulo”. Ao mesmo tempo, nos anos 1930, foi lançado o suplemento juvenil que, além de acompanhar o jornal “A Nação” publicando histórias tupiniquins e dos Estados Unidos, tinha uma tiragem de aproximadamente 360 mil exemplares semanais (MOYA, 1977).

Esta iniciativa impulsionou, na época, o interesse de alguns empresários desse ramo, como Roberto Marinho, nesta promissora empreitada. É lançado então, no Brasil, o “Globo Juvenil” e, mais tarde, o “Gibi Mensal” e o “Globo Juvenil Mensal”. Neste período, o gibi passou a ser usado de forma popular em todo o território nacional. Sendo o termo gibi utilizado até o presente momento para designar as revistas de Histórias em Quadrinhos produzidas e publicadas no país (ANSELMO, 1970 apud ARAÚJO, NARDIN, TINOCO, 2010).

Durante os anos 1950 e 1960, foram publicadas as revistas de divulgação científica por meio de quadrinhos: *Ciência em quadrinhos* e *Enciclopédia de Quadrinhos* (Editora Brasil América Ltda. e Editora Rio Gráfica, respectivamente), em que foram enfocados temas de física, matemática, geografia, história, entre outros. Além disso, no ano de 1950, a Editora Abril, começou a publicar as histórias de Walt Disney em revistas coloridas: o “*Pato Donald*”, “*Zé Carioca*”, “*Tio Patinhas*” e “*Mickey Mouse*” (CABELLO, ROCQUE, SOUSA, 2010).

As HQ, apesar do sucesso comercial, não eram consideradas importantes e/ou relevantes no processo de aprendizagem, tendo sido tratadas pela sociedade como uma subliteratura (CABELLO, ROCQUE, SOUSA, 2010).

No entanto, nas últimas décadas do século XX, com o desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais, as HQ ganharam um novo status,

recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais, sendo, aos poucos, “redescoberta”, favorecendo a aproximação das HQ com as práticas pedagógicas (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Kamel (2006) menciona que a utilização das HQ no contexto escolar proporciona ampliação de leituras e interpretações do mundo, e, por se tratarem de publicações de cunho popular, estão estreitamente relacionadas ao contexto do aluno. As HQ têm a capacidade de atrair o jovem leitor e esse fato tem feito com que os educadores aproveitem cada vez mais esse instrumento, pois a sua utilização valoriza as situações do cotidiano e da vivência das crianças e jovens.

Porém, a inclusão efetiva das HQ em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias, no entanto, com os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos, muitas vezes por solicitação das próprias editoras, passaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando o uso das HQ no ambiente escolar (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Vários estudos realizados sobre o uso de HQ como recurso para o processo de ensino-aprendizagem demonstraram suas potencialidades no sentido de constituírem ótimos subsídios didáticos para introduzir, elaborar e complementar conhecimentos científicos. Estas podem e devem ser utilizadas para promoção e desenvolvimento de competências cognitivas. Além disso, as ilustrações associadas ao texto constituem uma técnica notável para despertar o interesse e compreensão das crianças e adolescentes (KAMEL, 2006).

De acordo com Vergueiro e Pigozz (2013), os quadrinhos têm significativa importância pedagógica por serem um meio facilitador de transmissão de informações. Além disso, possibilitam a construção do sentido e da produção de informações de forma singular, pois apresentam uma linguagem diferenciada com vários mecanismos comunicativos de destacada riqueza que potencializam a comunicação.

O uso das Histórias em Quadrinhos no ambiente escolar ou em espaço acadêmico é tão válido que está assegurado em diversos países, inclusive no Brasil, por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (ALMEIDA, PEREIRA, 2014).

As aplicações dos quadrinhos no processo de aprendizagem devem levar em consideração não só o literário, mas também o visual. As Histórias em Quadrinhos podem vir a ser um poderoso recurso pedagógico capaz de explicar e mostrar aos estudantes, de forma divertida e prazerosa, o contexto estético da história (SANTOS; VERGUEIRO, 2012).

3.4 Validação de um recurso pedagógico

A criação de produtos sobre temas como a sexualidade determina a necessidade de estudos avaliativos para assegurar sua eficácia em uma sociedade em transformação tanto de valores sociais, como de conhecimentos. Desta maneira, conforme destacam alguns pesquisadores, antes de se lançarem produtos para serem usados como instrumentos didáticos, é necessário um ensaio com eles, a fim de se conhecer sua eficácia e eficiência (OLIVEIRA, FERNANDES & SAWADA, 2008). Assim, são de grande importância a avaliação e a validação do material informativo para que este possa ser implantado respaldando a assistência prestada pela equipe interdisciplinar e destacando o relevante papel educador do enfermeiro (DODT; XIMENES; ORIÁ, 2012).

Validação, de acordo com Ferreira (1999), é a qualidade ou condição de válido, validabilidade, legitimidade, valência, valimento, valor. Qualidade do que é válido em todos os sentidos. Validação é o ato de validar-se, dar validade, tornar válido.

Assim, entende-se que quando se submete um instrumento à validação, na verdade, não é o instrumento que em si que está sendo validado, mas sim o propósito pelo qual o instrumento está sendo usado (OLIVEIRA, 2006).

Logo, a produção de um recurso pedagógico nasce da necessidade da utilização do conhecimento e da criatividade, permitindo a criação de um recurso inovador do processo de ensino-aprendizagem no contexto da sexualidade que poderá ser utilizado nos diferentes espaços (escolas, associações comunitárias, serviços de saúde). Além disso, busca-se estimular o pré-adolescente a construir um processo decisório, autônomo e centrado em seus interesses, fortalecendo a autoestima e a autonomia, contribuindo para o pleno exercício dos direitos sexuais e reprodutivos (SILVA, 2005).

Tendo em vista que a educação é um processo permanente e ativo entre os sujeitos participantes, acredita-se que as mensagens visuais apoiam o processo de educação. Desta forma, o uso das tecnologias educacionais pode oferecer maior autonomia aos estudantes no seu processo de aprendizagem sobre a sexualidade, dinamizando a forma como os conteúdos e as competências serão absorvidos e atingidos pelos mesmos (TRINDADE, 2014).

Assim sendo, a área da saúde muito pode contribuir para a educação em sexualidade com o enfoque na promoção da saúde que procura identificar e enfrentar os macrodeterminantes do processo saúde-doença e busca transformá-los favoravelmente na direção da saúde (TRINDADE, 2014).

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento deste estudo baseou-se na Teoria da Interação Social de Lev Semionovitch Vygotsky (1896-1934), judeu, russo, pensador de formação eminentemente humanista e sensivelmente motivado pelos problemas sociais e culturais. A Teoria da Interação Social defendida por Vygotsky é também denominada de Construtivismo, que identifica a construção do conhecimento constituído através das relações sociais numa perspectiva interativa, dialética e mediada por instrumentos e signos conforme a origem do indivíduo (VYGOTSKY, 2005).

A escolha deste referencial se deu pelo fato de as Histórias em Quadrinhos serem instrumentos largamente utilizados pelos adolescentes, bem como serem meios que permitem a interação social promovendo o desenvolvimento da imaginação e o levantamento de alguns questionamentos que permeiam o imaginário deste grupo populacional. Tal fato conduziu para a escolha do referencial de Vygotsky durante a construção da História em Quadrinhos, bem como para o embasamento teórico do trabalho.

Werlang, Scheneider e Silveira (2008) definem a interação social como a troca de informações entre, no mínimo, duas pessoas. É fundamental a bidirecionalidade entre os pares, ou seja, a necessidade de que ambos os participantes troquem experiências e conhecimentos. Porém, não existe a necessidade de que os participantes estejam no mesmo nível cognitivo, desde que haja uma troca mútua de significados.

Desde o início da vida, o desenvolvimento humano ocorre da interação com o meio, o conhecimento é adquirido através da interação com o mundo, quando buscamos conhecer, entender, experimentar, saber. Ao nascer, a sobrevivência da criança depende das pessoas que a cercam. Enquanto cresce, em contato e em trocas com o mundo, com pessoas e objetos, a criança recebe uma série de estímulos que propulsionam seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo (REIS, 2001; OLIVEIRA; STOLTZ, 2010).

De acordo com Vygotsky, as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de seu grupo de convívio. Portanto, as habilidades

cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores pré-determinados congenitamente. São, na verdade, resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve (VYGOTSKY, 2005).

Para Vygotsky (1989) apud Oliveira e Stoltz (2010), pela interação social, a criança tem acesso aos modos de pensar e agir de seu meio. A cultura compartilha as formas de raciocínio, as diferentes linguagens, as tradições, os costumes, as emoções e muito mais. A utilização de instrumentos é uma característica essencialmente humana que possibilita maior domínio do meio e desenvolvimento de habilidades específicas para utilizá-lo. Os signos elaborados pela cultura servem como instrumentos intelectuais que exigem do homem e lhe possibilitam uma diferenciação do pensamento em relação aos animais. Um dos pontos cruciais do desenvolvimento humano que alterou o curso de seu pensamento foi a habilidade da fala (OLIVEIRA; STOLTZ, 2010).

Segundo o paradigma de Vygotsky, o sujeito e a subjetividade não são conceitos idealistas nem materialistas, assim, constituidores e constituintes na e pela relação social que acontece na e pela linguagem. Vygotsky introduziu na análise psicológica que a linguagem e os signos constituem os fenômenos psicológicos. Todo seu trabalho está baseado na tentativa de reunir tanto os mecanismos cerebrais subjacentes ao funcionamento psicológico, como o desenvolvimento do indivíduo e da espécie humana ao longo de um processo sóciohistórico (REIS, 2001).

O ser humano possui em seu interior o ensejo e a capacidade de imaginar, criar e combinar novas situações, pois através de nossa atividade criadora podemos nos permitir projetar para o futuro e para o passado, transformando o presente. O homem, na sua constituição social, faz e é feito pela cultura (REIS, 2001).

Oliveira & Stoltz (2010), em seu trabalho, trazem a contribuição da teoria de Vygotsky abordando o desenvolvimento de formas superiores de pensamento ou de comportamento devido ao processo de internalização da cultura, ou seja, quando a criança começa a falar, a linguagem, que é um sistema de signos historicamente construído, possibilita uma forma de pensamento qualitativamente muito superior àquele anterior na criança. As emoções, assim como o pensamento, podem evoluir

de um nível inferior para outro superior, mais complexo, transformando-se em sentimentos de acordo com a sua valorização na sociedade.

Vygotsky (1989) apud Oliveira & Stoltz (2010) denomina internalização “a reconstrução interna de uma operação externa” por meio de uma série de transformações. Um processo interpessoal torna-se intrapessoal; uma atividade interpsicológica torna-se intrapsicológica.

Assim, comportamento e conhecimento são, primeiramente, externos ao sujeito para tornar-se internos. Por exemplo, a língua, a moral, as regras, os costumes encontram-se inicialmente fora do indivíduo. No entanto, esse processo não reproduz indivíduos idênticos, pois não se impõe nada, não é possível mudar o outro, é a própria pessoa que modifica suas reações inatas pela experiência com os objetos do mundo. Um dos locais que tem um importante papel na aprendizagem e desenvolvimento humano é a escola, pois é neste ambiente que os sujeitos têm acesso aos fundamentos científicos do conhecimento e o professor tem uma função primordial, que é de provocar o interesse da criança e levá-la a agir para aprender (OLIVEIRA; STOLTZ, 2010).

Um dos princípios básicos da teoria de Vygotsky é o conceito de "zona de desenvolvimento proximal". Esta zona de desenvolvimento próximo demonstra que o aprendizado desperta vários processos de desenvolvimento interno, os quais funcionam apenas quando o indivíduo interage em seu ambiente de convívio, ou seja, a zona de desenvolvimento próximo corresponde a capacidade do indivíduo de resolver problemas por si próprio e a capacidade de resolvê-los com ajuda de alguém. A ideia de zona de desenvolvimento próximo é muito importante, pois implica que o aprendizado humano é de natureza social e é parte de um processo em que a criança desenvolve seu intelecto dentro da intelectualidade daqueles que a cercam (VYGOTSKY, 2005).

Segundo Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal corresponde a "a distância entre o nível real (da criança) de desenvolvimento determinado pela resolução de problemas independentemente e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sob orientação de adultos ou em colaboração com companheiros mais capacitados" (VYGOTSKY, 1991)

A aprendizagem age na zona de desenvolvimento proximal e impulsiona a criança. É nesta área que o professor deve agir, uma vez que esta atinja novas

capacidades via aprendizagem, cria-se uma nova zona de desenvolvimento proximal, superior à anterior (OLIVEIRA; STOLTZ, 2010).

Outro fator decisivo no curso do desenvolvimento psicológico é a experiência emocional em relação ao meio social, pois determina o tipo e a influência que o fato ou o meio terão sobre o indivíduo. Assim, a ação do meio sobre o indivíduo e ação do meio sobre a sua maturidade se completam para que ele(a) perceba e compreenda a realidade, lembrando que o meio não é sempre igual, nem sequer para a mesma pessoa, pois o meio e o indivíduo estão em constante interação e modificam-se reciprocamente (OLIVEIRA; STOLTZ, 2010).

Werlang, Scheneider & Silveira (2008) afirmam que nascemos com Funções Psicológicas Elementares tais como a atenção involuntária e os reflexos que, por meio da interação social, transformam-se em Funções Psicológicas Superiores tais como consciência e planejamento. Porém, não devemos apenas considerar a interação social como um fator importante no processo ensino-aprendizagem, mas também como um fator que leva à conversão de fatos externos em funções mentais.

As Histórias em Quadrinhos são sistemas de signos que servem como instrumentos para o desenvolvimento de conhecimentos primitivos em conhecimentos mais superiores por meio da aprendizagem. Assim, o recurso pedagógico apresentado privilegia a linguagem verbal e visual (REIS, 2001).

Considera-se que o estudante já possui uma história prévia e uma das diferenças entre o aprendizado escolar e o aprendizado anterior reside no fato de o aprendizado escolar possuir fundamentação no conhecimento científico conduzindo à sistematização.

Em um estudo realizado em Fortaleza, cujo objetivo era a construção de uma hipermídia educativa em planejamento familiar para uso no ensino da graduação em enfermagem, foi utilizada como referencial a teoria de Vygotsky, em que concluiu que é necessária a construção de novos instrumentos tecnológicos para serem aplicados no meio acadêmico no intuito de otimizar o processo de aprendizagem, levando ao estudante novas formas e possibilidades que permitem maior participação e interação de estudantes e professores (LOPES, 2009).

Outro estudo desenvolvido à luz da teoria de Vygotsky foi o de Freitas (2010), em que foram observadas as interações sociais na área da saúde, mais especificamente na enfermagem, demonstrando que durante o período de formação

do estudante é necessário um ambiente favorável de aprendizado no qual o discente é um indivíduo com experiência anterior e o professor, um sujeito que se encontra em constante aprendizagem. Desta forma, a interação social entre estes indivíduos estabelece uma importante oportunidade de aprendizagem, para isto novas tecnologias educativas precisam ser construídas e utilizadas no intuito de dinamizar e facilitar este processo.

Assim, a História em Quadrinhos foi desenvolvida de forma que as atividades propostas estivessem acima do nível de desenvolvimento cognitivo real da maioria dos pré-adolescentes, mas que, mesmo assim, pudessem ser resolvidos com a ajuda de um professor, um profissional de saúde ou os pais e também com a interação entre eles mesmos, ou seja, estivessem na zona de desenvolvimento proximal da maioria dos pré-adolescentes.

Neste sentido, compreende-se que a aprendizagem é um processo de construção de relações que conceitua que o aprendiz é um ser alvo, que interage com o mundo, sendo responsável pela direção e pelo significado do que está sendo aprendido. Nesta perspectiva, o ensino é entendido como um método facilitador para a construção do saber (HEIMANN et al, 2013).

De acordo com Cintra (2003), os programas de educação em saúde revelam-se importantes recursos para facilitar o desenvolvimento de ações voltadas à promoção da saúde sexual de adolescentes. Contudo, esses programas precisam ser cuidadosamente avaliados pelos profissionais que os realizam, levando-se em conta que as ações do ser humano são constituídas no e pelo meio social (CINTRA, 2003).

Logo, é necessário pensar no planejamento do ensino, nos métodos e nas estratégias para operacionalizá-los, ou seja, não existem normas para que os adolescentes desenvolvam o aprendizado, mas sim algumas estratégias que favorecem a manutenção do diálogo, a troca de experiências e a compreensão de seus significados. Ambientes ricos e compatíveis com a aprendizagem sociointeracionista são aqueles que colocam o adolescente no controle do processo de aprendizagem, promovendo a busca contínua de conhecimentos e fazendo-o de forma mais contextualizada (HEIMANN et al, 2013).

Nesta perspectiva, percebe-se a contribuição valiosa que o modelo teórico de Vygotsky tem para a educação em saúde, uma vez que oferece a possibilidade de

compreender o sujeito como um ser social num processo de constante mudança e transformação.

Sendo a enfermagem uma atividade milenar executada por uma equipe que se utiliza de recursos teóricos e metodológicos para educar os indivíduos para a saúde, buscando construir novos conhecimentos, modificar atitudes e hábitos para promover a saúde da população, observa-se a importância da atuação da enfermagem na promoção da saúde sexual e reprodutiva de pré-adolescentes integrada com a educação (THOFEHRN; LEOPARDI, 2006).

Uma vez que o cuidar, realizado pela Enfermagem, pode ser entendido como um processo que envolve e desenvolve ações, atitudes e comportamentos que se fundamentam no conhecimento científico, técnico, cultural, social e psicoespiritual, buscando a promoção, manutenção e ou recuperação da saúde humana (ROCHA et al, 2008).

Para Souza et al (2005), o cuidado de enfermagem consiste na essência da profissão e apresenta uma esfera objetiva, que se refere ao desenvolvimento de técnicas e procedimentos, e uma esfera subjetiva, que se baseia em sensibilidade, criatividade e intuição.

Logo, o cuidado de enfermagem e a utilização de tecnologias educacionais estão interligados, uma vez que a enfermagem está comprometida com princípios, leis e teorias e a tecnologia consiste na expressão desse conhecimento científico e em sua própria transformação (ROCHA et al, 2008).

Neste sentido, levando em consideração os pressupostos de Vygotsky, as inovações tecnológicas na área da educação e o cuidado de enfermagem, pode-se evidenciar que a integração entre educação e enfermagem aponta em direção a um educar e cuidar mais eficiente e eficaz na saúde sexual e reprodutiva de pré-adolescentes.

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa metodológica com foco no desenvolvimento, avaliação e aperfeiçoamento de instrumentos e estratégias metodológicas. A maior parte dos estudos metodológicos é não experimental e frequentemente focado no desenvolvimento de instrumentos (POLIT; BECK; HUNGLER, 2011).

A pesquisa metodológica é considerada uma estratégia de pesquisa que visa elaborar uma nova intervenção ou melhorar uma intervenção existente ou, ainda, elaborar ou melhorar um instrumento ou método de mediação por meio sistemático dos conhecimentos existentes (CONTANDRIOPOULOS, 1997 apud OLIVEIRA, 2006).

De acordo com Polit, Beck e Hungler (2011), a pesquisa metodológica costuma envolver métodos complexos e sofisticados incluindo o uso de modelos com método misto. Este método inclui a integração planejada de dados quantitativos e qualitativos, que têm como vantagens: o potencial de complementação, incrementação e a validade incrementada.

As abordagens quantitativas e qualitativas são complementares e ao usar o método misto os pesquisadores têm condições de permitir a manifestação do melhor de cada método, evitando as limitações de uma única abordagem (POLIT; BECK; HUNGLER, 2011).

Logo, a utilização deste método para analisar a História em Quadrinhos denominada “Puberdade: o que acontece comigo?” da Série Sexualidade e Educação como recurso pedagógico direcionado para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de pré-adolescentes, demonstra ser eficaz, pois pode-se identificar a validade deste instrumento por meio da análise das duas linguagens fundamentais da comunicação humana, palavras e números (POLIT; BECK; HUNGLER, 2011).

5.2 Local do estudo

A pesquisa foi realizada na Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), localizada na Avenida Lourival Melo Mota s/n - Campus A.C. Simões - CEP 57072-970 no bairro do Tabuleiro no município de

Maceió - Al. Devido ao tipo de pesquisa, não houve um local físico para a sua realização. A coleta de dados ocorreu no período de maio a outubro de 2015.

5.3 Participantes do estudo

A validação da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?” foi realizada por meio da apreciação de um comitê composto por dez (10) juízes, com notório conhecimento em educação e/ou sexualidade em adolescentes e/ou com atuação na educação básica ministrando conteúdo na temática educação em sexualidade, com titulação de especialistas, mestres e doutores, capacitados para analisar o conteúdo, a apresentação, a clareza e a compreensão do instrumento, conferindo-lhe validade (DODT, 2012). Este número de juízes atendeu à recomendação de alguns especialistas que sugerem mínimo de cinco e máximo de dez (10) sujeitos (LYNN, 1986).

Os dados de identificação foram reunidos segundo as seguintes variáveis: profissão, idade, sexo, titulação, atuação profissional, tempo de experiência profissional relacionado a educação sexual/educação em saúde, experiência com o processo de construção e/ou validação de material educativo.

Para preservar o anonimato dos juízes participantes da pesquisa, optou-se por dar-lhes pseudônimos referentes a deuses da mitologia grega (Afrodite, Atenas, Hebe, Héstia, Sofia, Íris, Flora, Ártemis, Panaceia e Eutênia), pois os gregos antigos enxergavam vida em quase tudo que os cercavam e buscavam explicações para tudo.

Assim, para referenciar os juízes desta pesquisa, que contribuíram para a melhoria do estudo enxergando com outros olhos o que não pudemos ver durante a criação e construção da História em Quadrinhos, bem como enriquecendo o recurso pedagógico em questão, com suas experiências, optou-se por dar-lhes pseudônimos representativos.

5.3.1 Critérios de inclusão

Devido a necessidade de profissionais com qualificação específica para julgar a História em Quadrinhos, os juízes foram escolhidos por meio da busca e análise de currículos existentes na base de dados do Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico (CNPq - www.cnpq.br) e da experiência profissional (<http://lattes.cnpq.br/>)

Participaram portanto, professores da educação básica que lecionam disciplina de ciências no ensino fundamental do 6^a ao 9^a ano e biologia no ensino médio, pesquisadores que trabalham com tecnologias educativas atuantes nas áreas de educação e/ou saúde sexual e reprodutiva com reconhecida produção científica na área e profissionais da rede básica de saúde que desenvolvam ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva.

5.3.2 Critérios de exclusão

Foram excluídos da pesquisa aqueles profissionais que estiveram afastados de suas atividades por qualquer tipo de licença saúde ou férias, que se negaram a participar da pesquisa e aqueles que não deram retorno durante a fase de coleta de dados.

5.4 Aspectos Éticos

Os sujeitos elegíveis para pesquisa foram convidados a participar dela. Neste momento, foram encaminhadas as informações acerca da pesquisa (objetivos, riscos, benefícios e procedimentos).

O desenvolvimento desta pesquisa foi autorizado pela Direção da Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas (EENFAR - UFAL). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Alagoas através da plataforma Brasil e teve aprovação com número de protocolo 32997414.2.0000.5013.

Nesta ocasião, os sujeitos da pesquisa foram esclarecidos quanto aos aspectos relacionados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE), principalmente no que se refere à garantia do sigilo, ao direito de recusar a continuar na pesquisa em qualquer etapa, sem quaisquer prejuízos; e quanto à divulgação dos resultados em periódicos e eventos científicos. Os que concordaram participar da pesquisa assinaram o TCLE em duas vias, uma entregue a eles e outra, que ficou sob a posse das pesquisadoras.

5.5 Procedimentos de coleta de dados

A construção deste recurso didático obedeceu às etapas da construção metodológica de uma produção tecnológica. As primeiras etapas de construção deste objeto foram realizadas com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do programa Novos Talentos que envolveu: delimitação da temática a ser abordada em cada volume e escolha de um “*Design Pedagógico*” (Edital 033/2010/CAPES/DEB – Programa Novos Talentos). Assim, a História em Quadrinhos retratada nesta pesquisa foi planejada, construída e impressa anteriormente. Tais trabalhos se debruçaram sobre a elaboração e diagramação das histórias sob o apoio de especialistas da área de desenho.

A segunda fase configurou-se na validação da aparência e conteúdo da História em Quadrinhos. A terceira fase foi constituída pela readequação e reimpressão dos materiais e a quarta e última fase é a validação semântica, em que será realizada a avaliação e aceitação da História em Quadrinhos pelo público-alvo.

Esta pesquisa se volta para a etapa seguinte do processo de construção de um recurso pedagógico, a etapa de validação de aparência e conteúdo do mesmo. Este é um passo essencial no desenvolvimento de novas tecnologias porque representa o início da criação de mecanismos para associar conceitos abstratos com indicadores observáveis e mensuráveis (ALEXANDRE, COLUCI, 2011).

De acordo com Pasquali (1997), existem várias maneiras de se verificar a validade de um instrumento: a validade de conteúdo, de critério e de constructo. Para Cronbach & Meehl (1955), validade de conteúdo é quando o teste, além de ser relevante, constitui uma amostra representativa de um universo de conteúdo. Validade de critério é quando o teste prediz um critério externo e validade de construto é quando o teste mede um atributo ou qualidade que não é operacionalmente definido.

Neste estudo, optou-se por trabalhar a validação de conteúdo e aparência de um instrumento educativo (História em Quadrinhos) construído para pré-adolescentes com a temática puberdade a fim de aproximar de maneira lúdica e dinâmica tal conteúdo, permitindo uma reflexão e discussão construtiva sobre as dúvidas, indagações e curiosidades dos mesmos.

A validade de conteúdo, que se refere ao domínio de um dado construto ou universo que fornece a estrutura e a base para formulação de questões que

representem adequadamente o conteúdo, devendo estas serem submetidas a um grupo de juízes considerados especialistas neste conceito (DODT, 2012). Para validação de aparência, o grupo de juízes julga o recurso educativo quanto à clareza dos itens, facilidade de leitura, compreensão e forma de apresentação do instrumento (OLIVEIRA, 2006).

Anastasi e Urbina (2000) apud Lacerda et al (2007) definem validade de conteúdo como o exame sistemático do conteúdo do teste para determinar se ele abrange uma amostra representativa do domínio de comportamento a ser medido. A determinação da validade de conteúdo é um passo essencial no desenvolvimento de novos instrumentos.

O método mais utilizado para a validade de conteúdo é o julgamento, embora haja numerosos métodos empíricos para estabelecer validade de conteúdo. Assim, o método que parece ser mais efetivo é convidar um grupo de juízes (profissionais) com experiência na área de conteúdo, o qual analisa os itens e verifica se eles representam adequadamente o que foi proposto (LACERDA et al, 2007; OLIVEIRA, 2006).

Quanto a validade em aparência, consiste também numa forma subjetiva de validar o instrumento em que um grupo de juízes julgarão quanto a clareza dos itens, facilidade de leitura, compreensão e forma de apresentação do instrumento (OLIVEIRA, 2006; PASQUALI, 2007).

Para tanto, optou-se por seguir o estudo de validação desenvolvido por Lacerda (2007) no qual foram distribuídos os seguintes documentos aos juízes do estudo: carta-convite (APÊNDICE A) com informações sobre o título, objetivos e a justificativa do processo de validação além da importância da contribuição deles para o processo de validação para posterior divulgação e utilização na comunidade.

Após a confirmação do aceite da pesquisa, foi enviado aos juízes o instrumento de avaliação (APÊNDICE B), um exemplar da História em Quadrinhos (APÊNDICE C), bem como um formulário com algumas informações acerca do preenchimento do instrumento (APÊNDICE D) e o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE E). Foi dado um prazo médio de 30 dias para cada juiz analisar e devolver o instrumento, entretanto, alguns juízes necessitaram de tempo adicional.

Os juízes avaliaram a história como um todo, determinando sua abrangência. Isto é, se cada domínio ou conceito colocado na história foi adequadamente coberto pelo conjunto de itens e se todas as dimensões foram contempladas (RUBIO et. al, 2003). Aos juízes foi solicitado/sugerido que poderiam sugerir a inclusão ou a eliminação de itens no conteúdo da história e ilustrações.

Foram enviadas quatorze cartas convites para os juízes selecionados por meio da Plataforma Lattes e da experiência profissional, sendo 12 juízes do sexo feminino e 02 (dois) do sexo masculino, no entanto, dois juízes se recusaram a participar da pesquisa e dois não responderam formalizando o aceite, assim totalizamos dez juízes participantes da pesquisa, todos do sexo feminino. Esta predominância feminina no grupo de juízes selecionados pode estar relacionada a hegemonia de sexo no universo de profissionais da área de Educação e da Saúde.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi criado pelo grupo de pesquisa envolvido no desenvolvimento do projeto “Série Saúde e Sexualidade”, sendo testado por professores, mestres e doutores vinculados à Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e a Universidade de São Paulo (USP) e validado numa pesquisa de mestrado da UFAL¹.

Para confirmar a confiabilidade do instrumento aplicado nesta pesquisa, foi calculado o Coeficiente Alfa de Cronbach com o objetivo de medir a correlação entre os itens relacionados à clareza e à representatividade pela análise do perfil das respostas dadas pelos juízes (OVIEDO, CAMPO-ARIAS, 2005).

O coeficiente alfa foi descrito em 1951 por Lee J. Cronbach como uma forma de estimar a confiabilidade de um questionário aplicado em uma pesquisa. É um índice usado para medir a confiabilidade de uma escala interna, isto é, o alfa de Cronbach mede a correlação entre itens que fazem parte de um instrumento através da análise do perfil das respostas dadas pelos respondentes (OVIEDO, CAMPO-ARIAS, 2005; HORA, MONTEIRO & ARICA, 2010).

Antes de compreender como é medido o coeficiente alfa, ressalta-se que em toda medição o valor observado X é composto aditivamente por duas variáveis: o valor verdadeiro da medição “ V ” e um erro aleatório de medição “ E ” (CARMINES & ZELLER, 1979; CROCKER & ALGINA, 2006).

¹ OLIVEIRA, M. G. Validação de um recurso pedagógico sobre saúde sexual e reprodutiva [dissertação]. Alagoas. Escola de Enfermagem e Farmácia, Universidade Federal de Alagoas; 2015.

$$X = V + E$$

Assim sendo, se a variância associada aos erros aleatórios diminui, o valor observado “X” se aproxima do valor verdadeiro “V”, o que representa maior precisão nas medições, conseqüentemente, maior confiabilidade no instrumento utilizado para a coleta dos dados. (CARMINES & ZELLER, 1979; CROCKER & ALGINA, 2006).

No cálculo do coeficiente alfa considera-se que todos os itens de um questionário utilizam a mesma escala de medição. Então, o coeficiente α é calculado a partir da variância dos itens individuais e da variância da soma dos itens de cada avaliador através da seguinte equação (HORA, MONTEIRO & ARICA, 2010):

$$\alpha = \left(\frac{k}{k-1} \right) \times \left(1 - \frac{\sum_{i=1}^k s_i^2}{s_t^2} \right)$$

onde:

k corresponde ao número de itens do questionário;

s_i^2 corresponde a variância de cada item;

s_t^2 corresponde a variância total do questionário, determinada com a soma de todas as variâncias.

O modelo para estimação Alfa de Cronbach é válido para $\{\alpha \in \mathfrak{R} \mid -\infty < \alpha \leq 1 \wedge \alpha \neq 0\}$, mas deve ser interpretado no intervalo entre 0 e 1, em que os valores negativos do alfa devem ser considerados como escalas sem confiança (ou seja, zero) (HORA, MONTEIRO & ARICA, 2010).

A popularização do coeficiente Alfa de Cronbach deve-se à praticabilidade do uso, existindo uma grande utilização e aceitação no meio acadêmico, o que é um fator determinante para sua adoção como ferramenta para estimação da confiabilidade (OVIDO, CAMPO-ARIAS, 2005; HORA, MONTEIRO & ARICA, 2010).

O valor mínimo aceitável para o coeficiente alfa de Cronbach é 0,70, abaixo deste valor a consistência da escala interna é considerada baixa (OVIEDO, CAMPO-ARIAS, 2005).

O instrumento de coleta de dados foi composto por duas partes. A primeira, referente à caracterização dos juízes, em que se perguntou sobre a sua profissão, idade, titulação, atuação profissional, tempo de atuação na área de estudo e se tem experiência com estudos de validação.

Na segunda parte, o instrumento se debruça sobre a análise da História em Quadrinhos por meio de uma escala de Likert. A **escala Likert** é um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários e é a escala mais usada em pesquisas de opinião (APÊNDICE B). Ao responderem a um questionário baseado nesta escala, os perguntados especificam seu nível de concordância com uma afirmação (ALEXANDRE, COLUCI, 2011). Esta escala tem seu nome devido à publicação de um relatório explicando seu uso por Rensis Likert².

A escala avalia a História em Quadrinhos quanto à clareza e à pertinência ou representatividade, em que o juiz indica seu grau de concordância ou discordância com declarações relativas à atitude que está sendo medida. Assim, foram atribuídos valores numéricos para refletir a força e a direção de sua reação à declaração da afirmação.

As declarações de concordância receberam valores positivos ou altos, enquanto as declarações discordantes receberam valores negativos ou baixos. Sendo assim, para avaliar clareza, as respostas incluem: 1 = não claro, 2 = pouco claro, 3 = claro, 4 = muito claro. Para avaliar a pertinência ou representatividade, as respostas incluem: 1 = irrelevante não representativo, 2 = item necessita de revisão para ser representativo, 3 = item relevante ou representativo e 4 = extremamente representativo.

O instrumento, dividido em dois domínios, possui 10 perguntas referentes à clareza e 11 referentes à pertinência ou representatividade e 3 perguntas abertas para explorar as sugestões dos juízes.

² **Rensis Likert** (1903 - 1981) foi um professor de sociologia e psicologia e diretor do Instituto de Pesquisas Sociais de Michigan. Durante mais de 40 anos, desenvolveu uma série de estudos sobre estilos de liderança e gerência, dedicando-se à realização de experiências e à análise de informações obtidas em experimentos de outros estudiosos na tentativa de relacionar o sucesso alcançado por determinadas organizações com o sistema de liderança e a política de gestão de pessoas por elas adotada.

5.6 Tratamento dos dados

Para a organização, tabulação e análise dos dados utilizou-se, inicialmente, o Excel 2010. Os instrumentos respondidos foram digitados em uma planilha eletrônica, sendo realizada a dupla digitação. Os dados sofreram tratamento estatístico descritivo.

A base de dados utilizada para a sua extração foi estruturada para possibilitar sua análise de acordo com o software estatístico utilizado, neste caso, o *Statistical Package for the Social Sciences, SPSS 2.0*. As informações foram apresentadas em forma de tabelas, distribuições de frequências, variabilidade.

As respostas abertas foram agrupadas em quadros conforme características semelhantes presentes nelas, evidenciando as ideias centrais dos discursos dos juízes.

5.7 Análise dos dados

Os juízes analisaram o material educativo, considerando a aparência das figuras e o conteúdo dos diálogos em relação aos seguintes critérios:

- Clareza: Se eles foram redigidos de forma que o conceito esteja compreensível e expressa adequadamente o que se espera medir.
- Pertinência ou representatividade: Verificar se os itens realmente refletem os conceitos envolvidos, se são relevantes e adequados para atingir os objetivos propostos.
- Foi deixado um espaço para que os participantes pudessem escrever suas sugestões para melhorar o item ou fazer comentários sobre o objeto avaliado.

Para analisar a validade de conteúdo, foi utilizado o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) para medir a proporção de participantes que estão em concordância sobre os painéis ou itens da História em Quadrinhos, o que permitiu analisar cada um individualmente e também como um todo.

O Índice de Validade de Conteúdo (IVC) foi calculado com base em três equações matemáticas: a S-CVI/Ave (média dos índices de validação de conteúdo para todos os índices da escala), a S-CVI/UA (proporção de itens de uma escala que atinge escores 3 realmente relevante e 4 muito relevante, por todos os juízes) e a I-CVI (validade de conteúdo dos itens individuais) (POLIT, BECK 2006).

Em consequência disso, este é o valor mínimo usado como critério de decisão da permanência do item avaliado. No entanto, isso não significa afirmar que os especialistas concederam os mesmos escores em suas avaliações, mas, houve uma relativa harmonia entre os escores de um especialista em relação aos dos demais (ORÍÁ, 2008).

O escore do índice será calculado por meio da soma de concordância dos itens que foram marcados por “3” ou “4” pelos participantes. Os itens que receberem pontuação “1” ou “2” serão revisados para serem reescritos e ilustrados.

Salienta-se que o IVC varia de -1 a 1 e considera-se válido o item cuja concordância entre os juízes seja igual ou maior que 0,80 (NORWOOD, 2000).

A fórmula para o cálculo

$$\text{IVC} = \frac{\text{N}^\circ \text{ de respostas 3 e 4}}{\text{Total de respostas}}$$

A outra abordagem de análise do instrumento foi centrada nas informações qualitativas. Compreende-se que a análise de conteúdo pode ser conceituada de diferentes formas, considerando a vertente teórica e a intencionalidade do autor que a desenvolve, abarcando conceitos e técnicas variadas (OLIVEIRA, 2008).

De acordo com Moraes (1999, p. 09), “a análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda uma classe de documentos e textos”. Segundo Olabuenaga e Uribarri (1989), esta metodologia, quando utilizada adequadamente, nos abre as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social.

A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos autobiográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo, os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então, serem processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo (MORAES, 1999).

Pode-se considerá-la como um único instrumento, contudo marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação vasto qual seja a

comunicação. Vários autores definem diferentes tipos de técnicas que podem ser adotadas para o desenvolvimento da análise de conteúdo, são elas: análise temática ou categorial, análise da enunciação, análise da expressão, análise das relações ou associações, análise do discurso, análise léxica ou sintática, análise transversal ou longitudinal, análise do geral para o particular, análise do particular para o geral, análise dimensional, análise ídeo-central, dentre outras (MORAES, 1999; OLIVEIRA, 2008).

Cada técnica permite a exploração do material analisado a partir da observação de diferentes elementos presentes no texto, bem como conduzem a resultados distintos em termos de compreensão da mensagem (OLIVEIRA, 2008).

Para a análise do conteúdo de acordo com os juízes, foi utilizada a análise ídeo-central, que é uma modalidade de análise temática que visa evidenciar ideias centrais ou ideias-chave dos discursos dos juízes. Ao final da análise, essas ideias-chave são reunidas e reorganizadas em outros núcleos de sentido (TEIXEIRA, 2010).

6 RESULTADOS

De posse dos instrumentos preenchidos e da História em Quadrinhos com as devidas considerações, iniciou-se a organização das informações. Foram realizados tratamentos numéricos mediante a análise, apresentando as variáveis encontradas em cada instrumento proposto. Os dados quantitativos foram organizados de acordo com a frequência e expostos em forma de tabelas. Os dados qualitativos foram analisados separadamente e organizados de acordo com as sugestões dos juízes para cada pergunta aberta.

6.1 Caracterização dos juízes

Participaram dez juízes distribuídos de acordo com os critérios de inclusão da seguinte forma: três pesquisadores da área de tecnologias educativas voltados para a saúde sexual e reprodutiva, quatro profissionais que atuam na promoção da saúde sexual e reprodutiva e três professores da educação básica.

Quadro 1 - Caracterização dos juízes do estudo. Maceió/AL, 2015.

Juízes	Profissão / Tempo de experiência profissiona l	Idade	Sexo	Titulação	Atuação profissiona l	Experiência com o processo de construção e/ou validação de material educativo
Hebe	Psicóloga 16 anos	43	F	Especialist a	Assistência/ coordenado ra de saúde da mulher	Sim
Afrodite	Médica / Psicóloga / sexóloga 23 anos	49	F	Mestrado	Pesquisa/ ensino	Sim
Sofia	Enfermeira 20 anos	65	F	Pós- doutorado	Pesquisa/ ensino	Sim
Atenas	Enfermeira 25 anos	60	F	Especialist a	Diretora de uma ONG – educação sexual	Sim
Íris	Professora Universitária 15 anos	47	F	Mestrado	Pesquisa/ Ensino	Sim
Héstia	Enfermeira 7 anos	37	F	Mestrado	Assistência/ Pesquisa/ ensino	Não
Flora	Pedagoga 20 anos	50	F	Especialist a	Ensino	Não
Ártemis	Pedagoga 20 anos	57	F	Especialist a	Ensino	Não
Panacéia	Bióloga / Farmacêutic a 7anos	30	F	Mestrado	Ensino / Pesquisa	Não
Eutênia	Assistente social 10 anos	42	F	Especialist a	Assistência	Não

6.2 Validação de aparência e conteúdo do recurso pedagógico

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi avaliado quanto a sua confiabilidade por meio do coeficiente Alfa de Cronbach conforme pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1 - Coeficiente Alfa de Cronbach por grupo de itens do questionário segundo a clareza e a representatividade. Maceió/AL, 2016.

	Clareza	Representatividade
K: é o número de itens	10	11
S_i^2: Somatória de Variâncias dos itens	5,37	4,87
S_t^2: Variância da soma dos itens	33,17	28,71
α: Coeficiente de Alfa de Cronbach	0,93	0,91

Fonte: Autora (2016).

Nesse sentido, destaca-se que tanto o bloco referente à clareza, quanto o bloco referente à representatividade obtiveram um Coeficiente de Alfa de Cronbach, respectivamente de 0,93 e 0,91, demonstrando um alto nível de confiabilidade, o que é esperado, tendo em vista que os juízes participantes da pesquisa são especialistas.

6.2.1 Dados quantitativos

Após a avaliação dos dados quantitativos, item por item, o recurso pedagógico foi avaliado como um todo, atingindo um índice de concordância de 84% entre os juízes em que a resposta 3 (três) foi a moda entre as respostas (104), portanto, maior que o valor de referência para validação determinada neste estudo que é de 80% (Tabela 2).

O Bloco clareza alcançou, isoladamente, um nível de concordância de 86% em que a resposta 3 (três) -Claro- foi a moda entre os juízes. Com relação ao segundo bloco, representatividade, obteve-se um nível de concordância entre os juízes de 83% em que a resposta 3 (três) –Representativo- também foi a moda entre os juízes. Assim, constata-se que a História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?” avaliada foi considerada válida para ser usada como um recurso pedagógico conforme demonstrado na tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição dos escores e índices de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Puberdade: o que acontece comigo?” segundo a clareza e a representatividade. Maceió/AL, 2016.

Bloco	Score				Índice de Concordância/Item %
	1	2	3	4	
Clareza	01	13	46	40	86,0
Representatividade	00	18	58	34	83,0
Total	01	31	104	74	84,0

Fonte: Autora (2016).

Legenda: 1 (Não claro / Não representativo) 2 (Pouco claro / Necessita de revisão para ser representativo) 3 (Claro / Representativo) 4 (Muito Claro / Extremamente representativo).

Quanto a clareza do recurso pedagógico a ser validado, foram avaliados dez (10) itens pelos juízes, conforme demonstra na tabela abaixo, do total de 100 respostas (score), 86 das mesmas foram positivas quando julgadas como claro (46) ou muito claro (40), alcançando o nível de concordância esperado de 86%

Do mesmo modo, observa-se na tabela 3 que a maioria dos itens alcançaram, isoladamente, um índice de concordância superior a 80%, ficando apenas o item referente a harmonia com o índice de concordância de 70%. Fora disso, é importante referenciar que o item referente ao objetivo atingiu o nível máximo de concordância de 100%.

Tabela 3 - Distribuição dos escores e percentual de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Puberdade: o que acontece comigo?” segundo a clareza. Maceió/AL, 2016.

Bloco/Itens Clareza	Score				Índice de Concordância/Item %
	1	2	3	4	
1. Título	0	1	3	6	0,90
2. Apresentação	0	2	2	6	0,80
3. Objetivo	0	0	6	4	1,00
4. Relação entre as partes	0	1	6	3	0,90
5. Concisão	0	1	6	3	0,90
6. Estrutura textual	0	2	6	2	0,80
7. Ilustrações	0	2	4	4	0,80
8. Diálogos	0	1	5	4	0,90
9. Harmonia	0	3	4	3	0,70
10. Vocabulário	1	0	4	5	0,90
Subtotal	1	13	46	40	
Percentual por escore	1%	13%	46%	40%	86%

Fonte: Autora (2016).

Legenda: 1 (Não claro) 2 (Pouco claro) 3 (Claro) 4 (Muito Claro).

Quanto ao bloco referente a representatividade do recurso pedagógico proposto, observa-se na tabela 4 que foram julgados 11 (onze) itens referentes à representatividade, do total de 110 repostas (score), 92 foram positivas, sendo 58 julgadas como representativas e 34 respostas julgadas como extremamente representativas, atingindo um nível de concordância de 83%, demonstrando mais uma vez que o recurso pedagógico foi considerada válido.

Ainda referente à representatividade, observou-se que, dos 11 (onze) itens, 03 (três) itens atingiram o percentual máximo de 100% que foram referentes ao título, ao tema e aos diálogos. Entretanto, apenas um item não atingiu o índice de concordância estabelecido de 0,80, referindo-se às ilustrações.

Ainda assim, observa-se que neste item 04 (quatro) juízes apontaram o score 2 (dois), demonstrando que este item traz a necessidade de revisão para se tornar

representativo, mas nenhum deles escolheu o score não representativo. Este advento nos reporta a necessidade de reavaliar este item que não atingiu o percentual esperado no intuito de melhorar o material educativo para que o mesmo seja utilizado pelos professores e educadores em sua totalidade atingindo os objetivos esperados com excelência.

Tabela 4 - Distribuição dos escores e percentual de concordância por itens obtidos dos juízes sobre o recurso pedagógico “Puberdade: o que acontece comigo?”, segundo a representatividade. Maceió/AL, 2016.

Bloco/Itens	Score				Índice de Concordância/Item %
	1	2	3	4	
1. Título	0	0	6	4	1,00
2. Tema	0	0	6	4	1,00
3. Originalidade	0	2	6	2	0,80
4. Consistência do conteúdo	0	2	6	2	0,80
5. Qualidade do conteúdo	0	2	5	3	0,80
6. Contribuição da história	0	3	3	4	0,70
7. Design pedagógico	0	2	4	4	0,80
8. Ilustrações	0	4	4	2	0,60
9. Diálogos	0	0	7	3	1,00
10. Compreensão da mensagem	0	1	6	3	0,90
11. Vocabulário	0	2	5	3	0,80
Subtotal	0	18	58	34	
Percentual por escore	0%	18%	58%	34%	83%

Fonte: Autora (2016).

Legenda: 1 (Não representativo) 2 (Necessita de revisão para ser representativo) 3 (Representativo) 4 (Extremamente representativo).

Com o objetivo de revisar o conteúdo da HQ, foi realizada a análise das sugestões dos juízes, agrupando estes dados qualitativos para melhor entendimento e análise das sugestões a fim de melhorar a qualidade da tecnologia proposta.

6.2.2 Dados qualitativos

Após a análise quantitativa, foi realizada a análise dos dados qualitativos, que se deu por meio da análise das descrições e sugestões feitas pelos juízes no instrumento de coleta de dados e na própria História em Quadrinhos. Após esse momento, os dados foram agrupados em quadros de acordo com as ideias chaves que surgiram, em seguida, foi realizado o julgamento quanto à adequação e/ou inadequação da sugestão dada pelos juízes, bem como foi avaliada a pertinência de acatar ou não as sugestões dadas por eles.

As informações qualitativas foram agrupadas em 04 (quatro) quadros, o primeiro foi referente à linguagem visual (icônica) da História em Quadrinhos, o segundo foi sobre a linguagem verbal da História em Quadrinhos, o terceiro quadro foi relacionado à apresentação da História em Quadrinhos e o quarto quadro está relacionado aos aspectos integrais que constituem o ser no contexto da História em Quadrinhos.

Quadro 2 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Linguagem visual (Icônica) da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016. (Continua)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes	
Linguagem Icônica	
Posicionamento dos elementos gráficos	
<p>Figura - Apresentação dos desenhos dos estudantes, páginas 08 e 09:</p> <p>Sofia – Sugiro retirar a mão do menino e da menina da frente da figura para aparecerem as palavras do cartaz;</p> <p>Sofia - melhorar a cor da letra para ficar mais clara a leitura (pág. 09)</p> <p>Íris – Não é possível ler o cartaz (pág. 09).</p>	
<p>Figura – Explicação das mudanças por causas hormonais, página 10:</p> <p>Sofia – Sugere deixar o desenho mais claro descartando a palavra hipotálamo e deixando em destaque as palavras hormônios, testosterona e estrógeno.</p> <p>Íris – Diagramação está confusa.</p>	
<p>Figura – Mudanças que acontecem com o corpo feminino, página 11:</p> <p>Héstia – Sugiro alterar a sequência da ordem das imagens: manter as figuras 01, 02 e 03, trocar o quadro 04 pelo 06, trocar o quadro 05 pelo 04 e colocaria no quadro 06 a parte que tem como texto: ocorre a 1ª menstruação chamada de menarca.</p> <p>Artemis – Acredito que o número de estímulo visual poderia ser menor e mais harmonioso. Muita informação e pouco</p>	

Quadro 2 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Linguagem visual (Icônica) da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016. (Continua)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes	
Linguagem Icônica	
Posicionamento dos elementos gráficos	
espaço.	
<p>Figura – Estágio do desenvolvimento da genitália, página 15:</p> <p>Sofia - Não está nítida a imagem das mamas infantis, talvez só nesta figura colocar a foto de frente.</p>	 <p>O infográfico apresenta cinco estágios de desenvolvimento da genitália e dos pelos pubianos. Cada estágio é ilustrado com uma imagem e um texto descritivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> Estágio 01: Mamas infantis. Ausência de pelos ou pelagem natural. Estágio 02: O brelho mamário torna-se com uma pequena saliência com elevação da mama e da papila e ocorre o aumento do diâmetro areolar. Estágio 03: Maior aumento do areolar e da papila sem separação do contorno da mama. Pelos em maior quantidade, mais escuros e mais espessos e levemente encanecidos. Estágio 04: Aumento contrastante o prolapso do areolar e da papila formando uma ligeira saliência sobre o nível da mama. Pelos do tipo adulto espessos, mais distribuídos e ainda em pouca quantidade. Estágio 05: Mama com aspecto adulto, com retração do areolar para o contorno da mama e prolapso da papila. Pelos tipo adulto, com maior distribuição na região pubiana e na raiz da coxa. <p>Fonte: Ministério da Saúde</p>
<p>Figura - Estágios do desenvolvimento da genitália e dos pelos pubianos, página 16:</p> <p>Hebe – Não dá para visualizar a legenda da imagem.</p> <p>Sofia – Imagens claras, mas os textos pouco legíveis</p> <p>Íris - É difícil ler o escrito ao lado das imagens.</p> <p>Héstia – Sugiro aumentar a fonte da letra do quadro referente aos estágios de desenvolvimento da genitália, visto que está muito pequena, dificultando a leitura.</p>	 <p>O infográfico apresenta cinco estágios de desenvolvimento da genitália e dos pelos pubianos. Cada estágio é ilustrado com uma imagem e um texto descritivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> Estágio 1: Genitália em estado infantil. Estágio 2: Aparece um abaulamento e hipertrofia da glandula mamária, o aumento do volume areolar e o aumento do comprimento da papila. Estágio 3: Mais aumento da glandula mamária, maior volume areolar com aumento do prolapso areolar e do desenvolvimento da glandula. Estágio 4: Glandula adulta em tamanho e forma e volume testicular. Estágio 1: Pelos em estado infantil ou quase infantis. Estágio 2: Aparece o início do crescimento de pelos pubianos, longos, escuros e finos e há ainda os cabelos da cabeça. Estágio 3: Aparecimento de uma quantidade de pelos mais escuros e mais espessos, e distribuição esparsa, com distribuição em toda a região pubiana. Estágio 4: Pelos escuros, espessos, encanecidos, de tipo adulto, mas ainda em menor quantidade na sua distribuição na região pubiana. Estágio 5: Pelos do tipo adulto, em maior quantidade cobrindo mais a região pubiana e espalhando-se até a superior interna das coxas. <p>Fonte: Ministério da Saúde</p>

Quadro 2 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Linguagem visual (Icônica) da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016. (Continua)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes	
Linguagem Icônica	
Posicionamento dos elementos gráficos	
<p>Panacéia – Letra muito pequena, sugiro que aumente.</p>	
<p>Figura – Explicação sobre menstruação, página 17:</p> <p>Atenas - Eliminar a figura sobre menstruação, que não está com uma explicação clara.</p>	 <p>A menstruação normal tem duração de três a sete dias, com intervalos de 28 dias em média, podendo variar de 21 a 35 dias entre um ciclo e outro. Lembrando que ciclo menstrual é o tempo que se passa entre uma menstruação e a próxima.</p> <p>Quanto de sangue a menina perde todo mês? A quantidade de sangramento é bastante variável!</p> <p>Depende de diversos fatores, como a quantidade de hormônios, o uso de algumas medicações e a presença de doenças. O ciclo menstrual normal pode variar, mês a mês. Entretanto, quando essa irregularidade permanece por um longo tempo, traz alguma dor, desconforto ou grande perda de sangue, suas causas devem ser avaliadas por um profissional de saúde.</p>
<p>Figura – Aparelho reprodutor feminino, página 18:</p> <p>Sofia - Imagem do aparelho reprodutor feminino muito pequena, sugerido aumentar.</p> <p>Íris – É difícil ler os escritos da imagem.</p>	 <p>APARELHO REPRODUTOR FEMININO</p> <p>Qual feminino em cada ciclo, ado para uma ocorre?</p> <p>A cada mês, o endométrio (camada que reveste internamente o útero) aumenta de tamanho, enchendo-se de sangue, se preparando para receber um óvulo fecundado.</p> <p>Vejamos:</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. A parte inicial do ciclo é quando os ovários amadurecem os óvulos e o endométrio, camada que reveste internamente o útero, aumenta de tamanho. 2. Em 14 dias (aproximadamente) após a última menstruação, um óvulo é liberado. O endométrio está grosso e esponjoso. 3. O óvulo liberado vai para o tempo de fertilização, após dando origem à fecundação. No ventre, focos de sangue se acumulam, até atingir o canal e sair por meio do canal da vagina. Com o corpo lúteo, passa a liberar um hormônio chamado progesterona que irá manter a gravidez, caso a mulher engravidar. Caso contrário, este corpo lúteo irá regredir e a mulher terá menstruação novamente.
<p>Figura – Também é importante saber como jogar fora um absorvente externo, página 19:</p> <p>Sofia – Sugiro inverter as imagens colocando a imagem envolvendo o absorvente para jogar no lixo para cima e a imagem lavando as mãos para baixo.</p>	 <p>Também é importante saber como jogar fora um absorvente externo:</p> <p>Dobre-o. Envolva-o em um plástico ou papel. Jogue na lixeira.</p> <p>Não jogue o absorvente externo no vaso sanitário, pois ele pode entupir.</p> <p>Lave as mãos. Alguns absorventes externos vêm envoltos em uma embalagem individual: assim você pode usá-los.</p> <p>embalagem do absorvente novo para envolver o absorvente velho antes de jogá-lo na lixeira.</p>
<p>Figura - Atividade proposta pela professora, página 24:</p> <p>Sofia – Sugerido colocar esta página antes</p>	

Quadro 2 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Linguagem visual (Icônica) da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016. (Continua)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes	
Linguagem Icônica	
Posicionamento dos elementos gráficos	
<p>da despedida da professora.</p> <p>Atenas - Ela está sem contexto, pois na história os alunos tinham ido embora, pág. 23. Se o objetivo é fazer uma avaliação ou estimular a busca da aprendizagem, essa ação precisa ser antes de eles irem embora, ou ainda, criar uma página de dicas à parte da história.</p>	
Caracterização dos personagens	
<p>Hebe - Sugiro retirar o uso do jaleco, além de não ser usado nas escolas cria um ar de formalidade (postura formal).</p> <p>Íris – Questiona o uso do uniforme, já que o encontro com a professora acontece no sábado.</p>	

Quadro 2 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Linguagem visual (Icônica) da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016. (Concluído)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes	
Linguagem Icônica	
Posicionamento dos elementos gráficos	
Sequência dos quadrinhos	
<p>Sofia – Sugiro acrescentar flechas para sinalizar a sequência dos quadrinhos.</p>	
Ilustrações	
<p>Artemis – Acredito que o número de estímulo visual poderia ser menor e mais harmonioso. Muita informação e pouco espaço.</p> <p>Eutênia – A quantidade de figuras poderia ser menor, acredito que traria mais conforto para o leitor, principalmente nas páginas que contêm os quadrinhos e as explicações científicas.</p>	

Quadro 3 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Linguagem Verbal da História em Quadrinhos “Puberdade: O que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016. (Continua)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes	
Linguagem Verbal	
Estética da fonte	
<p>Íris - A letra da fala da professora está muito pequena e nas páginas 05 e 23 letras brancas não favorecem a leitura; sugiro, na página 17, dividir os diálogos, o da professora está sem interrupção, dificultando a compreensão.</p> <p>Artemis – Letra muito pequena não desperta o interesse, assim, é pertinente a revisão em algumas páginas. Sugiro, ainda, a padronização da fonte para os diálogos e as informações científicas.</p> <p>Eutênia – O tamanho da letra não segue um padrão, se as letras forem maiores, facilitará o processo de leitura.</p>	
Vocabulário	
<p>Sofia e Atenas – Sugerem, na página 14, retirar o nome sabonete esfoliante, poucos sabem o que significa isso, deixaria só sabonete.</p> <p>Sofia – Na página 17, trocar o termo cíclico por termos mais claros para pré-adolescentes.</p> <p>Sofia – Na página 17, no último quadro que explica sobre menstruação, sugere acrescentar a preposição “ou” : “... quando essa irregularidade permanece por longo tempo ou traz dor, desconforto...”.</p> <p>Atenas – A explicação sobre menstruação, como a gravura utilizada, tem uma linguagem incompreensível para alunas nessa faixa etária e falta objetividade. A cartilha é um material que precisa de uma linguagem mais coloquial e direta,</p>	

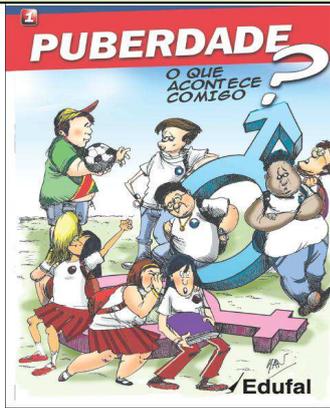
Quadro 3 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Linguagem Verbal da História em Quadrinhos “Puberdade: O que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016. (Continua)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes	
Linguagem Verbal	
principalmente em se tratando de uma História em Quadrinhos.	
Diálogos	
<p>Hebe – Sugere mudança no dialogo da professora na página 06, “que bom que vocês estão conversando, mas é importante conversar com quem tem mais experiências que vocês para ajuda-los...” passa certa desvalorização dos conteúdos e da aprendizagem do outro. Coloca que deixaria ela ouvi-los primeiro, depois, parabeniza-los pela iniciativa de buscar trocar ideias com alguém com mais vivências a exemplo dos pais, professores e profissionais da saúde, também elogiaria o fato de conversarem sobre questões tão importantes e por falarem abertamente das mesmas.</p> <p>Sofia – Na página 06, sugiro retirar a fala do quadro 2 “como vocês estão? E as aulas?”. Na página 07, sugiro acrescentar na fala da professora no primeiro quadro: “muito bem! Agora o que vocês gostariam de perguntar?”, e, na página 11, acrescentar a fala da professora: “muito bem! Vocês fizeram um ótimo desenho do corpo feminino ou das meninas”.</p> <p>Atenas - Ser mais clara nas falas, ex.: na página 07, a aluna pergunta: “é normal sentir o nosso corpo diferente?” e a professora repete a</p>	 <p>PÁGINA 06</p>

Quadro 3 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Linguagem Verbal da História em Quadrinhos “Puberdade: O que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016. (Concluído)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes	
Linguagem Verbal	
<p>palavra diferente, precisa explicitar: Diferente?? Como? A concretização é que vai dar a riqueza do diálogo e do conteúdo. Na página 15, no primeiro quadro onde tem o diálogo: “não Rafael, as mudanças vão acontecendo...”, como??? Sugiro colocar uma explicação do processo das mudanças.</p>	
Redação em geral	
<p>Íris - Na página 14, é utilizado o pessoal (você) e o impessoal (o adolescente); na página 22 – trás é com Z – verbo trazer; na página 25 , padronizar – todas afirmativas ou todas interrogativas e fazer revisão geral. Problemas com o uso de vírgulas.</p> <p>Héstia - OBS1: Atentar a numeração correta das páginas; OBS2: a) Atentar a escrita correta da palavra Aréola na página 15 e não auréola; b) E no primeiro diálogo da página 15 onde tem: “Professora, tudo muda no mesmo tempo?”, substituir para: “Professora, tudo muda ao mesmo tempo?”.</p>	

Quadro 4 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Apresentação da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016. (Continua)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes	
Apresentação da História	
Capa	
<p>Artemis – A ilustração da capa com a linguagem genética (feminino e masculino), sugiro colocar os dois símbolos na vertical.</p>	
Título	
<p>Atenas - Se o jovem não souber o que é puberdade, o título como está não fará nenhum sentido para ele, eu colocaria uma chamada com a palavra corpo, algo que o leve direto para perceber que se vai falar de mudanças do corpo.</p>	
Apresentação	
<p>Atenas - Retirar citações e referências bibliográficas e sugiro acrescentar no 2º parágrafo, “...podem começar a acontecer...”.</p> <p>Íris - Na apresentação não fica claro quem está falando, é a professora, o autor da História em Quadrinhos? Não há identificação. Mudanças no corpo aos 7 anos? Pré-Puberdade? É preciso explicar melhor.</p> <p>Panacéia – Sugiro, no 5º parágrafo, reescrever “... prontamente se dispõe a conversar...”</p>	
Público - alvo	

Quadro 4 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Apresentação da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016. (Continua)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes	
Apresentação da História	
<p>Íris - Na página 07, são citados alunos de nove anos, por que? Nesta idade, os alunos estão nas séries iniciais e há pouca probabilidade de formarem grupos com alunos de 11 anos.</p>	
Conteúdo	
<p>Atenas – Sugiro dedicar mais que uma página para explicitar as mudanças, elas, que são a razão da história, ficaram exprimidas numa explicação tímida. Ser mais objetiva no início (são quatro páginas até começar a falar sobre as mudanças). Acrescentaria, na página 20, que os espermatozoides são produzidos nos testículos e colocaria que eles fazem parte do sêmen na explicação da ejaculação, não no final da explicação sobre partes do pênis. Na página 21, eu sugiro que se coloque na explicação sobre o esmegma que é comum, não, normal. Ele ocorre por falta de higiene.</p> <p>Héstia – Na página 13, quanto aos cuidados de higiene com o corpo, sugiro acrescentar a utilização de desodorantes com 0% de álcool. Esta recomendação é muito enfatizada pelos dermatologistas para evitar irritação na pele dos adolescentes. Na página 17, no texto do diálogo: “É importante vocês saberem...”, sugiro acrescentar que os primeiros ciclos menstruais podem ser anovulatórios (ou seja, sem maturação folicular), mas a menina pode engravidar nessa fase e a prevenção é necessária. Na página 14, quanto às orientações e dicas para evitar e/ou controlar a oleosidade da pele, sugiro acrescentar: “evitar ingerir em excesso comida oleosa, muito chocolate...”. Na página 19, no texto que foi falado sobre a troca de absorventes, é importante acrescentar: “durante a troca de absorvente, a adolescente poderá, se possível, higienizar a genitália com sabonete com PH neutro”.</p>	

Quadro 4 – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre a Apresentação da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016.

(Concluído)

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes
Apresentação da História
Íris - Na página 10, parece que houve um salto no conteúdo (a professora está usando o cartaz dos alunos na página 8 e de repente na página 09 aparece um novo cartaz).

Quadro V – Síntese da análise qualitativa das sugestões/comentários dos juízes sobre Aspectos Integrais do ser no contexto da História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”. Maceió/AL, 2016.

Tópico avaliado / Sugestões dos juízes
Aspectos integrais do ser
<p>Hebe – Acho que o começo da história poderia se passar em casa, a família é a base de nossas primeiras observações, nossos modelos, formadora de nosso referencial de identidade, papéis, enfim, mesmo que na família não haja diálogo, quanto nossa educação sexual, ela, mesmo assim, nos transmite valores, não dá para postergar para a escola apenas a responsabilidade de nossa educação sexual.</p> <p>Atenas - Acho que faltou concretizar, em falas dos alunos, os sentimentos medo e humor.</p> <p>Íris - Em relação ao enredo, a história parece uma aula expositiva dialogada com muito conteúdo e sem nenhum diálogo ou imagem diferenciados. Parece-me que falta um elemento atrativo. O recurso de História em Quadrinhos não é, por si, motivador.</p> <p>Em relação ao conteúdo, não são abordadas (sequer mencionadas) questões culturais, psicológicas e afetivas relacionadas às transformações do corpo na puberdade, a abordagem biológica dos aspectos físico e fisiológicos já é conteúdo previsto no currículo de Ciências.</p> <p>Sugiro acrescentar os aspectos culturais, psicológicos e afetivos relacionados às transformações do corpo na puberdade.</p>

7 DISCUSSÃO

Na análise da História em Quadrinhos (HQ), não contamos com a participação de juízes do sexo masculino, este fato pode ser uma limitação do estudo. Tal situação pode estar relacionado a participação das mulheres no mercado de trabalho, que cresceu mais do que a dos homens em 2012, com um crescimento de 3,89%, de acordo com o Ministério do Trabalho e do Emprego (BRASIL, 2012). As antigas convenções ditavam que o marido era o provedor do lar e a mulher não precisava e não deveria ganhar dinheiro, no entanto, muitas mulheres conseguiram transpor as barreiras do papel de ser apenas esposa, mãe e dona do lar, e, a partir disso, foram conquistando espaço no mercado de trabalho (DALONSO, 2008).

Analisando o ingresso das mulheres nos cursos de graduação, Ristoff (2006) observa que os cursos mais procurados pelos homens são relativos a engenharia, tecnologia, indústria e computação; pelas mulheres, são relativos a serviços de educação para a saúde e para a sociedade (secretariado, psicologia, nutrição, enfermagem, serviço social, pedagogia). Essa tendência se mantém nos mestrados, doutorados e na própria docência da educação superior (BRASIL, 2006).

De acordo com o IBGE, no Brasil, a população tem mais mulheres que homens. As estatísticas mostram também que elas vêm conseguindo emprego com mais facilidade que seus concorrentes do sexo masculino e que seus rendimentos crescem a um ritmo mais acelerado que os dos homens (BRASIL, 2010).

Quanto à profissão, observa-se que as juízas selecionadas estão atuando nas áreas da educação e/ou da saúde. Apesar de estar dentro dos critérios de inclusão para a escolha dos juízes, é importante compreender que a educação em saúde e para a saúde é fundamental para o sucesso de determinados objetivos a respeito da promoção de vida e de saúde.

De acordo com Oliveira et al (2013), a educação em saúde concebida a partir de um objetivo inicial com planejamento adequado e metodologia sistematizada enseja a obtenção de bons resultados.

A educação em saúde é compreendida, tradicionalmente, como a transmissão de informações em saúde, com o uso de tecnologias mais avançadas ou não, e vem apresentando críticas que demonstram a limitação desta para dar conta do processo educativo (SALCI et al, 2013).

Fato este observado em estudos que demonstram a distância entre as práticas de educação em saúde, pois estas apresentam um enfoque apenas baseado na pedagogia da transmissão da informação, distanciando o cliente da realidade que o cerca. Além disso, existem as dificuldades encontradas pelas equipes de saúde tais quais a falta de infraestrutura, de recursos didáticos e de formação pedagógica dos próprios profissionais (GAZZINELLI et al, 2013).

Assim, faz-se necessário que na educação em saúde exista um diálogo entre o conhecimento elaborado pela produção científica e o senso comum, que é regado de significados próprios de cada sujeito. Nesse sentido, a educação em saúde não pode ser reduzida apenas ao transmitir informação em saúde, pois ela é um instrumento fundamental na promoção da saúde. Sendo, portanto, necessária uma combinação de apoios educacionais e ambientais para que a promoção da saúde efetivamente ocorra com a instrumentalização da educação em saúde, além da compreensão da temática, dos conceitos e dos aspectos que ela abrange, sendo imprescindível a associação dessa prática à comunicação, à informação, à educação e à escuta qualificada (SALCI et al, 2013).

Outro ponto a ser observado é a titulação e o tempo de experiência prática das juízas participantes, demonstrando que são profissionais que buscaram se qualificar em suas respectivas profissões, bem como apresentam experiência acerca da temática, deixando claro que a contribuição delas para a pesquisa é de extrema relevância para a melhoria da qualidade do recurso pedagógico aqui apresentado.

Quanto aos dados quantitativos, observou-se que a História em Quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?” atingiu um IVC global de 0,84, sendo superior ao mínimo estabelecido no estudo (0,80), evidenciando que o nível de concordância entre os juízes considera a HQ como um recurso pedagógico válido.

A validade relaciona-se com as propriedades de medida de um instrumento, pois um instrumento é considerado válido quando de fato mede o constructo que se propõe (OLIVEIRA, 2006).

Constituindo um parâmetro da medida tipicamente discutido no contexto das ciências psicossociais, a validade diz respeito ao aspecto da medida ser congruente com a propriedade medida dos objetos (PASQUALI, 2009).

A validação quanto à aparência, medida pelo bloco clareza alcançou, isoladamente, um índice de concordância de 86%, refletindo uma avaliação

satisfatória dos juízes quanto à clareza e à compreensão da HQ. Quanto à validação do conteúdo, medido por meio do bloco da representatividade, atingiu um nível de concordância de 83%, também acima do parâmetro adotado.

A validade de aparência consiste no julgamento de um grupo de juízes quanto à clareza dos itens, à facilidade de leitura, à compreensão e à forma de apresentação do instrumento (OLIVEIRA, 2006).

Com relação à validade de conteúdo, esta, consiste em verificar se o material constitui uma amostra representativa de um universo finito de comportamentos. Verifica-se a validade de um determinado instrumento, não sendo uma tarefa simples, mas necessária, pois a ausência de estudos que evidenciem a validade impede o reconhecimento científico do instrumento (PASQUALI, 2009).

Logo, entende-se que a História em Quadrinhos validada pode ser utilizada como material didático pelos pré-adolescentes no intuito de contribuir no processo de aprendizagem por meio de um instrumento mais lúdico e que desperta a reflexão e discussão dos mesmos frente a puberdade.

A inserção das Histórias em Quadrinhos como recurso pedagógico vem sendo muito discutida atualmente, pois a linguagem dos quadrinhos contribui para a formação da consciência e da identidade de crianças e adolescentes que estão em pleno desenvolvimento de suas funções cognitivas, afetivas e sociais (GIORA, 2012).

Em um estudo realizado na Universidade Federal de Uberlândia, foi percebido que as Histórias em Quadrinhos agregam elementos essenciais que podem favorecer o estudante no desenvolvimento educacional, no processo de ensino-aprendizagem e como forma de expressão artística (ARAÚJO; COSTA, 2008).

De acordo com Canguçu & Korbes (2011), as Histórias em Quadrinhos podem ser um recurso didático/pedagógico poderoso, pois oferecem vários atrativos como símbolos, onomatopeias, códigos especiais, além dos elementos pictóricos que garantem a universalidade de sentido, que prendem a atenção da criança e/ou adolescente, permitindo que se faça tanto uma leitura da escrita quanto uma leitura visual dos desenhos, proporcionando até mesmo a construção da própria história, pois desenvolve a criatividade da criança e do adolescente associando os desenhos com a sua realidade.

Na linguagem dos quadrinhos, os significados sócio historicamente construídos são simplificados devido, em geral, aos dois códigos que se reforçam: imagem e palavra. Os estudos realizados pela psicologia histórico cultural têm demonstrado que o principal fator que caracteriza o desenvolvimento do psiquismo humano é a capacidade de generalização da realidade, transparente e fixada no signo, em especial, no signo linguístico (GIORA, 2012).

Inicialmente, o indivíduo usa generalizações primitivas, mas gradualmente seu pensamento verbal aliado aos sentimentos vai se elevando ao nível dos conceitos mais abstratos, ou seja, primeiramente, o pensamento da criança encontra sua expressão numa única palavra ou imagem, à medida que se desenvolve surge a necessidade de juntar várias palavras e/ou várias imagens para objetivar sua consciência, portanto a linguagem é o instrumento mediador entre o sujeito e o mundo e é a responsável pela elaboração de representações sociais (GIORA, 2012).

As Histórias em Quadrinhos, enquanto linguagem, estimulam muito a inteligência e a imaginação das crianças. A abstração infantil passa a ser estimulada também, pois entendemos que a imagem comunica de forma bem mais direta e objetiva do que um texto escrito (ARAÚJO; COSTA, 2008).

Em um estudo que realizou uma análise da História em Quadrinhos “Do contra”, da Turma da Mônica, do autor Maurício de Souza, com objetivo de estudar a finalidade do texto, bem como os recursos linguísticos usados e os efeitos de sentido que visa provocar, foram observadas as potencialidades pedagógicas que as Histórias em Quadrinhos trazem para o processo de ensino-aprendizagem, pois permitem lidar com a língua em seus mais diversos usos contextuais, além disso possibilitou a utilização nas mais diversas instâncias sociais (HOFFMANN; COSTA, 2009).

Portanto, a escola deve estimular o desenvolvimento das diferentes linguagens gráficas, combinando a capacitação técnica com a imaginação criadora num ambiente de liberdade, onde a subjetividade possa ser reconhecida (GIORA, 2012).

Em um estudo realizado na cidade de Fortaleza em que objetivou analisar o uso das Histórias em Quadrinhos (HQ) nas escolas, evidenciou que as HQ dão

resultado no incentivo à leitura e incentiva a prática de desenhos, além de estimular a criatividade e a produção textual (CATUNDA, 2013).

Neste contexto, pode-se destacar algumas justificativas para a utilização das Histórias em Quadrinhos no processo ensino-aprendizagem: a junção da imagem com o texto torna o processo de aprendizagem mais eficiente e eficaz; o fato de apresentar diferentes gêneros possibilita a utilização em diferentes disciplinas escolares; os quadrinhos permitem à criança e ao adolescente aprenderem a expressar suas ideias, sentimentos e sensações graficamente; familiariza a criança e o adolescente com a leitura, além de enriquecer o seu vocabulário (GIORA, 2012).

Concordando com o que traz a literatura, observa-se nas falas das juízas Flora e Sofia (pedagoga e enfermeira, respectivamente) o porquê da História em Quadrinhos ter sido validada e sua importância na utilização com adolescentes:

[...] Não precisa mudar nada, o conteúdo e as ilustrações estão em condições de serem compreendidos e assimilados pelos adolescentes (FLORA)

[...] Parabéns pela iniciativa! (SOFIA)

Com relação ao título, que é o primeiro item dos dois blocos (clareza e representatividade), ele atingiu um nível de concordância de 90% e 100%, respectivamente, assim, considera-se um item válido. De acordo com Rama e Vergueiro (2014), o título vem em destaque na primeira página e funciona como um atrativo ao leitor, é mais um elemento que poderá ou não levar ao leitor a optar pela leitura daquela História em Quadrinhos.

Apenas a juíza Atenas (enfermeira) fez uma reflexão sobre o título:

[...] se o jovem não souber o que é puberdade, o título como está não fará nenhum sentido para ele, eu colocaria uma chamada com a palavra corpo, algo que o leve direto para perceber que se vai falar de mudanças do corpo (ATENAS)

No entanto, apesar desta observação, e levando em consideração que a maioria das juízas concordaram com o título, foi analisado e discutido com a orientadora em permanecer com o título: “Puberdade: o que acontece comigo?”, tendo em vista que apesar da palavra puberdade não ser tão atrativa, o questionamento chama a atenção do leitor para descobrir o que é puberdade e o que ela causa.

Quanto à capa, a juíza Ártemis (pedagoga com 20 anos de experiência na área da saúde sexual) fez um comentário que nos fez refletir sobre a importância da questão de gênero:

[...] a ilustração da capa com a linguagem genética (feminino e masculino), sugiro colocar os dois símbolos na vertical (ARTEMIS).

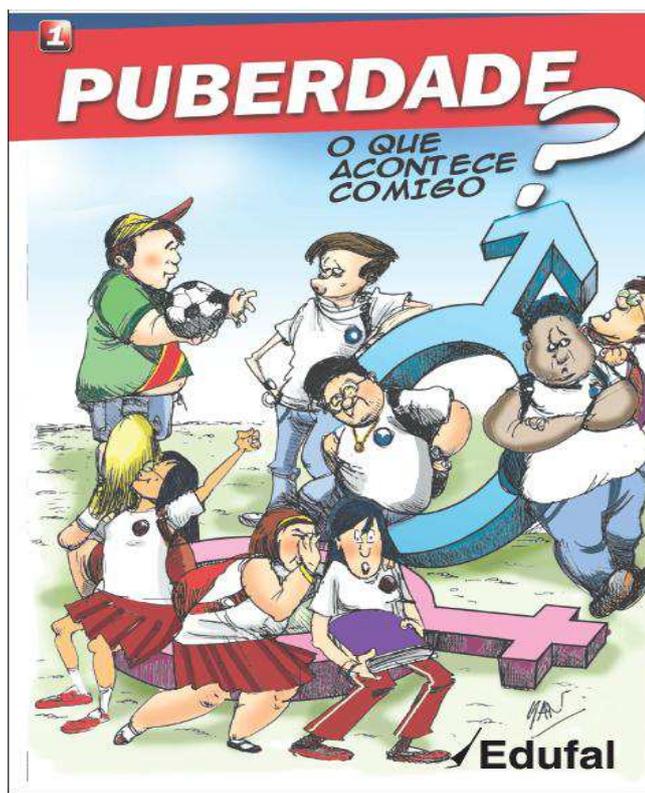


Figura 1 - Capa da História em Quadrinhos, pág. 01

Durante muitos anos, o que dominou o mundo era o pensamento anatômico, em que a mulher era entendida como sendo um homem invertido, o útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina era um pênis. O modelo de perfeição estava representado na anatomia masculina, onde era perfeitamente distinto o domínio de superioridade masculina e inferioridade feminina (SILVA, 2000).

No século XIX, ocorreram sensíveis mudanças. De homem invertido, a mulher passou a ser o inverso do homem ou sua forma complementar, no entanto, ainda mantendo a inferioridade. Essas reflexões eram fortemente atribuídas pelas atividades desenvolvidas pelos homens e mulheres, em que os homens realizavam atividades dirigidas para o mundo social mais amplo da economia, da política e das

interações sociais, enquanto as mulheres eram rigidamente restringidas, limitando-se ao mundo doméstico da própria família (POESCHL; MÚRIAS; RIBEIRO, 2003).

No Brasil, essas relações são facilmente percebidas no período colonial e escravocrata, em que os homens brancos tinham poder e autoridade absoluta pelas mulheres negras, e a sexualidade da mulher circunscrita pela escravidão contribuiu para a “domesticação” da mulher no sentido de torná-la responsável pela casa, pela família, pelo casamento e pela procriação (SOUZA; BALDWIN; ROSA, 2000).

A discussão sobre gêneros perpassou o campo fisiológico e chegou aos ditames das regras e papéis sócio e culturalmente estabelecidos pela sociedade burguesa do século XIX. A Revolução Francesa primeiramente, que pregava os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade e posteriormente a Revolução Industrial e as conseqüentes guerras mundiais que se sucederam foram pontos determinantes para exprimir a necessidade de mudança dos valores dominantes (SILVA, 2000).

Com o passar dos anos, as mulheres começaram a tomar consciência da contradição entre o princípio da igualdade entre os seres humanos defendido pelo ideal democrático e a discriminação de que eram alvos enquanto assistiam à multiplicação das teorias sobre as diferenças entre os sexos (POESCHL; MÚRIAS; RIBEIRO, 2003)

Na medida em que o movimento feminista ganhava força e existia uma rediscussão acerca dos novos papéis sociais estabelecidos pela norma sexual e moral burguesa, tanto para homens quanto para mulheres, passou-se a ficar mais delimitado e fortalecido a representação da mulher enquanto ser social (SILVA, 2000).

A primeira onda de feminismo foi a conquista do direito ao voto e do direito à propriedade e ao acesso à educação, em 1920, na América e na Europa do Norte. Nos anos 70, um novo movimento feminista emergiu no Brasil, foi na metade dos anos 70 que as mulheres de classe média, de nível universitário e mulheres pobres, sem educação organizaram movimentos para que suas reivindicações políticas feministas fossem incluídas no sistema político brasileiro (SOUZA; BALDWIN; ROSA, 2000).

Apesar de toda essa luta histórica das mulheres por igualdade de gênero, ainda percebe-se nos dias atuais muitas atitudes e pensamentos carregados da

questão cultural que cultuava o homem como detentor do poder sobre as mulheres, colocando-as em submissão, principalmente no que concerne à questão sexual.

Em um estudo realizado no Rio Grande do Sul com um grupo de onze mulheres sobre sexualidade, foi percebido que as mulheres aceitavam o mito da virgindade feminina e o valorizavam, havia a concepção de que a relação sexual era uma “necessidade orgânica” para os homens e uma “obrigação” para as mulheres após o casamento. Foi também constatado neste estudo, uma rejeição muito grande no grupo de mulheres em relação à masturbação, as mulheres expressavam um desconhecimento a respeito do assunto, pois condenavam essa prática, relacionando-a a algo proibido e errado que poderia trazer prejuízos físicos e psicológicos (RESSEL; GUALDA, 2003).

Isto evidencia a impregnação de valores morais rígidos em relação ao contato com o próprio corpo e, ainda, desconhecimento, medo e preconceitos. Essas concepções da sexualidade relacionados à obscenidade, a algo sujo e pecaminoso é uma construção sociocultural ainda muito presente nos dias atuais (MOIZÉS; BUENO, 2010).

A construção de sexualidade atrelada a uma repressão sexual denuncia a educação doméstica com pouco diálogo, diferenciando a educação de meninas e meninos, permitindo para os meninos uma maior liberdade e apresentando para as meninas um maior rigorismo e rigidez, atribuindo à sexualidade feminina o fato de que a mulher tradicionalmente é preparada para o matrimônio e a reprodução (MOREIRA; SANTOS, 2011).

Entretanto, a sexualidade deve ser entendida como um fenômeno que faz parte da vida de todas as pessoas como um evento universal e, ao mesmo tempo, singular a cada indivíduo. A construção da sexualidade é um processo extremamente complexo que envolve, ao mesmo tempo, aspectos individuais, sociais, psíquicos e culturais que carregam historicidade e envolvem práticas, atitudes e simbolizações (RESSEL; GUALDA, 2003).

Sendo assim, a sexualidade está presente na vida das pessoas e passa a se constituir em um dos aspectos importantes das ações de promoção da saúde e na melhoria da qualidade de vida de uma população (GOMES, et al, 2010).

Fazendo esta breve reflexão sobre a questão social, histórica e cultural que perpassa as diferenças entre os sexos, torna-se válido rever a questão do símbolo

feminino e masculino na capa da História em Quadrinhos, colocando-os em posições que representem a igualdade de gênero, demonstrando a importância da luta das mulheres.

A apresentação da História em Quadrinhos foi validada com um índice de concordância de 80%, sendo que três juízas fizeram considerações muito pertinentes a fim de melhorar a compreensão e a clareza da mesma:

[...] Retirar citações e referências bibliográficas e sugiro acrescentar no 2º parágrafo, "...podem começar a acontecer por volta dos sete ou oito anos..." (ATENAS)

[...] Mudanças no corpo aos 7 anos? Pré-Puberdade? É preciso explicar melhor. (ÍRIS)

[...] Sugiro no 5º parágrafo reescrever "... prontamente se dispõe a conversar..." (PANACÉIA).

As sugestões das juízas Atenas (enfermeira) e Panacéia (bióloga e farmacêutica) foram acatadas e esclarecidas. Quanto as referências, as mesmas serão retiradas e serão realizadas as revisões necessárias quanto aos erros de concordância verbal.

Na questão interrogada pela juíza Íris (professora universitária que atua no ensino e na pesquisa há 15 anos) sobre o início das mudanças no corpo aos 7 anos, Freitas (2011) ressalta que na faixa etária de 7 a 10 anos observa-se o surgimento das modificações puberais, principalmente nas meninas, em que são encontradas algumas mudanças anatômicas e funcionais importantes, tais quais o aumento do comprimento da vagina para 8 cm e o aumento da secreção vaginal devido ao aumento do estrogênio.

Sendo assim, quando explicitado na apresentação da História em Quadrinhos acerca do início das mudanças do corpo por volta dos 7 ou 8 anos, vimos que está de acordo com uma das literaturas mais tradicionais da ginecologia brasileira (FREITAS, 2011).

Com relação ao objetivo e ao tema da História em Quadrinhos, estes itens tiveram um índice de concordância de 100%, demonstrando estarem claros e representativos, sendo válidos pela unanimidade dos juízes. A originalidade da História em Quadrinhos apresentou 80% de concordância entre os juízes, sendo também considerada válida.

A partir da puberdade, o sujeito adolescente passa a habitar um corpo sexualmente maduro com relação à aptidão reprodutiva e é convocado pelo olhar de um semelhante do “outro sexo” a se apropriar de uma imagem do corpo transformada (LOSS; SAPIRO, 2005).

O ser humano exerce a sexualidade de formas variadas, pois os objetos de interesse são infinitos. Embora meninos e meninas lidem de formas diferentes com a descoberta da diferença anatômica sexual, inclusive com diversas formas de identificação, para ambos os gêneros, todo objeto de conhecimento torna-se sexual, assim, as maneiras de conhecer são subjetivas e o sujeito aprendiz é sempre um ser desejante (VALLE; MATTOS, 2010).

Neste contexto, observa-se que a sexualidade na adolescência tem impulso fortemente marcado por inúmeras descobertas e conflitos que podem denotar risco e vulnerabilidade na vida do adolescente tais como a infecção pelo HIV/AIDS e outras DST, o início precoce de atividade sexual, a gravidez não planejada sem qualquer orientação médica ou familiar, os abortos inseguros, a morbidade materna e os casos de violência sexual, além disso, existem as dificuldades que os próprios serviços de saúde e educação demonstram em tratar do tema e assegurar universalmente os direitos sexuais e reprodutivos dessa população (MORAES; VITALLE, 2012).

De maneira geral, o adolescente não recebe informações que envolvam a sexualidade e quando recebem, estas são muitas vezes limitadas e inadequadas, provenientes de amigos, de pessoas pouco preparadas para essa função. Como demonstra a fala de um estudante que questionou a professora, até quando vamos falar de sexo usando um mapa anatômico ou recursos de peças anatômicas? Pois assim é fácil, basta abrir o livro e lá está tudo explicado, o que precisamos é de informações subjetivas, “coisas” que sentimos e queremos saber e que não estão nos livros (VALLE; MATTOS, 2010).

Para Nunez apud Cunha e Lima (2013), existem duas dimensões no ato educativo, a aprendizagem e a educação. A aprendizagem significa adquirir algo do patrimônio cultural, supõe um tempo para essa aquisição e há algo de previsível nesse processo. Já a educação diz respeito aos efeitos subjetivos, particulares de cada sujeito, sendo os efeitos da educação imprevisíveis. É impossível calcular o que, como e quando acontecerá, a educação vai além da aprendizagem.

A educação em saúde sexual é essencial para fornecer informações que proporcionam decisões conscientes e acertadas sobre sexualidade. Embora o núcleo familiar deva ser o primeiro e mais importante local de socialização sexual, muitas vezes o diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade é deficiente, seja por falta de habilidades de comunicação, pouco conhecimento ou sensação de constrangimento; é neste contexto que a escola se destaca como espaço pedagógico propício para discutir sexualidade (NAU et al, 2013).

Entretanto, mesmo na escola o debate ainda é falho, Paulo Freire (2014) afirma que saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Neste sentido, o papel do educador deve estar centrado no educando, saber escutar, saber respeitar os saberes do educando, atrelando a realidade ao conteúdo a ser ensinado, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Ainda neste sentido, Valle e Mattos (2012 p.108) destaca que:

[...] o educador ético é aquele que está disponível, mas não exigirá de seu estudante uma única maneira de posicionar-se, igual à sua, mas apontará caminhos possíveis. Essa diferença sutil permitirá à criança ocupar-se do seu ritmo e amadurecimento neurobiopsicológico no momento certo. Por isso, concluo que o educador não deve ser o representante da verdade absoluta para seu estudante menino ou menina, mas um incentivador de diversas possibilidades e potencialidades.

Logo, pode-se observar que ainda existe muita dificuldade por parte dos professores e dos pais para abordar as questões relacionadas à sexualidade. Essas falhas se acentuam ainda mais quando se volta à questão puberdade, pois muitas crianças atingem a adolescência e não reconhecem ou não compreendem as mudanças que acontecem em seu corpo e em sua mente.

Sendo assim, é importante a realização de estudos acerca desta temática, tendo em vista que a educação sexual perpassa por questões biológicas, psicológicas e sociais que fazem do indivíduo um ser mais capaz e autônomo.

Na análise feita pelas juízas quanto às partes do texto que se relacionam entre si, destaca-se a avaliação satisfatória das julgadoras, tendo este item um nível de concordância de 90%, demonstrando ser claro e válido. Com relação a consistência do conteúdo da História em Quadrinhos para o acesso dos pré-

adolescentes ao conhecimento sobre puberdade, 80% dos juízes julgaram como representativa e válida.

Quanto à concisão e à qualidade do conteúdo, obteve-se um índice de concordância de 90% e 80% respectivamente, demonstrando, mais uma vez, que a História em Quadrinhos, quando avaliada nestes itens, foi considerada válida.

Com relação à contribuição da História em Quadrinhos, este item obteve um nível de concordância de 70%, estando abaixo do que foi definido neste estudo que foi de 80%, no entanto, muitas contribuições foram feitas no intuito de melhorar a História em Quadrinhos a fim de atingir o objetivo que é levar informação e conhecimento de forma mais dinâmica e lúdica para os pré-adolescentes

As juízas Atenas e Hestia (ambas enfermeiras) deram contribuições a fim de melhorar a História em Quadrinhos:

[...] Ser mais objetiva no início (são quatro páginas até começar a falar sobre as mudanças). Acrescentaria, na página 20, que os espermatozoides são produzidos nos testículos e colocaria que eles fazem parte do sêmen na explicação da ejaculação. Na página 21, eu sugiro que se coloque na explicação sobre o esmegma que é comum, não, normal. Ele ocorre por falta de higiene. (ATENAS)

[...] Na página 13, quanto aos cuidados de higiene com o corpo, sugiro acrescentar a utilização de desodorantes com 0% de álcool. Esta recomendação é muito enfatizada pelos dermatologistas para evitar irritação na pele dos adolescentes. Na página 14, quanto às orientações e dicas para evitar e/ou controlar a oleosidade da pele, sugiro acrescentar: “evitar ingerir em excesso comida oleosa, muito chocolate...”. Na página 19, no texto que foi falado sobre a troca de absorventes, é importante acrescentar: “durante a troca de absorvente, a adolescente poderá, se possível, higienizar a genitália com sabonete com PH neutro”. (HÉSTIA)

Sendo um sistema de interação entre dois códigos, parte da mensagem da História em Quadrinhos é passada ao leitor por meio da linguagem verbal, esta vai aparecer para expressar a fala ou pensamento dos personagens, a voz do narrador e os sons envolvidos nas narrativas apresentadas, mas também estará presente em elementos gráficos, como cartazes, cartas, vitrines etc. (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Em se tratando de uma História em Quadrinhos sobre a temática puberdade, a linguagem verbal vem com o conteúdo acerca desta temática no intuito de levar

informação e esclarecer aos pré-adolescentes sobre as mudanças que ocorrem no corpo durante esta fase da vida (VERGUEIRO; PIGOZZ, 2013).

Assim, as considerações trazidas pelas juízas Héstia (enfermeira e professora universitária) e Atenas (enfermeira e diretora de uma ONG responsável divulgação de materiais educativos na área da saúde sexual e reprodutiva) acerca do conteúdo que poderia ser acrescentado para melhor esclarecimento deste grupo etário, foram aceitas, tendo em vista que muito contribuem para um melhor entendimento dos pré-adolescentes.

A estrutura textual foi outro item considerado válido, obtendo um nível de concordância entre os juízes de 80%, sendo considerada clara. Quanto aos diálogos, esse item atingiu um nível de concordância de 90%, sendo considerado claro e representativo com 100%. Entretanto, algumas juízas sugeriram mudanças em alguns diálogos, deixando-os mais claros e objetivos:

[...] No diálogo da professora “que bom que vocês estão conversando, mas é importante conversar com quem tem mais experiências que vocês para ajuda-los...” passa certa desvalorização dos conteúdos e aprendizagem do outro. (HEBE)

[...] Na página 06, sugiro retirar a fala do quadro 2 “como vocês estão? E as aulas?”. Na página 07, sugiro acrescentar na fala da professora no primeiro quadro: “muito bem! Agora o que vocês gostariam de perguntar?”. Na página 11, acrescentar a fala da professora: “muito bem! Vocês fizeram um ótimo desenho do corpo feminino ou das meninas”. (SOFIA)

[...] Ser mais clara nas falas, ex.: na página 07, a aluna pergunta: “é normal sentir o nosso corpo diferente?” e a professora repete a palavra diferente. A concretização é que vai dar a riqueza do diálogo e do conteúdo. (ATENAS)

A sugestão dada pela juíza Hebe (psicóloga com experiência em validação de material educativo e que atua na assistência com a saúde sexual e reprodutiva de jovens) foi muito pertinente como demonstra a figura 2, pois a forma que a professora se expressa demonstra realmente uma desvalorização do saber do estudante, colocando-a em um patamar de superioridade como detentora do saber.



Figura 2 - Diálogo da professora com os estudantes, pág. 06.

Esta observação é pertinente, tendo em vista que durante a construção da História em Quadrinhos foi passado despercebido pelas pesquisadoras e está totalmente contrário ao que este material se propõe, que é a maior interação professor-estudante levando em conta o saber individual de cada um para um aprendizado mais consciente e autônomo.

Com relação às observações feitas pelas juízas Sofia e Atenas, estas também foram acatadas. Sofia (a juíza de maior faixa etária e que possui maior titulação) deixa claro que é necessário acrescentar afirmativas elogiando a iniciativa dos alunos durante toda a história e Atenas solicita ser mais objetiva no intuito de deixar mais claro o diálogo, sem muitos rodeios.

Observa-se que a linguagem verbal dos quadrinhos que representam formas de comunicação dos personagens, internas e externas, vem escrita dentro dos balões, legendas e onomatopeias. O uso do balão para representar a fala é um código de fácil assimilação, não estando restrito, hoje em dia, à História em Quadrinhos, sendo largamente usado em peças publicitárias (GUIMARÃES, 2005).

O balão é a intersecção entre imagem e palavra, ele apareceu nos quadrinhos no final do século XIX em uma história do personagem Yellow Kid, descoberto o seu potencial passou a ser utilizado em outras Histórias em

Quadrinhos e se tornou uma característica dos quadrinhos (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

A presença do balão ligado a uma ponta angulosa, chamada rabicho, indica a quem pertence a fala, como mais de um personagem pode “falar” em um mesmo quadrinho, o balão funciona pela sua disposição como um indicador da ordem dos falantes, ou seja, balões colocados na parte superior esquerda devem ser lidos antes daqueles colocados à direita e abaixo como observa-se na figura 3 (LANIUS, 2014).



Figura 3 - Diálogo da professora com estudantes sobre o uso do desodorante, pág. 13

A linha que delimita o balão também informa muitas coisas ao leitor, por exemplo: as linhas tracejadas transmitem a ideia de que o personagem está cochichando, em formato de nuvem indicam o pensamento do personagem, com traçado em zig-zag, semelhante a uma descarga elétrica, indica uma voz que procede de um aparelho mecânico como telefone, robô, alto-falante, mas também pode representar o grito de algum personagem. Um balão com múltiplos rabichos representa que vários personagens estão falando ao mesmo tempo (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

A legenda, que representa a voz onisciente do narrador da história, é utilizada para situar o leitor no tempo e no espaço, ela é colocada na parte superior do quadrinho, devendo ser lida em primeiro lugar, precedendo a fala dos personagens. Outro destaque dos quadrinhos são as onomatopeias, signos convencionais que retratam um som por meio de caracteres alfabéticos, elas variam de um país a outro de acordo com o idioma (SANTOS; GANZAROLLI, 2011).

O texto contido no balão, além de sua mensagem principal, também transmite uma mensagem específica de acordo com o tipo de letra que é utilizado, em tamanho maior significa que as palavras estão sendo pronunciadas em tom mais alto, tamanho menor que o normal representa um tom de voz mais baixo, tremidas significam medo, se for tremida e maior deve ser interpretada como um grito de pavor ou susto (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Algumas juízas fizeram considerações com relação ao tamanho da letra e a cor:

[...] A letra da fala da professora está muito pequena e, nas páginas 05 e 23, letras brancas não favorecem a leitura. (ÍRIS)

[...] Letra muito pequena não desperta o interesse, assim, é pertinente a revisão em algumas páginas. (ARTEMIS)

[...] O tamanho da letra não segue um padrão, se as letras forem maiores, facilitará o processo de leitura. (EUTÊNIA)

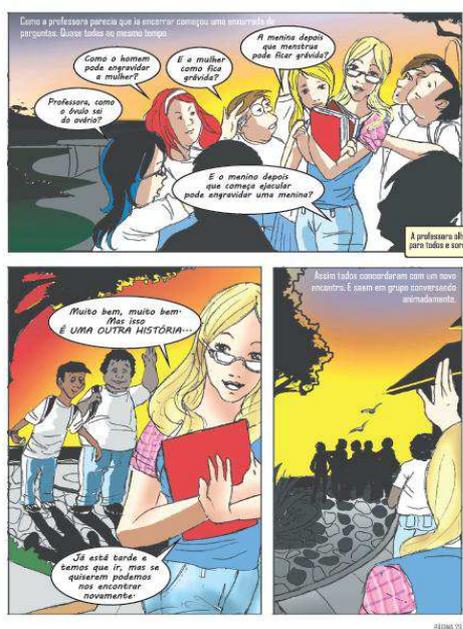


Figura 4 - Legenda e uso de letras em diferentes tamanhos, pág. 23

A figura 4 demonstra o que foi percebido e sugerido pelas juízas Íris, Artemis e Eutênia quanto a cor da legenda e os diferentes tamanhos de letras. A sugestão de mudança da cor da legenda foi acatada, tendo em vista que dificulta a leitura e pode passar despercebido. Quanto as variações nos tamanhos das letras, como visto anteriormente, faz parte da característica das Histórias em Quadrinhos, pois demonstra um tom mais alto ou mais baixo na fala dos personagens, no entanto, será realizada uma revisão geral para melhorar o tamanho da letra em algumas falas, pois pode gerar dificuldade na leitura.

O design pedagógico também foi avaliado atingindo um percentual de 80% de concordância entre os juízes. Com relação as ilustrações, este item obteve um nível de concordância de 80% sendo considerado claro, no entanto no bloco da representatividade atingiu um nível de concordância de 60%, sendo necessária uma revisão para ser representativo.

Várias juízas fizeram considerações acerca das ilustrações, principalmente a respeito do posicionamento dos elementos gráficos. Todas as sugestões acerca do posicionamento dos elementos gráficos foram discutidas entre as pesquisadoras e acatadas, tendo em vista que os olhares das juízas fazem toda a diferença no sentido de melhoria deste objeto de estudo. Alguns exemplos estão abaixo demonstrando as mudanças sugeridas.

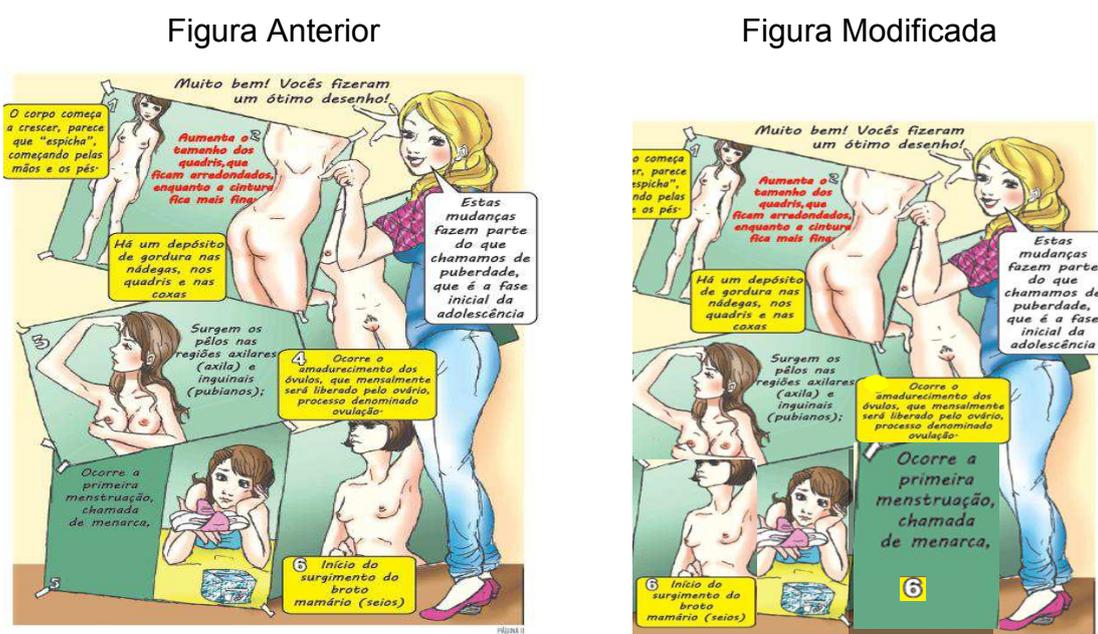


Figura 5 - Mudanças que acontecem com o corpo feminino, pág. 11

Sugiro alterar a sequência da ordem das imagens: manter a figura 01, 02 e 03, trocar o quadro 04 pelo 06, trocar o quadro 05

pelo 04 e colocaria no quadro 06 a parte que tem como texto: ocorre a 1ª menstruação chamada de menarca. (HÉSTIA)

Figura Anterior



Figura Modificada



Figura 6 - Saber como jogar fora um absorvente externo, pág. 19

Sugiro inverter as imagens, colocando a imagem envolvendo o absorvente para jogar no lixo para cima e a imagem lavando as mãos para baixo. (SOFIA)

A visão é um órgão adaptado para captar imagens reais em movimento, mas também é capaz de manter a atenção sobre imagens paradas. Nas Histórias em Quadrinhos (HQ), conseguimos compreender a mensagem transmitida pela imagem estática, mesmo que seja demonstrado algum movimento ou ação. Isto ocorre porque o cérebro é capaz de compreender a sequência de quadros de uma HQ e interpretá-la como uma representação do movimento sem a necessidade de ensino prévio (GUIMARÃES, 2005).

A imagem desenhada é o elemento básico das Histórias em Quadrinhos, ela representa uma sequência de quadros que trazem uma mensagem ao leitor, normalmente uma narrativa. Sua principal unidade narrativa é o próprio quadrinho, também denominado de vinheta. No mundo ocidental, a sucessão de vinhetas é organizada do alto para baixo e da esquerda para a direita como podemos verificar na figura 9, em que se buscou seguir esta recomendação com o objetivo de facilitar

o entendimento da história. Já nos países asiáticos, essa representação ocorre da direita para a esquerda (RAMA; VERGUEIRO, 2014).



Figura 7 - Sequência dos quadrinhos, pág. 19

Na linguagem visual dos quadrinhos, existem muitos elementos que são encontrados em outras fontes como o cinema, o teatro e não causam rejeição aos leitores. É o caso dos enquadramentos com os vários tipos de planos, ângulos de visão, formato dos quadrinhos e criação de personagens bem como a utilização de figuras cinéticas e metáforas visuais (GUIMARÃES, 2005).

O quadrinho ou vinheta geralmente tem o formato quadrado ou retangular, representa um instante específico ou uma sequência interligada de instantes por meio de uma imagem fixa, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento. Os quadrinhos são justapostos uns aos outros, o que funciona como fator de estruturação textual, pois indica a ordem de leitura (ALMEIDA; FLUMINENSE, 2001).

Quando as Histórias em Quadrinhos surgiram, as vinhetas costumavam ter sempre o mesmo formato, entretanto, atualmente, tem-se utilizado diferentes formatos de quadrinhos, o que colabora para a leitura, afastando a monotonia visual como demonstra a figura 9 (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

As linhas que demarcam o contorno das imagens formando os quadrinhos também possuem função informativa. Linhas pontilhadas indicam um acontecimento do passado ou um sonho do personagem, as linhas podem participar metalinguisticamente da história, sendo importante ter em mente que as linhas dos quadrinhos não representam uma gaiola, podendo ser extrapolados os limites dos quadrinhos, fazendo com que parte da ação se desenrole fora deles (figura 10) (RAMA; VERGUEIRO, 2014).



Figura 8 - Linhas que demarcam os quadrinhos, p 17

Quanto aos personagens, Almeida e Fluminense (2001) afirmam que ele, juntamente com seu comportamento e suas características, são o "conteúdo" com que se preenche a história, são objeto da narração. Um elemento importante para a caracterização dos personagens e compreensão da mensagem são as expressões corporais e faciais, que muito influenciam o entendimento do seu estado de espírito.

As metáforas visuais atuam no sentido de expressar ideias e sentimentos, reforçando, muitas vezes, o conteúdo verbal, constituindo-se em signos ou convenções gráficas que têm relação direta ou indireta com expressões do senso comum, por exemplo: “ver estrelas”, possibilitando um rápido entendimento da ideia (RAMA; VERGUEIRO, 2014).

Sendo assim, a representação visual contribui de forma relevante para a comunicação verbal sendo necessário conhecer as especificidades da linguagem

visual das Histórias em Quadrinhos. Desta forma, exercita-se e educa-se o olhar para as leituras visuais, e não apenas para o texto, no intuito de ampliar os saberes e conhecimentos (ARAÚJO, 2013).

Ainda neste contexto, Ramos (2009, p.14) afirma que “ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal)”, ressaltando, ainda, que dominar essa linguagem, mesmo que em seus conceitos mais básicos, é condição para a plena compreensão da história e para a aplicação dos quadrinhos em sala de aula e em pesquisas científicas sobre o assunto.

Dessa forma, entende-se que não basta “ler” apenas o elemento textual de uma História em Quadrinhos, é preciso ir além, é necessário identificar os tipos de balões (de fala, de pensamento etc.), as metáforas visuais (lâmpada acesa sobre a cabeça quando o personagem tem uma ideia, estrelas indicando dor etc.) e as onomatopeias (VERGUEIRO; SANTOS, 2012).

A harmonia da História em Quadrinhos também foi avaliada, atingindo um nível de 70% de concordância entre os juízes, não sendo validada. No entanto, muitas contribuições foram feitas a fim de melhorar a harmonia da História em Quadrinhos:

Acredito que o número de estímulo visual poderia ser menor e mais harmonioso. Muita informação e pouco espaço. (ARTEMIS)

[...] A quantidade de figuras poderia ser menor, acredito que traria mais conforto para o leitor, principalmente nas páginas que contêm os quadrinhos e as explicações científicas. (EUTÊNIA)

Quanto as sugestões das juízas Artemis e Eutênia (assistente social), será realizada uma revisão geral da História em Quadrinhos a fim de melhorar a harmonia, podemos observar na figura 10 ao que os juízes se referiram, tendo em vista que o efeito biológico que os quadrinhos exercem sobre o cérebro do leitor é um fator preponderante. Seu poder de transmissão de mensagens, e, conseqüentemente, a razão do fascínio que exercem, reside no fato de enviar, simultaneamente, ao cérebro do leitor, dois códigos diferentes: texto e imagem (SOUZA; TOUTAIN, 2010).

Assim, faz-se necessário que esses códigos sejam harmônicos para estimular a leitura dos pré-adolescentes e promover um compartilhamento de saberes e experiências em busca da promoção da saúde sexual dos mesmos.

Com relação ao vocabulário, este item foi considerado claro e representativo, atingindo um nível de concordância de 90% no bloco da clareza e 80% no bloco da representatividade, entretanto consideramos pertinente as observações de algumas juízas a fim de melhorar o objeto de estudo.

[...] Retirar o nome sabonete esfoliante, poucos sabem o que significa isso, deixaria só sabonete. (SOFIA) (ATENAS)

[...] Trocar o termo cíclico por termos mais claros para pré-adolescentes. (SOFIA)

Estas sugestões foram acatadas, tendo em vista que trazem um melhor entendimento para o público-alvo.

Quanto a compreensão da mensagem, este item atingiu um nível de concordância de 80%, sendo considerado válido e representativo, porém, algumas juízas fizeram observações pertinentes a respeito do aspecto integral do ser, enriquecendo ainda mais a História em Quadrinhos:

[...] Acho que o começo da história poderia se passar em casa, a família é a base de nossas primeiras observações, nossos modelos, formadora de nosso referencial de identidade, papéis. Não dá para postergar para a escola apenas a responsabilidade de nossa educação sexual. (HEBE)

[...] Acho que faltou concretizar, em falas dos alunos, os sentimentos medo e humor. (ATENAS)

[...] Sugiro acrescentar os aspectos culturais, psicológicos e afetivos relacionados às transformações do corpo na puberdade. (ÍRIS)

Como mencionado anteriormente, sabe-se que a adolescência é um período de grandes transformações e descobertas, tempo de afirmação da personalidade e de formação de relações mais profundas com a sociedade, escola e principalmente com a família (ALMEIDA; CENTA, 2009).

A sugestão dada pela juíza Hebe é de grande valia, tendo em vista que a família é considerada como um espaço indispensável para garantir a proteção integral de seus membros, independente da forma como ela está estruturada. O meio familiar propicia a confirmação da afetividade e também desempenha um importante papel na educação de seus membros, pois é nela que são aprendidos os valores éticos e morais necessários para se viver em sociedade (ALMEIDA; CENTA, 2009).

Consideramos, dentro da criação da “Série Sexualidade e Educação”, a família como um elemento importante para a formação sexual do indivíduo, assim, no gibi 3, sobre iniciação sexual, a história inicia com diálogos dentro do contexto familiar.

De acordo com Muller (2013), os pais são os principais educadores dos filhos, eles já estão dando um roteiro para a criança de como ser homem ou como ser mulher no mundo, isso é educação sexual. É necessário compreender e vivenciar esta etapa de vida dos filhos valorizando seus conhecimentos, sua história e suas crenças para que tomem consciência de que a família é um espaço essencial na formação dos indivíduos.

Entretanto, muitas famílias reproduzem uma educação sexual conservadora e moralista porque também foram educadas em uma época em que o principal valor era impedir manifestações da sexualidade, assim, impossibilita as crianças e os adolescentes de expressarem suas dúvidas, inquietações e anseios sobre as questões relacionadas a sexualidade, levando a comportamentos de riscos e gerando muitos conflitos emocionais (REIS; MAIA, 2012).

Portanto, a partir dos 07 anos, ao perceberem a entrada dos filhos na puberdade, os pais devem procurar entendê-los de maneira a facilitar o vínculo afetivo entre ambos, criando um ambiente de confiança para que haja uma proximidade. Esta aproximação fará com que os adolescentes não se sintam sozinhos, perdidos ou desorientados, o que os ajudará a compreender e vivenciar esta fase (ALMEIDA; CENTA, 2009).

Outra sugestão dada pelas juízas Atenas e Íris foi a de acrescentar conteúdos relacionados aos aspectos culturais, psicológicos e afetivos, sugestão essa extremamente importante, pois educar sexualmente não é apenas falar das mudanças corporais e de sexo, mas sim falar de amor, prazer, afeto, relacionamentos, pois é necessário viver de uma forma mais saudável e prazerosa tanto fisicamente quanto emocionalmente, levando sempre em consideração as crenças de cada indivíduo (MULLER, 2013).

Assim, para educar sexualmente é preciso o apoio conjunto da família e da escola. Os programas educacionais sobre saúde sexual devem sempre considerar as influências primeiras na construção da sexualidade, sendo assim, todo o trabalho de educação sexual deve ser conjunto e interdisciplinar, pois a sexualidade é,

também, construída coletivamente em uma determinada sociedade e cultura (REIS; MAIA, 2012).

No entanto, a educação sexual nas escolas não é tratada de forma a integrar os diferentes saberes, ou seja, a interdisciplinaridade não é contemplada. O fundamental para a abordagem educacional é que esta seja trabalhada e discutida sob o enfoque da integralidade, que trata de abordar os indivíduos, grupos e coletividade tendo o usuário como sujeito histórico, social e político, articulado ao seu contexto familiar, ao meio ambiente e à sociedade na qual se insere (ALENCAR et al, 2008).

No contexto atual, a família, a escola e os profissionais da saúde da atenção básica devem dialogar entre si e saber ouvir e conversar com os adolescentes num processo de educação sexual emancipatório, além disso, a escola, por meio dos educadores, deve contribuir com uma educação sexual adequada, atualizada e motivadora, fazendo, inclusive, o uso pedagógico de novas tecnologias da educação (REIS; MAIA, 2012).

Quanto aos profissionais de saúde, podemos observar pela realidade de formação dos enfermeiros da Universidade Federal de Alagoas que a saúde dos adolescentes encontram pouco espaço dentro do currículo ofertado e as questões de sexualidade e de preparo dos futuros profissionais para uma abordagem desta natureza são pouco contempladas dentro das disciplinas e, quando abordadas, são voltados aos aspectos disfuncionais, ficando os aspectos de educação sexual em outro plano.

Pois, para ensinar crianças e adolescentes, é necessário vincular o conteúdo proposto com a vida cotidiana do jovem, levando em consideração os contextos familiar e social nos quais ele está inserido a fim de compreender crenças e valores que permeiam sua vivência. Só assim as intervenções realizadas por parte dos profissionais da saúde e da educação terão o sucesso esperado (ALENCAR et al, 2008).

Logo, percebe-se que as Histórias em Quadrinhos têm significativa importância pedagógica por serem um meio facilitador de transmissão de informação, por possibilitar a construção de sentido e produzir informações de forma singular e também pelo fato de os quadrinhos apresentarem uma linguagem diferenciada dos outros meios de acesso à informação, possuindo vários

mecanismos comunicativos de destacada riqueza, o que permite potencializar a sua capacidade de expressão e comunicação (VERGUEIRO; PIGOZZI, 2013).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, verificou-se a validade do recurso pedagógico “Puberdade: o que acontece comigo?” para ser utilizado como material educativo para pré-adolescentes conforme apreciação dos juízes e suas observações.

O recurso foi desenvolvido com base na tendência sócio-interacionista com o intuito de permitir a utilização da mesma em prol de um aprendizado autônomo, estimulando o pensamento crítico e reflexivo dos pré-adolescentes e levando em consideração o saber que cada um possui.

O processo de construção e validação do recurso pedagógico constituiu um momento de grande aprendizado e aprofundamento desta temática, possibilitando a compreensão da importância de validar instrumentos para verificar se o instrumento mensura o que foi proposto, bem como as suas potencialidades serem reconhecidas cientificamente.

De acordo com os dados obtidos, o recurso pedagógico foi validado quanto aparência e conteúdo em seus dois domínios, clareza e representatividade, de acordo com as avaliações dos juízes especialistas, em que as respostas variaram entre claro ou muito claro e representativo ou extremamente representativo, sendo, portanto, considerado um instrumento com grande potencial pedagógico para ser utilizado com os pré-adolescentes para fins de promoção da saúde sexual e reprodutiva dos mesmos.

Nas avaliações dos juízes apenas um item do domínio clareza apresentou considerações negativas, que foi quanto à harmonia da História em Quadrinhos, em que foi sugerida a revisão geral da história para diminuir os estímulos visuais e verbais. No domínio da representatividade, as ilustrações também receberam críticas construtivas a fim de melhorar a linguagem visual do instrumento, evitando confusão e dúvidas no público-alvo.

Nas considerações dos juízes, foi possível identificar alguns pontos que necessitam ser aperfeiçoados e/ou modificados para um melhor entendimento das questões relacionadas a puberdade, bem como a necessidade de acrescentar outros aspectos como a questão psicológica e cultural, que são extremamente necessárias para atingir o que se propõe neste estudo. Diante disto, percebe-se a necessidade desta tecnologia ser revisada e readequada antes de partir para a próxima etapa que é a validação com o público-alvo.

Essas limitações demonstram que a construção de um recurso pedagógico e a sua validação não são tarefas simples, pois requerem toda uma análise para contemplarem os objetivos a que se propõe o recurso, para assim, ter uma aplicação eficaz e eficiente, podendo ser utilizado em vários ambientes e pelos profissionais da saúde e educação, bem como pelos próprios pais dos púberes.

Contudo, o presente estudo denotou a importância da criação e utilização de novas tecnologias educacionais que aperfeiçoem o processo de aprendizagem, levando aos púberes novas formas e possibilidades de estudos, sendo imprescindível que o educador, seja ele profissional da educação ou profissional da saúde, saiba utilizá-las de maneira criativa, despertando o interesse no público alvo, tendo em vista que o material didático aqui apresentado, por si só, não atinge as expectativas propostas, mas quando utilizado adequadamente pode despertar no pré-adolescente o desejo em aprender.

Além disso, foi possível reforçar a necessidade de desenvolver diálogos sobre sexualidade nos diferentes espaços sociais, resgatando os valores morais, sociais e culturais que cercam o indivíduo, sendo fundamental que o pré-adolescente conheça o funcionamento do seu corpo e compreenda os seus desejos e pensamentos, favorecendo a expressão de sua sexualidade.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, G. F., et al. Educação popular trabalhada em oficinas de saúde: a sexualidade durante o adolescer. **Revista de Educação Popular**, v. 13, n. 1, p. 75-81, 2014.
- ALDINO, D. F.; NASCIMENTO, R. da S. Objetos de aprendizagem: diálogos entre conceitos e uma nova proposição aplicada à educação. **Revista Contemporânea de Educação**, Santa Catarina, v. 5, n. 10, p. 128- 148. Jul/dez. 2010.
- ALENCAR, C. J. F. **Avaliação de conteúdos e objeto de aprendizagem da Teleodontologia aplicado à anestesia e exodontia em Odontopediatria**. 121f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Odontologia. Universidade de São Paulo, 2008.
- ALENCAR, R. A. et al. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008.
- ALEXANDRE, N. M. C.; COLUCI, M. Z. O. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3061-3068. Jul. 2011.
- ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. de L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta paulista de enfermagem [online]**. v. 22, n.1, p. 71-76. 2009.
- ALMEIDA, M. E. B. **Tecnologia de informação e comunicação na escola: novos horizontes na produção escrita**. 2002.
- ALMEIDA, F. A. Arquitetura da História em Quadrinhos. **Linguagem & Ensino**, v. 4, n. 1, p. 113-140, 2001.
- ALMEIDA, J.N; PEREIRA, A. L. **História em Quadrinhos (HQ) e ensino de história: os usos das hqs enquanto recurso didático**. Universidade Estadual da Paraíba In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2014, Paraíba. Disponível em:
http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_11_08_2014_15_11_20_idinscrito_2666_029ff3f0819e222eb2fcb2ea418620b6.pdf
- AMANTE, L.; MORGADO, L. Metodologia de concepção e desenvolvimento de aplicações educativas: O caso dos materiais hipermídia. **Revista Discursos: Língua, cultura e sociedade**, Portugal, v. 3, n. especial, p. 27-44. 2001.
- AMANTE, L.; MORGADO, L. **Metodologia de concepção e desenvolvimento das aplicações educativas: o caso dos materiais hipermídia**. In: Discursos, III Séries, nº especial, pp. 125-138, Universidade Aberta, 2011.
- ARAÚJO, G.C.; COSTA, E.B. **As Histórias em Quadrinhos em oficinas na universidade federal de uberlândia: linguagem e produção**. In: 4ª SEMANA DO SERVIDOR E 5ª SEMANA ACADÊMICA. Universidade federal de Uberlândia, 2008.

ARAÚJO, G. C. Dialogando com a linguagem visual das Histórias em Quadrinhos em sala de aula. **Revista de letras norte@mentos. Revista de estudos linguísticos e literários**. Edição 12 – estudos linguísticos 2013/02. Disponível em: http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos

ARAÚJO, G. C.; NARDIN, H. O.; TINOCO, E. F. Criação e técnica: as Histórias em Quadrinhos como recurso metodológico para o ensino de arte. **Revista IDEA**, v.1, n.2, Jan./Jul. 2010.

ARCELINO, L. A. M., SOUZA, H. C., TRINDADE, R. F. C. **Compreensão de estudantes adolescentes sobre sexualidade** In: 63º CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, Maceió, 2011.

AULER, D.; DELIZOICOV, D. Educação CTS: articulação entre pressupostos do educador Paulo Freire e referenciais ligados ao movimento CTS. **Las relaciones CTS en la educación científica**, p. 1-7, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia2/aeducacao_cts.pdf

BAHIA, S. TRINDADE, J. P. O potencial das tecnologias educativas na promoção da inclusão: três exemplos. **Educação, Formação & Tecnologias**. v.3, n. 1, p. 96-110, Maio, 2010.

BARROS, J. P. P.; COLAÇO, V. de F. R. “Meu prazer agora é risco”: sentidos sobre sexualidade entre jovens de um grupo sobre saúde. *Fractal*, **Revista de Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 59-80, Jan./Abr. 2013.

BEHAR, P. A; TORREZZAN, C. A. W. Metas do design pedagógico: um olhar na construção de materiais educacionais digitais. **RBIE** v.17 n.3, 2009.

BELLUCCI JUNIOR, J. A.; MATSUDA, L. M. Construção e validação de instrumento para avaliação do Acolhimento com Classificação de Risco. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 65, n. 5, out. 2012 . Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672012000500006> acesso em 08 junho 2014.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**. v. 32, n. 1, p. 25-40. 2011.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diversidade e Inclusão: A trajetória da mulher na educação brasileira**. 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=5710:sp-1216879868> acesso em 26 de janeiro de 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente** / Ministério da Saúde. – 3. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher – PNDS 2006 : dimensões do processo reprodutivo e da**

saúde da criança/ Ministério da Saúde, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. – Brasília, 2009.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente. **Programa Saúde do Adolescente**. Bases Programáticas. 2a Edição. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão / IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Censo demogr., Rio de Janeiro, p.1-369, 2010.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Mulheres tem maior participação no mercado de trabalho**. Brasília, 2012. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2013/10/mulheres-tem-maior-participacao-no-mercado-de-trabalho-em-2012> acesso em 26 de janeiro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação como exercício de diversidade**. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, p. 476, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=647-vol7div-pdf&Itemid=30192 acesso em 21/03/2016.

BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y. I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. v.14, n.3, p. 422-427. 2006.

BRÊTAS, J. R. et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n. 7, p. 3221-3228, 2011.

CABELLO, K. S. A.; ROCQUE, L.; SOUSA, I. C. F. Uma História em Quadrinhos para o ensino e divulgação da hanseníase. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. v. 9, n. 1, p. 225-241, 2010.

CANGUÇU, C. P.; KORBES, L. M. O incentivo da leitura por meio de Histórias em Quadrinhos. **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 2, n. 1 (2. ed. rev. e amp.), p. 50-60, jan./jul. 2011

CARMINES, E. G.; ZELLER, R. A. **Reliability and validity assessment**. Sage publications, 1979.

CARVALHO, C. S; SILVA, E. R; SOUZA, S. J; SALGADO, R. G. Direitos sexuais de crianças e adolescentes: avanços e entraves. **Psicologia Clínica**., Rio de Janeiro, v. 24, n.1, p. 69 – 88, 2012.

CATUNDA, M. A. D. **As Histórias em Quadrinhos no incentivo à leitura nas crianças: a realidade em algumas escolas de Fortaleza**. **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 348-357, Jan/Jul 2013.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Bookman, 2007.

CINTRA, F. A. Educação em saúde a portadores de glaucoma: uma abordagem Vygotskiana. **Revista brasileira de enfermagem**. [online]. v.56, n.3, pp. 302-305. 2003.

COSTA, M., et al. Desafios à Escola Contemporânea: um diálogo. **Educação & Realidade**, v. 32, n. 2, 2007.

CROCKER, L.; ALGINA, J. **Introduction to classical & modern test theory**. Fort Worth, TX: Holt, Rinehart and Winston. 1986.

CRONBACH, L. J.; MEEHL, P. E. Construct validity in psychological tests. **Psychological bulletin**, v. 52, n. 4, p. 281, 1955.

CUNHA, CF; LIMA, NL de. A escuta de adolescentes na escola: a sexualidade como um sintoma escolar. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 18, n. 3, dez. 2013.

DALONSO, G. de L. Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. **Psicologia para América Latina**, n. 15, 2008.

DATASUS. Ministério da Saúde, Brasil, [website] <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php> Brasil, 2015.

DODT, R. C. M.; XIMENES, L. B.; ORIÁ, M. O.B. Validação de álbum seriado para promoção do aleitamento materno. **Acta Paulista Enfermagem**, v. 25, n. 2, p. 225-30, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002012000200011>. acesso em 30 de abril 2014.

DUNCAN, B.B; SCHMIDT MI; GIUGLIANI, ERJ. **Medicina Ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas em evidências**. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Revista Adolescência & Saúde**. V. 2, n. 2, jun. 2005.

FERNANDES, A. C. et al. **Modelo para Qualidade de Objetos de Aprendizagem: da sua Concepção ao Uso em Sala de Aula**. In: XX SBIE. SBC, 2009.

FERRIANI, M. G. C.; SANTOS, G. V. B. **Adolescência, puberdade e nutrição**. Associação Brasileira de Enfermagem. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília (DF): ABEn, p. 77-92, 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e JA Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, A. A .S.; CABRAL, I. E . O cuidado à pessoa traqueostomizada. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. v. 12 n. 1, p. 9-84. Mar 2008.

FREITAS, F; MENKE, C. H; RIVOIRE, W. A; PASSOS, E. P. **Rotinas em ginecologia**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREITAS, L. V. **Construção e validação de hipermídia educacional em exame físico no pré-natal**. 116 f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Farmácia, odontologia e enfermagem Programa de Pós-graduação em enfermagem, Universidade do Ceará. Fortaleza 2010.

FURTADO, J. A. Bibliotecas na era digital. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 22, n.1, p.3-17, 1998.

GAZZINELLI, M. F.C. et al. Representações sociais da educação em saúde pelos profissionais da equipe de saúde da família. **Trabalho, educação e saúde** [online]., v.11, n.3, pp. 553-571. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462013000300006>. acesso em 12 de setembro 2015.

GIORA, R. C. F. A. **Quadrinhos na escola**. In: V World Congress on Communication and Arts - 2012 WCCA April 15 - 18, Portugal, 2012.

GOLCHIN, N. A. H. et al. The experience of puberty in Iranian adolescent girls: a qualitative content analysis. **BMC public health**, v. 12, n. 1, p. 698, 2012. Disponível em: <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/12/698> acesso em 16 de agosto de 2014.

GOMES, M. E. A. et al. Concepções e vivências da sexualidade: um estudo com usuárias da estratégia saúde da família. **Revista Baiana de Saúde Pública** v.34, n.4, p.919-93. out./dez. 2010.

GUBERT, F. A. et al. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. [Internet].; v. 11, n. 1, p. 165-72. 2009.

GUIMARAES, A. M. A. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, J. A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino-Americana Enfermagem** [online]. vol.11, n.3, pp. 293-298. 2003.

GUIMARÃES, E. **O Aprendizado da Linguagem da História em Quadrinhos** in: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, Rio de Janeiro Anais. São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116669860223277007952866416798756635631.pdf> acessado em 24 de novembro de 2015.

HEIMANN, C., et al. A construção do conhecimento da enfermagem baseada no método construtivista. **Revista da escola de enfermagem da USP**, vol.47, n.4, p.997-1000, Ago. 2013.

HOLANDA, J.B.L., TRINDADE, R.F.C. **Trabalhando a sexualidade com a mulher adolescente**. Projeto de extensão. Universidade Federal de Alagoas. 2009;

HOFFMANN, A. E.; COSTA, M. U. Gêneros textuais: proposta de ensino a partir de HQs. **Revista Língua & Literatura**. v. 11, n. 17, p. 29-52 Dez. 2009.

HORA, H. R. M.; MONTEIRO, G. T. R.; ARICA, J. Confiabilidade em Questionários para Qualidade: Um Estudo com o Coeficiente Alfa de Cronbach. **Produto & Produção**, v. 11, n. 2, p. 85-103, 2010.

KAMEL, C. R. L.. **Ciências e quadrinhos: explorando as potencialidades das histórias como materiais instrucionais**. Instituto Oswaldo Cruz, 2006.

KAWAMOTO, E. M; CAMPOS, L. M. L. Histórias em Quadrinhos como recurso didático para o ensino do corpo humano em anos iniciais do ensino fundamental. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 20, n. 1, p. 147-158, 2014.

KONRATH, M. L. P. et al. "Nós no Mundo": Objeto de Aprendizagem voltado para o 1º Ciclo do Ensino Fundamental. **Novas Tecnologias na Educação CINTED-UFRGS**, v. 4 Nº 1, Julho, 2006.

LACERDA, T. T.; MAGALHÃES, L. C.; REZENDE, M. B. Validade de conteúdo de questionários de coordenação motora para pais e professores. **Revista Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. v. 18, n. 2, p. 63-77. 2007.

LACERDA, T. T. B. et al. Validade de conteúdo de questionários. **Revista Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 18, n. 2, p. 63-77, maio/ago., 2007.

LANIUS, M. A. D. **Histórias em Quadrinhos: um estudo sobre seus leitores**. 96 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, curso de biblioteconomia, Porto Alegre, 2014.

LOPES, E. M. **Construção e validação de hipermídia educacional em planejamento familiar – abordagem à anticoncepção**. 141 f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Farmácia, odontologia e enfermagem. Programa de pós-graduação em enfermagem. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza 2009.

LOSS, M. A.; SAPIRO, C. M. **As possibilidades do engravidamento na adolescência: considerações sobre a construção da sexualidade feminina em contextos de periferia..** In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2., 2005, São Paulo. Proceedings online. Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000200042&lng=en&nrm=abn>. Acess on: 01 Mar. 2014.

LYNN, M. R. Determination and quantification of content validity. **Nurses Research**. v.35, n. 6, p 382-5. Nov-Dez. 1986.

MACEDO, S. R. H, et al. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 1, p. 103-9. jan-fev. 2013.

MANO, SMF; GOUVEIA, FC; SCHALL, VT. "Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias": jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde. **Ciência e educação**, Bauru , v. 15, n. 3, 2009.

MARTINS, C. B. G; et al. As questões de Gênero quando a sexualidade dos adolescentes. **Revista de enfermagem. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 98-104. Jan/mar 2012.

MEDEIROS, R. D., et al. Impacto da inserção da temática saúde sexual e reprodutiva na graduação de Medicina. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetria**. [online]. vol.36, n.3, pp. 107-112, 2014.

MERCADO, L. P. L. **Formação docente e novas tecnologias**. In: ANAIS DO IV CONGRESSO DA REDE IBEROAMERICANA DE INFORMÁTICA EDUCATIVA. p. 1-8. 1998.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**; v. 44, n. 1, p. 205-12. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a29v44n1.pdf> acesso em 22 de novembro de 2015.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAIS, S. P.; VITALLE, M. S. S. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Revista Associação Médica Brasileira**; v. 58, n. 1, p. 48-52, 2012.

MOREIRA, M. R. C.; SANTOS, J. F. F. Q. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. **Escola Anna Nery [online]**. vol.15, n.3, p. 558-566, 2011.

MOYA, Á. **Shazam**. São Paulo: Perspectiva, 1977 (Coleção Debates).

MULLER, L. **Educação Sexual Em 8 Lições - Como Orientar da Infância à Adolescência**. Rio de Janeiro: editora academia, 2013.

NAU, A. L et al. Educação sexual de adolescentes na perspectiva freireana através dos círculos de cultura. **Revista Rene**. V. 14, n. 5, p. 886-93, 2013.

NETO, A. S. et al. Programa de educação pelo trabalho para a saúde nas escolas: oficina sobre sexualidade **Revista brasileira de educação**. Rio de Janeiro, vol.36 no.1 supl.1 Jan./Mar. 2012.

NIETSCHE, E. A. et al. Tecnologias educacionais, assistenciais e gerenciais: uma reflexão a partir da concepção dos docentes de enfermagem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**; v. 13, n. 3, p. 344-53, maio-junho, 2005. Disponível em: www.eerp.usp.br/rlae

NIETSCHE, E. A. **Tecnologia emancipatória: possibilidade ou impossibilidade para a práxis de Enfermagem?** Ijuí (RS): UNIJUÍ; 2000.

NORWOOD, S. L. **Research strategies for advanced practice nurses**. Prentice Hall, 2000.

NUNES, J. S.; GONÇALVES, L. M. **O incentivo à leitura por meio das Histórias em Quadrinhos e tiras de jornal**. 2010. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uel_port_artigo_jandira_sagionetti_nunes.pdf acessado em 12 de outubro de 2015.

OLABUÉNAGA, J. I. R.; URIBARRI, M. A. I. **La descodificación de la vida cotidiana:: métodos de investigación cualitativa**. Universidad de Deusto; Deustuko Unibertsitatea, 1989.

OLIVEIRA, M. E. de; STOLTZ, T. **Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky**. Educar, Curitiba, Editora UFPR. n. 36, p. 77-93, 2010.

OLIVEIRA, M. S. **Autocuidado da mulher na reabilitação da mastectomia: estudo de validação de aparência e conteúdo de um recurso pedagógico** 114 f. Dissertação (mestrado). Faculdade de farmácia, odontologia e enfermagem. Programa de pós-graduação em enfermagem. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

OLIVEIRA, M. S.; FERNANDES, A. F. C.; SAWADA, N. O. Manual educativo para o autocuidado da mulher mastectomizada: um estudo de validação. **Texto contexto - enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 115-23, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000100013> acesso em 30 abril 2014.

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista de enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-76, out/dez 2008.

OLIVEIRA, T. C. de; CARVALHO, L. P.; SILVA, M. A. O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Revista brasileira enfermagem** [online]. v.61, n.3, p. 306-311. 2008.

OLIVEIRA, T. L. et al. Eficácia da educação em saúde no tratamento não medicamentoso da hipertensão arterial. **Acta Paulista de Enfermagem**. v. 26, n. 2, p. 179-84. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v26n2/v26n2a12.pdf> acesso em 12 de setembro de 2015.

ORGANIZAÇÃO DA NAÇÕES UNIDAS (ONU). Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). Divisão de informações e relações externas. Situação da população Mundial 2013. **Maternidade precoce: enfrentando o desafio da gravidez na adolescência**. ONU, 2013.

ORIÁ, M. O. **Tradução, adaptação e validação da Breastfeeding Self-Efficacy Scale: aplicação em gestantes** 188 f. Tese (doutorado). Departamento de Enfermagem. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

OVIEDO, H.; CAMPO-ARIAS, A. Aproximación al uso del coeficiente alfa de Cronbach. **Revista Colombiana de Psiquiatría**, vol. XXXIV. No. 4. 2005.

PASQUALI, L. Psicometria. **Revista Escola de Enfermagem da USP**. v. 43, n. especial, p. 9-992. 2009. Disponível em: www.ee.usp.br/reeusp/ acesso em 11 de novembro de 2015.

PEDRANCINI, V. D. et al, Ensino e aprendizagem de Biologia no ensino médio e a apropriação do saber científico e biotecnológico. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. vol. 6, n. 2, p. 299-309, 2007.

PEIXOTO, J. A concepção de dispositivos pedagógicos que integram as TIC. **Inter-Ação**, Goiânia: UFG, v. 34, n. 1, p. 89-104, 2009.

PEIXOTO, J. Relações entre sujeitos sociais e objetos técnicos: uma reflexão necessária para investigar os processos educativos mediados por tecnologias. **Revista Brasileira de Educação** v. 20 n. 61 abr.-jun. 2015.

PINTO, A. M. As novas tecnologias e a educação. **ANPED SUL**, v. 6, p. 1-7, 2004.

POESCHL, G.; MÚRIAS, C; RIBEIRO, R. As diferenças entre os sexos: Mito ou realidade? **Análise Psicológica**. v. 2 n. XXI, p. 213-228, 2003.

POLIT, D. F; BECK C.T. The content validity index: are you sure you know what's being reported? Critique and recommendations. **Research Nurse Health**. V. 29, n. 5, p. 489-97, 2006.

POLIT, D. F; BECK, C. T; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem**. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2011.

PRECISOSO, J. **Educação para a saúde na escola um direito dos alunos que urge satisfazer**. O professor, nº 85, III série, PP. 17-24, Março-Abril, 2004.

PROBST, E. R.; RAMOS, P.. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, 2003. disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf> acesso em 12 de setembro de 2015.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.) **Como usar Histórias em Quadrinhos na sala de aula**. 4 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: contexto, 2014.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

REIS, M. L. I. **Cognição: Piaget e Vygotsky**. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de mestrado em engenharia de produção. Disciplina - ergonomia cognitiva. Florianópolis, junho/2001.

REIS, R. Aprender na atualidade e tecnologias: implicações para os estudos no ensino médio. **Educação Real**. [online].Porto Alegre, vol.39, n.4, 2014.

REIS, V. L.; MAIA, A. C. B. Educação Sexual na Escola com a Participação da Família e o uso de Novas Tecnologias da Educação: Um Levantamento Bibliográfico **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 41, p 188 - 207, janeiro/fevereiro/abril 2012. Disponível em

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/2099/1937>
acesso em 27 de novembro de 2015.

RESSEL, L. B.; GUALDA, D. M. R. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. **Revista Escola de Enfermagem da USP**. v. 37, n. 3, p. 82-7. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n3/10.pdf> acesso em 24 de novembro de 2015.

RIOS, L. F. et al. Rumo à adultez: oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 45-61, agosto/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n57/12002.pdf> acesso em 22 de julho de 2015.

ROCHA, P. K., et al. Cuidado e tecnologia: aproximações através do Modelo de Cuidado. **Revista brasileira de enfermagem**. Brasília, v. 61, n.1, Jan./Feb. 2008.

RODRIGUES, A. M. M. Por uma filosofia da tecnologia. **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo, SP: Cortez, p. 75-129, 2001.

ROGOW, D. et al. Integrating gender and rights into sexuality education: field reports on using. **It's All One Reproductive Health Matters**; v. 21, n. 41, p. 154–166. 2013.

ROSSETTI, A.G.; MORALES, A.B. T. O papel da tecnologia da informação na gestão do conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 36, n. 1, p. 124-135, 2007.

RUBIO, D. M. G. et al. Objectifying content validity: Conducting a content validity study in social work research. **Social Work Research**, v. 27, n. 2, p. 94-104, 2003. Disponível em: <http://swr.oxfordjournals.org/content/27/2/94.short> acesso em 21/11/2015.

SALCI, M. A. et al. Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 224-30. Jan-Mar, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n1/pt_27.pdf acesso em 12 de setembro de 2015.

SANTOS, M. O.; GANZAROLLI, M. E. Histórias em Quadrinhos: formando leitores **TransInformação**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 63-75, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/480> acesso em 24/11/2015.

SANTOS, R.L.; VERGUEIRO, W. Histórias em Quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS – Revista Científica.**, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://search.proquest.com/openview/a282f2ffd9d913d879b788503dcdd663/1?pq-origsite=gscholar> acesso em 22/11/2015.

SILVA, A. P. P. **O uso educativo das tecnologias da informação e comunicação: um pedagogia democrática na escola**. 181 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

- SILVA, S. G. da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia, ciência e profissão**. [online]. vol.20, n.3, pp. 8-15. 2000.
- SOUZA, E.; BALDWIN, J. R; ROSA, F. H. A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 3, pp.485-496, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a16> acesso em 11/10/2015.
- SOUZA, E.; TOUTAIN, L. B. Histórias em Quadrinhos: barreiras para a representação documental. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 78-95, abril. 2010. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewArticle/3930> acesso em 24/10/2015.
- SOUZA, M. de L., et al. O cuidado em enfermagem: uma aproximação teórica. **Texto & contexto enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 266-270, 2005.
- TEIXEIRA, E. Tecnologias em Enfermagem: produções e tendências para a educação em saúde com a comunidade. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. [Internet]. V. 12, n. 4, p. 598, 2010. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n4/v12n4a01.htm>.
- THOFEHRN, M. B.; LEOPARDI, M. T. Construtivismo sócio-histórico de Vygostky e a enfermagem. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 59, n. 5, p. 694-98, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/v59n5a19.pdf> acesso em 10/12/2016.
- TIBA, I. **Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicosocial**. São Paulo: Ágora, 236p. 1986.
- TRINDADE, R.F.C.; CAVALCANTI, R.C.B. **Educação em sexualidade**. Projeto de extensão. Universidade Federal de Alagoas. 2010.
- TRINDADE, R.F.C et al, **Programa Novos Talentos**: Sub projeto Educação para a Saúde. Edital 033/2010/CAPE/DEB – Programa Novos Talentos. 2011 e 2012
- TRINDADE, R.F.C et al. **Programa Novos Talentos**: Subprojeto Sexualidade: validação de material educativo como ferramenta pedagógica. Chamada 14/2013.
- VALLE, L. E. L.R.; MATTOS, M. J. V. M. **Adolescência: as contradições da idade**. Rio de Janeiro, 2ª ed. Wak editora, 2010.
- VERGUEIRO, W.; PIGOZZ, D. Histórias em Quadrinhos como suporte pedagógico. **Comunicação & educação**. Ano XVIII, número 1, jan/jun 2013.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- VYGOTSKY, L. S. . **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WERLANG, R. B.; SCHNEIDER, R. de S.; SILVEIRA, F. L. Uma experiência de ensino de física de fluidos com o uso de novas tecnologias no contexto de uma escola técnica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 30, n. 1, p. 1503, 2008.

Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/rbef/pdf/301503.pdf> acesso em 25 de julho de 2015.

WHO, World Health Organization. **Young People's Health - a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All.** Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta convite para os juízes



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
ESCOLA DE ENFERMAGEM E FARMÁCIA - ESENFAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM (MESTRADO)**

CARTA - CONVITE

Prezado (a),

O Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas sente-se honrado em convidar V.Sa. a participar, na condição de juiz, do projeto de mestrado intitulado “**Puberdade: Validação de material educativo como recurso pedagógico para a promoção da saúde sexual e reprodutiva**”, de autoria da Mestranda Natália Palmoni Medeiros Dantas e orientação da Prof.^a Dra. Ruth França Cizino da Trindade. Trata-se de um estudo metodológico que se debruçará sobre o conteúdo de uma História em Quadrinhos, em que será utilizado o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) para análise dos dados, com o objetivo de caracterizar o instrumento como uma estratégia educacional válida.

Atenciosamente,

Maceió, _____ de 2015.

Natália Palmoni Medeiros Dantas
Pós-graduanda/ Mestranda

Prof.^a Dra. Ruth França Cizino da Trindade
Orientadora
ESENFAR/UFAL

ESENFAR/UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Av. Lourival Melo Mota, s/n Campus A.C. Simões - BR 104 - Norte
Km 97, Tabuleiro do Martins - Maceió - Al, CEP 57072-970
Fone: (82) 3214 1154

APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
ESCOLA DE ENFERMAGEM E FARMÁCIA - ESENFAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM (MESTRADO)

QUESTIONÁRIO

Juiz (a): _____ **data:** _____

Profissão: _____ **Idade:** _____

Titulação (marcar a maior titulação):

1. Graduação () 2. Especialização () 3. Residência () 4. Mestrado () 5. Doutorado () 6. Pós-doutorado ()

Atuação profissional atual:

Assistência 1. () sim 2. () não;

Ensino 1. () sim 2. () não

Pesquisa 1. () sim 2. () não;

Outros 1. () sim 2. () não)

Especificar: _____

Tem experiência profissional relacionada à educação sexual ou educação em saúde? Há quanto tempo?

1. () sim 2. () não;

2. Tempo: _____

Já teve alguma experiência anterior com o processo de construção e/ou validação de material educativo?

1. () sim 2. () não;

Você está recebendo o material educativo intitulado “Puberdade: o que acontece comigo?”, que faz parte da série Sexualidade e Educação, para atuar como juiz e avaliá-lo. Sugerimos a leitura e análise em geral do conteúdo do volume que está recebendo. Em seguida, leia as perguntas contidas na escala abaixo e indique seu grau de concordância ou discordância com declarações relativas à atitude que está sendo medida. Atribuímos valores numéricos para refletir a força e a direção de sua reação à declaração da afirmação.

Ao avaliar o material educativo da série Sexualidade e Educação para estudantes da educação básica, elaborado no formato de História em Quadrinhos, as declarações de concordância devem receber valores positivos ou altos, enquanto as declarações das quais discordam devem receber valores negativos ou baixos.

Sendo assim, para avaliar **CLAREZA**, as respostas incluem:

1 = não claro 2 = pouco claro 3 = claro 4 = muito claro

Para avaliar a **PERTINÊNCIA OU REPRESENTATIVIDADE**, as respostas incluem:

1 = irrelevante não representativo 2 = item necessita de revisão para ser representativo

3 = item relevante ou representativo e 4 = extremamente representativo.

Destaque a resposta que mais se adequa à sua avaliação.

<u>CLAREZA</u>						Valores
1 = não claro 2 = pouco claro 3 = claro 4 = muito claro		COMO VOCÊ AVALIA ...				
1.	O título da História em Quadrinhos?	1	2	3	4	
2.	A apresentação da História em Quadrinhos identificada na pág. 04?	1	2	3	4	
3.	O objetivo da História em Quadrinhos descrito na apresentação?	1	2	3	4	
4.	A relação entre as partes do texto da História em Quadrinhos?	1	2	3	4	
5.	A qualidade de redação e organização do texto em relação à concisão/ objetividade?	1	2	3	4	
6.	A qualidade de redação e organização do texto em relação à estrutura textual?	1	2	3	4	
7.	As ilustrações utilizadas na História em Quadrinhos?	1	2	3	4	
8.	Os diálogos dos personagens?	1	2	3	4	
9.	A harmonia da distribuição das ideias contidas nos parágrafos?	1	2	3	4	
10.	As frases utilizadas e o vocabulário considerando o público alvo (estudantes do ensino básico)?	1	2	3	4	
<u>PERTINÊNCIA OU REPRESENTATIVIDADE</u>						
1 = irrelevante não representativo						Valores
2 = item necessita de revisão para ser representativo,						

3 = item relevante ou representativo

4= extremamente representativo.

COMO VOCÊ CONSIDERA...

- | | | | | |
|--|---|---|---|---|
| 1. Em relação ao título da história? | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 2. Em relação ao tema da História em Quadrinhos? | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3. Em relação à originalidade da História em Quadrinhos? | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 4. Em relação à consistência do conteúdo da história para o acesso dos estudantes ao conhecimento sobre sexualidade? | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5. Em relação à qualidade do conteúdo? | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 6. Em relação à contribuição da história à aplicação de conhecimentos para a educação básica? | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 7. Em relação ao design pedagógico? | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 8. Em relação à qualidade das ilustrações? | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 9. Em relação aos diálogos dos personagens? | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 10. Em relação à compreensão da mensagem que se pretende transmitir? | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 11. Em relação às frases utilizadas e o vocabulário com base no público alvo (estudantes do ensino básico)? | 1 | 2 | 3 | 4 |

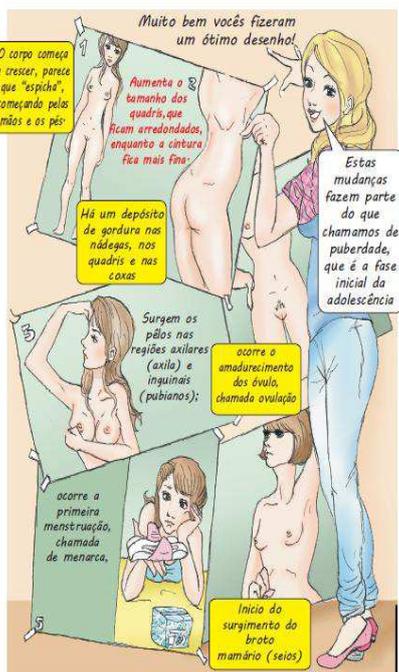
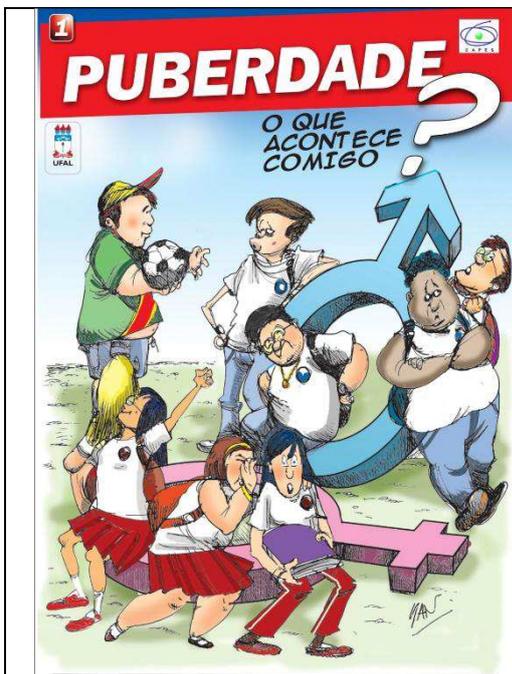
ESPAÇO LIVRE

- 12. Você gostaria de mudar alguma coisa na História em Quadrinhos? Descreva suas sugestões:**

13. Você gostaria de acrescentar algum conteúdo na História em Quadrinhos? Descreva suas sugestões:

**14. Você gostaria de excluir algum conteúdo na História em Quadrinhos?
Descreva suas sugestões:**

APÊNDICE C – História em Quadrinhos: “puberdade: o que acontece comigo?”



APÊNDICE D – Orientações para os juízes



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
ESCOLA DE ENFERMAGEM E FARMÁCIA - ESENFAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM (MESTRADO)**

ORIENTAÇÕES

Prezada,

Você está recebendo um exemplar da História em Quadrinhos intitulada “Puberdade: o que acontece comigo?”, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas cópias e o instrumento para a análise da História em Quadrinhos.

No instrumento tem todas as orientações de como o mesmo deverá ser preenchido. No TCLE tem algumas informações pertinentes ao trabalho, solicito que assine as duas cópias, sendo que uma fica com a senhora e a outra deverá ser devolvida.

Após a análise da História em Quadrinhos, solicito que o juiz envie para o e-mail: nataliapalmoni@hotmail.com apenas o instrumento preenchido e o TCLE assinado. Estarei enviando por e-mail o instrumento e o TCLE para sua melhor comodidade.

Agradeço a sua participação neste trabalho e quaisquer dúvidas ou esclarecimentos estou à disposição.

Atenciosamente,

Maceió, _____ de 2015.

Natália Palmoni Medeiros Dantas
Pós-graduanda/ Mestranda

Prof.^a Dra. Ruth França Cizino da Trindade
Orientadora
ESENFAR/UFAL

APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto: **Puberdade: Validação de material educativo como recurso pedagógica para a promoção da saúde sexual e reprodutiva**, para julgar a História em Quadrinhos Puberdade: o que acontece comigo? de responsabilidade de Natália Palmoni Medeiros Dantas, Ruth França Cizino da Trindade, Cláudia Benedita dos Santos, que será desenvolvido na Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas.

O nosso objetivo é verificar a clareza, pertinência e representatividade da História em Quadrinhos da Série Sexualidade e Educação apresentada para o Sr(a) neste momento.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa. Sua participação neste projeto será através da análise da História em Quadrinhos para conhecer o material educativo e depois, através de respostas a um instrumento de validação específico (em anexo). A leitura da História em Quadrinhos e a resposta ao questionário poderão ser feitas pelo(a) senhor(a) no local e na data que lhe forem conveniente, dentro de um prazo acordado entre ambos. O tempo para leitura, análise e preenchimento do questionário é de aproximadamente duas horas, mas gostaríamos de esclarecer que não existe obrigatoriamente, um tempo pré-determinado para leitura e resposta, sendo respeitado o tempo de cada um. Informamos que é importante que todo o questionário seja respondido.

Como benefício dessa pesquisa, destacamos que, se o material puder ser usado por crianças e adolescentes poderemos contribuir com um material educativo complementar para a educação em sexualidade que aborda o tema (*“colocar o tema da história”*) e pode assim promover a autonomia de aprendizado sobre a sexualidade.

Como risco de sua participação, há possível desconforto que a leitura e resposta possam causar e, para minimizá-lo, a mesma poderá ser lida e respondida ao questionário no local de sua escolha. Entretanto solicitamos sigilo quanto ao conteúdo, pois poderá sofrer ajustes de acordo com o resultado da pesquisa. Colocamo-nos a disposição para conversarmos sobre qualquer desconforto que sentir durante sua participação.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em encontros científicos e serão encaminhados para publicação em revistas científicas. Todas as informações sobre o(a) senhor(a), como nome, endereço, telefone, idade e qualquer outra, serão mantidas em completo anonimato.

Poderá haver recusa ou desistência na participação desta pesquisa, retirando seu consentimento em qualquer momento sem qualquer prejuízo nas relações profissionais. Informamos que, mesmo se recusando a responder o questionário, poderá proceder a leitura da História em Quadrinhos desde que se comprometa a manter sigilo sobre o conteúdo da mesma, como já solicitamos.

Destacamos que o(a) senhor(a) tem direito à indenização (conforme as leis vigentes no país), caso ocorra dano decorrente da participação na pesquisa, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

Este documento foi elaborado em duas vias, que deverão ser assinadas por ambas as partes envolvidas na pesquisa, e uma delas ficará com o(a) senhor(a).

Se o(a) senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, deverá entre em contato com Ruth França Cizino da Trindade (coordenadora da pesquisa) ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas: Prédio da Reitoria, sala do C.O.C., Campus A. C. Simões, Cidade Universitária. Telefone: 3214-1053. O Comitê de Ética analisou esse projeto e aprovou sua realização. O Comitê de Ética foi criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Após a leitura desse documento, compreendo as informações sobre a minha participação neste estudo e, estando ciente dos meus direitos, responsabilidades, dos riscos e benefícios que a participação implica, concordo em participar.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora (pós graduanda)

Ruth França Cizino da Trindade

Local: _____ / ____, ____ de _____ de 201__

APÊNDICE F – Apresentação do recurso pedagógico: “puberdade: o que acontece comigo?”

A História em Quadrinhos, aqui apresentada, foi desenvolvida em estilo real com personagens pinçados da miscigena brasileira, personagens estes que se identificam com o universo de qualquer estudante escolar brasileiro.

A História em Quadrinhos foi organizada em 27 páginas da seguinte maneira: a capa e contra capa apresenta o tema por meio do desenho gráfico de estudantes conversando sobre o universo feminino e masculino, bem como traz as informações sobre os responsáveis pela criação das Histórias em Quadrinhos. Em seguida teremos a apresentação do material, que descreve a justificativa e o objetivo do instrumento educativo, além de informar sinteticamente o conteúdo adiante.

O título é um elemento importante, tendo em vista que ele deve funcionar como um atrativo ao leitor. Assim optamos por deixar claro o que o leitor irá encontrar na História em Quadrinhos apresentada ao mesmo tempo em que buscamos aguçar a curiosidade do mesmo. Puberdade, o que acontece comigo?

Posteriormente vem a narrativa em si, abordando o conteúdo sobre puberdade em um grupo de meninos e meninas entre 9 e 11 anos de idade em uma cidade do interior de Alagoas. Os desenhos gráficos, personagens e o cenário, seguem uma representação semelhante à realidade da maioria dos estudantes brasileiros, em que a contextualização do conteúdo foi criada buscando relacionar o máximo possível com a realidade.

A História em Quadrinhos tem uma estrutura mais tradicional, em que os quadrinhos seguem o sentido de leitura do texto de cima para baixo e da esquerda para a direita. A técnica de desenho utilizada foi uma representação caricatural, dando ênfase, à construção de personagens com características gerais da população brasileira.

Foram utilizados diversos formatos de quadrinhos e vinhetas na mesma página evitando a monotonia visual, bem como utilizamos uma variedade de enquadramentos, no intuito de tornar a leitura mais dinâmica e atrativa.

Nas Histórias em Quadrinhos, deve-se tomar o cuidado de manter o leitor curioso e atento, para isso é necessário um planejamento deliberado que permite deixar o leitor envolvido pela narrativa sem perder a atenção. Para isso, elaborou-se os quadrinhos e as páginas de quadrinhos levando em consideração todos os

elementos, criando uma dinâmica interna que facilitasse o entendimento, ou seja, buscou-se encadear toda a narrativa, não deixando momentos vagos.

O cenário em que se passa à narrativa é no ambiente escolar, que ultrapassa os muros da escola, deixando claro que a temática pode ser abordada em vários ambientes e de diferentes formas. Quanto aos personagens, temos uma protagonista e os personagens secundários. A protagonista, graficamente é distinta dos outros personagens pelas características físicas e sociais, nesta história apresentada, a protagonista é a professora. Os personagens secundários são os estudantes que, apesar de serem secundários, eles dão vida a narrativa, tendo em vista que são eles os principais interessados sobre o conteúdo abordado.

Quanto aos diálogos, tendo em vista que a construção dessa História em Quadrinhos foi planejada no intuito de facilitar a abordagem e aprendizagem da temática por crianças e adolescentes, optamos por um utilizar um vocabulário com gírias e expressões que se aproximam com a linguagem utilizada pela maioria dos jovens, preservando assim a simplicidade do vocabulário e conseqüentemente atraindo o jovem para esse tipo de leitura.

Ao final da narrativa tem um painel com algumas questões disparadoras para instigar a reflexão e um espaço com sugestão de pontos importantes para discussão. E no verso tem a sinopse.

Ao final, a História em quadrinhos se encerra com algumas perguntas norteadoras para estimular a reflexão e discussão em grupo sobre a temática abordada, permitindo que esta metodologia possa ser utilizada em diversos espaços.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Validação de material educativo como ferramenta pedagógica para a promoção da saúde sexual e reprodutiva

Pesquisador: RUTH FRANÇA CIZINO DA TRINDADE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 32997414.2.0000.5013

Instituição Proponente: Universidade Federal de Alagoas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 770.585

Data da Relatoria: 01/08/2014

Apresentação do Projeto:

"Este trabalho tem como objeto de estudo a validação de uma ferramenta pedagógica voltada ao adolescente frente a puberdade e a possibilidade de procriação. Trata-se de um estudo metodológico que se debruçará sobre o conteúdo de duas histórias em quadrinhos, com base na avaliação de dez juízes para cada história, distribuídos entre professores da educação básica, pesquisadores e profissionais da rede básica de saúde. Será utilizado o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) para poder caracterizar as histórias em quadrinho como uma estratégia educacional válida. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo validar a clareza, pertinência e representatividade de material educativo, no formato de duas histórias em quadrinhos, intituladas "Puberdade: o que acontece comigo?" e "Fecundação: posso gerar um filho?" como ferramentas pedagógicas para educação básica. Assim este trabalho reveste-se de grande importância, visto que representa uma oportunidade de instrumentalizar professores e pais na forma de lidar com esta fase de vida, promovendo autonomia dos adolescentes e constituindo-se em uma ferramenta para saúde pública, de abordagem pluralista, que valoriza o caráter universal da puberdade e o singular da adolescência, podendo ser usada nas escolas e extramuros, trazendo um avanço efetivo no campo da educação em saúde."

Endereço: Campus A - C Simeões Cidade Universitária
 Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-900
 UF: AL Município: MACEIO
 Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comitedeticoufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Protocolo: 770.985

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

• Validar as histórias em quadrinhos da série sexualidade e educação sobre puberdade e fecundação como ferramenta pedagógica para educação básica.

Objetivo Secundário:

• Validar a aparência e conteúdo englobando a clareza, pertinência e representatividade da história em quadrinhos denominada "Puberdade: Algo acontece comigo" da Série Sexualidade e Educação, com profissionais da área da saúde e educação, incluindo professores da educação básica; • Validar a aparência e conteúdo englobando clareza, pertinência e representatividade da história em quadrinhos denominada "Fecundação:

Meu corpo pode gerar uma vida" da Série Sexualidade e Educação, com profissionais da área da saúde e educação, incluindo professores da educação básica.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

***Riscos:**

Os riscos da pesquisa são bastante diminutos, podendo ser elencados: •Alguns constrangimento ou desconforto de natureza psíquica e/ou moral no momento de explicitar as suas respostas; •Quebra da confidencialidade, vinculando os resultados da pesquisa aos entrevistados, permitindo assim sua identificação. Todos os procedimentos que serão realizados na pesquisa serão detalhadamente explicados aos sujeitos. Durante todo momento, os participantes da pesquisa serão incentivados a participarem ativamente da pesquisa, questionando e esclarecendo dúvidas relacionadas ao instrumento de coleta de dados e quaisquer outros procedimentos aos quais sejam submetidos. A confidencialidade dos participantes da pesquisa será cuidadosamente controlada. Em nenhum momento ou por quaisquer meios, existirá a possibilidade de divulgação pública dos resultados que permita identificar os entrevistados na pesquisa.

Benefícios:

Os benefícios da pesquisa são bastante significativos: • Oferta de uma ferramenta complementar de ensino para garantir a formação de adolescentes sobre sexualidade por meio de conteúdos inovadores; •Fortalecimento das metodologias ativas de ensino, ajudando no desenvolvimento das atividades educativas no ambiente escolar e nas unidades de saúde; •A ferramenta pedagógica proposta promove a autonomia de aprendizado dos adolescentes em relação à sexualidade."

É considerada adequada a relação entre riscos e benefícios.

Endereço: Campus A - C. Sílvio Cidade Universitária
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-900
UF: AL Município: MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comitedeeticufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 770.505

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante para o campo da educação em saúde.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

São apresentados satisfatoriamente.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações:

Protocolo atende as recomendações éticas da Resolução 466/12.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

MACEIO, 28 de Agosto de 2014

Assinado por:
Deise Juliana Francisco
(Coordenador)

Endereço: Campus A - C. Símbios Cidade Universitária
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-900
UF: AL Município: MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comitedeticoufa@gmail.com